



UniFIAMFAAM

Centro Universitário das Faculdades Integradas Alcântara Machado

TÉCNICAS DE REDAÇÃO

Prof^a Ana Tereza Pinto de Oliveira

Fevereiro/2012

M. C. Escher – *Drawing hands* (1948)

A poesia
— toda —
é uma viagem ao desconhecido.

A poesia
é como a lavra¹
do rádio²,
um ano para cada grama.

Para extrair
uma palavra,
milhões de toneladas
de palavra-prima.

Vladimir Maiakóvski, tradução Augusto de Campos

²Lavra: extração de metais, exploração econômica de uma jazida.

³Rádio: elemento químico de número atômico 88 da família dos metais alcalinoterrosos (símb.: *Ra*).

É importante, em todos os níveis de desempenho profissional, o domínio da língua portuguesa para uma expressão clara, fluente e correta (correção como adequação a uma dada circunstância, a um determinado público). Mas, para o comunicador social, essa importância é requisito sem o qual não se presta um serviço à comunidade.

Para realizar essa tarefa, o aluno deve: gostar de, estar habituado a e saber ler os vários níveis de um texto, percebendo sua organização interna, identificando as intenções nele contidas (e às vezes mascaradas), o tipo de discurso utilizado, distinguindo o nível do conteúdo do nível da expressão e percebendo como se harmonizam, distinguir a denotação da conotação; saber escrever, levando em consideração um público-alvo, a situação sociocomunicativa e o veículo – que determinarão o nível de linguagem e os recursos de que fará uso.

I – PLANO DE CURSO

- 1) A comunicação humana: elementos, funções da linguagem, implícitos
- 2) O signo linguístico e o trabalho com o significante. Exploração gráfica do significante
- 3) O signo linguístico e o trabalho com o significante. Exploração sonora do significante
- 4) Denotação e conotação – Texto literário e texto não literário
- 5) Modalidades e variações linguísticas
- 6) Fatores de textualidade
- 7) Gêneros textuais
- 8) Tipos textuais
- 9) Redação (premissas básicas)
- 10) O texto descritivo/ Acentuação
- 11) O texto descritivo/ Ortografia
- 12) O texto narrativo/ Elementos coesivos
- 13) O texto narrativo/ Elementos coesivos
- 14) O texto narrativo/ Elementos coesivos
- 15) O texto dissertativo/ Uso dos pronomes
- 16) O texto dissertativo/ Uso dos pronomes
- 17) O texto dissertativo/ Uso dos pronomes
- 18) Leitura de texto (aferição): ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar*. São Paulo: Atelier Editorial, 2008. (Disponível **também** em:
<http://www.4shared.com/document/LnU48Zx7/A_Arte_de_Argumentar_-_Antonio.htm>.)
- 19) Avaliação regimental
- 20) Vista de provas

II – OBJETIVOS DA DISCIPLINA

O aluno deverá ser capaz de:

1. expressar-se de forma clara, concisa, precisa, objetiva, criativa e correta, sabendo utilizar as possibilidades que a língua lhe oferece e adequando-as ao veículo, público e contexto;
2. ler textos teóricos, perceber seus movimentos, discutir e criticar os conceitos neles apresentados;

3. utilizar-se, com segurança, do instrumental normativo para comunicar-se, de acordo com a situação, segundo o padrão gramatical vigente.

III – BIBLIOGRAFIA

Bibliografia básica

ABREU, Antônio Suárez . *A arte de argumentar*. São Paulo: Atelier Editorial, 2008.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. São Paulo: ABL, 1999.

CALDAS AULETE. *Dicionário eletrônico*. Rio de Janeiro: Lexicon. (download gratuito)

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário eletrônico*: dicionário da língua portuguesa, dicionário de regência verbal, dicionário de regência nominal. São Paulo: Ática, 1998. 1 CDrom

Bibliografia complementar:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. São Paulo: Ática, 1987.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969.

KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

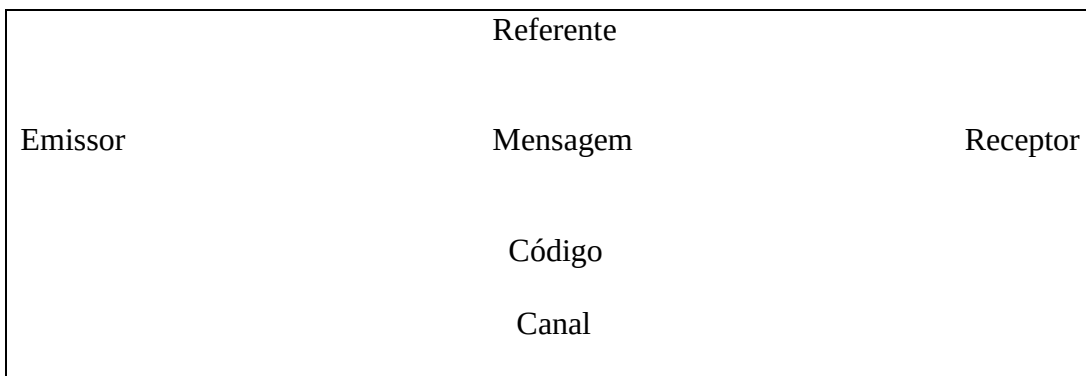
1. A COMUNICAÇÃO HUMANA

O homem utiliza a linguagem para comunicar-se. Ela, além de propiciar o progresso (já que o ser humano, através da linguagem, pode codificar e armazenar suas experiências e descobertas para transmiti-las a outras gerações), é um fator de interação e coesão social.

A linguagem pode ser verbal (o código linguístico) e não verbal (todos os outros códigos: icônico, gestual, cromático, etc.). As características inerentes à linguagem verbal são:

- o *dialogismo*: a linguagem sempre remete a algo já dito e dirige-se a alguém, ela só é viva porque é orientada para o outro com o qual entra em interação;
- a *argumentatividade*: através da linguagem, o enunciador (emissor) imprime, por meio de palavras, uma direção argumentativa a seu texto, indicando como o enunciatário (receptor) deve/pode entendê-lo.

A comunicação é um processo que exige determinados fatores, elementos mínimos para poder realizar-se. No quadro a seguir, você verá o esquema clássico da comunicação proposto pelo linguista Roman Jakobson:



Analisemos esses fatores:

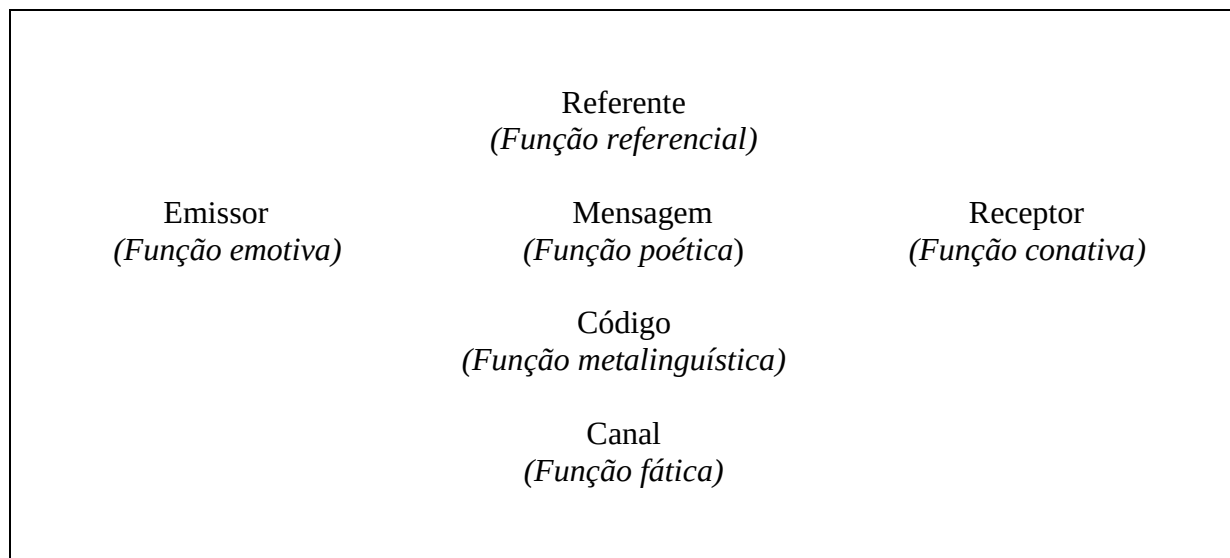
- **emissor**: você. A partir de uma situação de comunicação, caberá a você escolher, entre as possibilidades que os códigos colocam à sua disposição, os enunciados que melhor se ajustem aos seus propósitos interacionais;
- **receptor**: seu leitor. O destinatário vê, ouve, lê etc., traduz os códigos (decodifica), entende e interpreta. É importante enfatizar que é o leitor quem vai determinar a escolha de palavras e todos os outros recursos de organização da mensagem que você vai utilizar, pois uma das características fundamentais da linguagem é o dialogismo, a interação;
- **referente**: assunto sobre o qual você vai falar/escrever;
- **mensagem**: ou texto é uma manifestação comunicativa, concretizada por alguma materialidade (grafia, som, imagem, gestos...). Ela é produzida por alguém, em uma situação concreta (contexto), com alguma finalidade;
- **código**: é uma convenção, um contrato, que controla a relação entre aquilo que se pode perceber através dos sentidos (significante) e seu significado. Essa relação entre o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado) constitui uma unidade abstrata, a que se dá o

nome de signo (no ato de linguagem, será concretizado por alguma materialidade visual, sonora, tátil...). É a partir do código que um estímulo físico qualquer pode virar signo. É importante enfatizar que o código que o comunicador social vai usar é a Língua Portuguesa, a qual deve dominar em todas as suas variantes;

- **canal (meio, veículo ou mídia):** é o meio físico que transporta a mensagem e possibilita o contato entre o emissor e o destinatário da mensagem. Há dois tipos de canal – natural e tecnológico –, que, quando necessário, complementam-se (isso ocorre sobretudo na publicidade e em textos de RTV). Assim, podemos aumentar a abrangência do canal natural, com o auxílio de um canal tecnológico. A televisão, por exemplo, é um meio, canal ou veículo tecnológico, pelo qual podemos ver e ouvir o mundo todo, o que a nossa visão e audição (canais naturais) não permitem. Os canais tecnológicos (telefone, internet, rádio, impressos etc.) são chamados pelos especialistas em comunicação de *mídias*. Quando a comunicação é realizada somente com o canal natural (ar), ela é denominada comunicação direta. A comunicação realizada com o auxílio da *mídia* (canal tecnológico) é denominada comunicação indireta.

Funções da Linguagem

Segundo o linguista russo Roman Jakobson, em toda comunicação há uma intenção predominante por parte do emissor da mensagem. Esse objetivo do emissor faz com que, nas mensagens, cada fator, que corresponde a uma das funções da linguagem, esteja mais enfatizado do que outros (**a questão é de hierarquização das funções e não de exclusão**). Assim:



a) O remetente informa de modo objetivo → função denotativa ou referencial → ênfase no contexto. Ex.: bula de remédio, manual de instrução, notícia de jornal.

b) O remetente trata de seus sentimentos, emoções → função emotiva → ênfase no emissor. Ex.: músicas românticas, poesia lírica (gênero de poesia em que o poeta canta suas emoções e sentimentos íntimos).

c) O remetente quer influenciar o comportamento do destinatário → função conativa → ênfase no destinatário/receptor. Ex.: publicidade.

d) O emissor quer explicar alguma palavra que faz parte da mensagem, isto é, usa o código para falar do próprio código → função metalinguística → ênfase no código. Ex.: dicionário.

e) O remetente testa se o destinatário está recebendo bem a mensagem → função fática → ênfase no contato/canal de comunicação. Ex.: a conversa de elevador.

f) O remetente preocupa-se com a elaboração da forma da mensagem → função poética → ênfase na mensagem. Trata-se de um trabalho com a linguagem. Ex.: metáforas, aliterações, rimas, ritmo etc.

Lembre-se de que essas funções dificilmente aparecem sozinhas nos textos. Na maioria das vezes, ocorre uma hierarquização de funções. Veja nos exemplos a seguir.

Exemplos:

Função referencial – uma notícia do jornal.

Tiradentes rendeu pensão especial para sete trinetos

Criada na ditadura militar, aposentadoria especial já foi paga a sete trinetos do mártir da Inconfidência, enforcado há 219 anos. Uma das descendentes recebeu o benefício por 18 anos.

Função emotiva – qualquer texto em que sentimentos, emoções, opiniões do receptor sejam enfatizados:

Amor, então,
Também acaba?
Não que eu saiba
O que eu sei
É que se transforma
Numa matéria-prima
Que a vida se encarrega
De transformar em raiva
Ou em rima

(Paulo Leminski, *Caprichos e Relaxos*)

Função conativa ou apelativa – procura convencer o receptor, o uso do modo imperativo, na maioria das vezes, prevalece:

“A Stella Barros está lançando uma novidade *on ice*: os novos programas para as mais incríveis estações de esqui dos EUA. São várias opções para a próxima temporada de inverno: Aspen, Vail e Park City. E em todos os programas você e sua família contam com uma infraestrutura completa, que inclui hotéis, restaurantes, instrutores, equipamentos e transporte.” (Vip, nov. 95)

Função metalinguística: utiliza o código (seja ele qual for) para “falar” do próprio código:

“Quadrinhos: s.m.pl. Narração de uma história por meio de desenhos e legendas dispostos numa série de quadros; história em quadrinhos.” (*Minidicionário Luft*. 9ª ed. São Paulo: Ática/Scipione, s.d. p. 511.)

Função fática – predomínio das mensagens que têm por objetivo principal não a transmissão de informações, mas o prolongamento da comunicação ou sua interrupção, para atrair a atenção do destinatário ou verificar sua atenção:

Alô! Alô!, marciano

Aqui quem fala é da Terra... (Rita Lee)

Função poética – caracteriza-se pelo trabalho com a linguagem:

Trova

Quem as suas mágoas canta,

Quando acaso as canta bem

Não canta só suas mágoas,

Canta a de todos também.

(Mário Quintana)

As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão (...) (Guimarães Rosa)

Exercícios

Identifique a função da linguagem predominante em cada um dos enunciados:

1) O cultivo da soja foi o que mais cresceu no Brasil nos últimos quinze anos e representa, atualmente, o ramo mais importante do setor oleaginoso.

2) Sinta a suave sensação de Nívea loção.

3) “Alô, dona Maria, como vai a sua tia?

Alô, dona Aurora, como vai a senhora?” (Chacrinha)

4) beba coca cola

babe cola

beba coca

babe cola caco

caco

cola

cloaca

(Décio Pignatari)

5) Eu sei que um outro deve estar falando,

ao seu ouvido,

palavras de amor como eu falei,

mas eu duvido,

duvido que ele tenha tanto amor

e até os erros do meu português ruim

e nessa hora você vai

vai lembrar de mim. (Roberto e Erasmo Carlos)

6) O adjetivo é essencialmente um modificador do substantivo. (CUNHA, C.C. e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 238.)

Em todo esse processo de comunicação, o *contexto* é de fundamental importância, pois, dependendo dele, um mesmo enunciado pode adquirir significados diferentes. Observe a oração *A porta está aberta* nas seguintes situações:

- diz a moça num dia de calor: *A porta está aberta e, por ela, entra uma brisa fresca*. O conteúdo da mensagem indica, simplesmente, que a porta está aberta;
- o barulho do corredor é muito intenso e o professor, incomodado com a situação, queixa-se a um aluno que está perto da porta: *A porta está aberta*. Sua intenção não é constatar que a porta está aberta, mas pedir ao aluno que a feche;
- um aluno está brigando com o professor e diz-lhe que não suporta mais sua aula. O professor responde: *A porta está aberta*, ou seja, *Pode sair*;
- um empregado de uma empresa recebe uma proposta para trabalhar num outro lugar, com um salário melhor e possibilidade de ascensão na carreira. Seu empregador lhe diz que está feliz com essa perspectiva; mas, se algo não correr bem no próximo emprego, *A porta está aberta*, ou seja, ele poderá voltar.

É por isso que se diz que, na comunicação, é preciso sempre levar em consideração o contexto e reconhecer a intenção de quem produz a mensagem. Assim, nas frases acima, o leitor deve perceber a força ilocutória (a intenção), para que a interação se estabeleça.

A linguagem também trabalha (e muito) com implícitos, espécie de passageiros clandestinos, que agem sub-repticiamente³, daí a necessidade de saber ler as lacunas. Os implícitos podem ser de duas naturezas:

- **pressupostos:** mensagens cuja inferência é automática. Em *Paulo deixou de fumar*, a inferência é que ele fumava antes, pois o verbo *parar* autoriza essa leitura. Ou *Jean nasceu na França, mas é bem-humorado*. O *mas* pressupõe que quem nasce na França é mal-humorado. Há sempre na frase um elemento linguístico que permite a pressuposição.
- **subentendidos:** mensagem que “transfere” ao emissor a responsabilidade de atribuir determinado sentido ao texto. É o caso da ironia, em que é difícil provar que o emissor quis dizer tal coisa, isto é, muitas vezes não se pode provar, com apoio no texto, a intenção do emissor. Para sua leitura, o receptor deve conhecer o contexto. Por exemplo, no ano de 2004, uma escola de idiomas em sua publicidade veiculou esta frase em cartazes:

Duas línguas dão mais prazer do que uma

³ Feito às ocultas; furtivamente.

A primeira leitura marota é erótica, mas o publicitário pode dizer que não foi isso que quis dizer, mas somente que, sabendo duas línguas, você pode ter acesso a duas culturas e ter muito mais prazer no aprendizado.

Exercícios⁴:

1) Tire a conclusão possível:

- Na cidade, todos os prédios com mais de três andares ficam na praça da matriz. O Zé Carlos disse que mora no 6º andar. Logo, o Zé Carlos ...
- As marcas dos pneus ficaram a um metro e noventa de distância. Nenhum carro tem uma bitola tão larga. Portanto, as marcas de pneus ...
- Para ser diplomata, era preciso ter o curso do Itamaraty, ou ter se notabilizado por uma obra artística considerada de grande expressão. Não me consta que o poeta Vinicius de Moraes tivesse feito o curso do Itamaraty. Logo, ...
- Nenhum bolo de aniversário comprado em confeitaria custa hoje menos de 30 reais. Se o João gastou menos de 30 reais com o bolo de aniversário do irmãozinho, então...
- Na véspera do concerto, o banco mandou convite para cada um dos clientes com mais de cinco mil reais na carteira de investimento. Se o Zé Carlos não foi convidado, é que ...

2) **Em época próxima ao Dia dos Namorados de 1999**, a montadora Renault estava promovendo o carro modelo Scénic por meio de uma propaganda em que aparecia a frase: “No Dia dos Namorados, a Renault lembra: os bancos do Scénic podem ficar em 97 posições diferentes”. Explique-a.

3) **Levando em consideração o que é um pressuposto, explique por que esta propaganda é potencialmente nociva ao comerciante que a utiliza.**

**Não se deixe explorar pela concorrência!
Compre na nossa loja.**

4) **Como você interpretaria esta sequência de perguntas (de um juiz) e respostas (de uma acusada) registrada durante uma audiência no tribunal?**

Pergunta: A senhora passou alguma vez a noite com este homem em Nova York?

Resposta: Eu me recuso a responder a essa pergunta!

Pergunta: A senhora passou alguma vez a noite com este homem em Chicago?

Resposta: Eu me recuso a responder a essa pergunta!

Pergunta: A senhora passou alguma vez a noite com este homem em Miami?

Resposta: Não!

5)

Reduit é leite puro e saboroso.

Reduit é saudável, pois nele quase toda gordura é retirada, permanecendo todas as outras qualidades nutricionais.

Reduit é bom para jovens, adultos e dietas de baixas calorias.

(texto de uma embalagem de leite em pó)

⁴ Exercícios extraídos de ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica*. São Paulo: Contexto, 2001.

- a) No texto, a gordura pode ser entendida também como uma qualidade nutricional? Justifique sua resposta, transcrevendo do texto a expressão mais pertinente.
- b) As qualidades nutricionais de um produto, segundo o texto, sempre fazem bem à saúde? Justifique sua resposta.

6) Suponha uma notícia esportiva como esta:

“O jogo de ontem à noite no Pacaembu foi um espetáculo memorável. No gramado, os atletas do São Paulo e do Corinthians deram uma exibição de arte. Nas arquibancadas, mesmo a torcida do Corinthians se comportou civilizadamente.”

Ao ler a notícia, um torcedor corintiano protestou contra o jornal.

- a) O torcedor tinha motivo para fazer o protesto? Por quê?
- b) Qual é a palavra da notícia mais reveladora da opinião do redator?
- c) Que pressuposto essa palavra estabelece dentro do contexto da notícia?

7) Dois adesivos foram colocados no vidro traseiro de um carro. Um em cima:

DEUS É FIEL

E o outro bem embaixo:

PORQUE PARA DEUS NADA É IMPOSSÍVEL

É possível ler os dois adesivos em sequência, constituindo um único período. Nesse caso:

- a) O que se estaria afirmando sobre a fidelidade?
- b) O que o dono do carro poderia estar querendo afirmar sobre si mesmo?

8) Está circulando na internet uma mensagem que diz o seguinte:

“Atenção! Os extraterrestres estão chegando para sequestrar todas as pessoas bonitas. Você está seguro, só estou escrevendo para me despedir.”
--

Quais as duas informações que se podem pressupor dessa mensagem?

9) Observe estas duas frases:

- Em Cuba, até as universitárias são prostitutas.
- Em Cuba, até as prostitutas são universitárias.

- a) A primeira frase pressupõe uma crítica ao regime cubano. Qual?
- b) E a segunda?

10) “Pressupostos são ideias não ditas de modo explícito (ou seja, são informações implícitas), mas que o leitor pode perceber a partir de certas palavras ou expressões contidas no enunciado. Por

exemplo, em ‘Pedro parou de fumar’, o verbo ‘parou’ permite pressupor que Pedro fumava antes, embora essa informação não esteja explícita.”

Em qual das seguintes frases não há palavra(s) que indique(m) haver pressuposto?

- a) O New Civic está ainda mais luxuoso.
- b) Luciana é pobre, mas veste-se bem.
- c) Desde que casou, Ricardo não cumprimenta mais ninguém.
- d) Maria continua triste.
- e) Nenhuma das anteriores.

2/3 O SIGNO LINGUÍSTICO

O signo, aquilo que representa algo para alguém, compõe-se de um elemento material, perceptível – o significante – e um elemento conceitual, não perceptível, conceitual – o significado. Entre significante e significado se estabelece uma relação arbitrária proveniente de um acordo implícito ou explícito entre os usuários de uma mesma língua, assim essa relação é convencional, arbitrária e aprendida.

Trabalho com o significante

I – Aspectos visuais

Seu trabalho, agora, é “escrever/desenhar” palavras, fazendo com que a relação significante/significado não seja mais arbitrária, mas motivada.

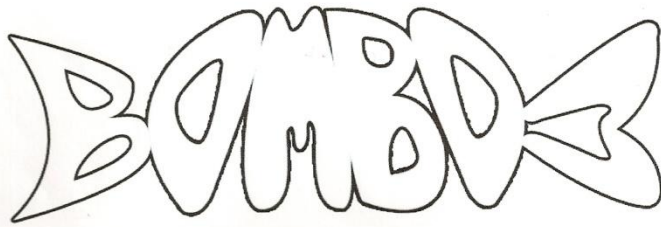
Primeiramente, você vai trabalhar denotativamente e, em seguida, produzirá metáforas visuais⁵.

⁵ No e-mail de sua sala, há uma série de exemplos desse trabalho realizado por alunos do primeiro semestre de Comunicação Social, 2009.

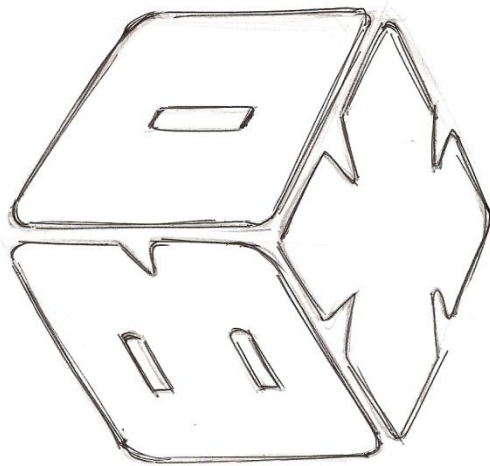


TRAGO de F. Silveira - 5407333

BOMBO



Fernando Fernandes 29/04/09
Comunicação Social FIAM



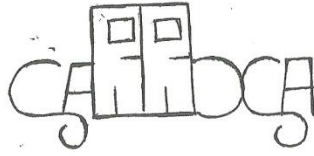
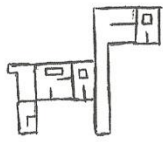
MARCO HORTA Nº23
STENOGRÁFICO

CAROLINA MIRANDA





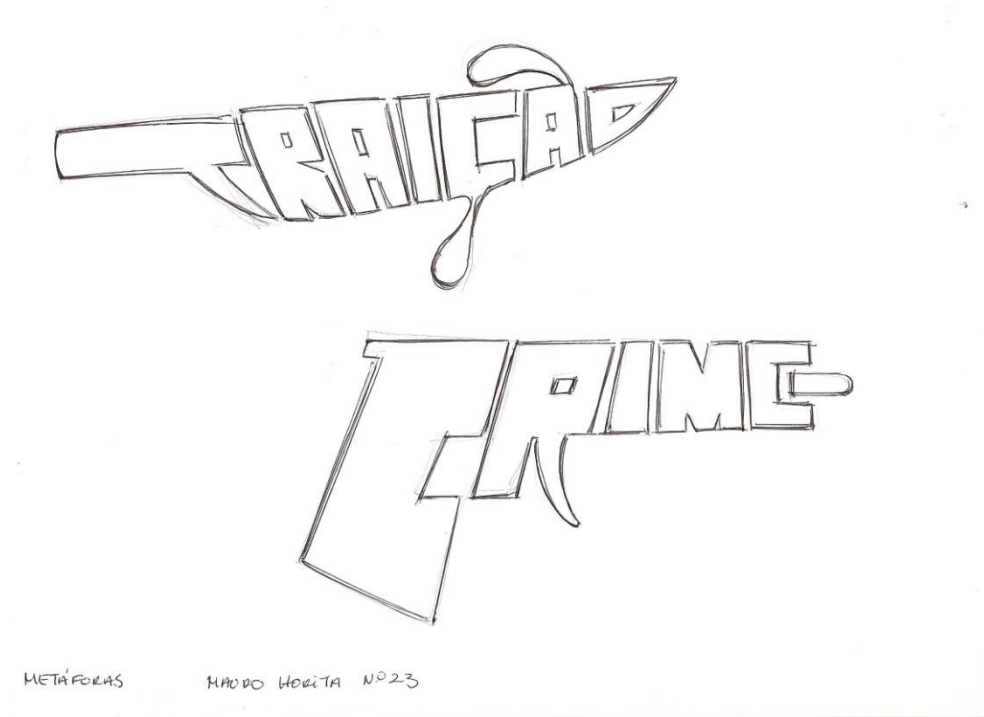
Italo Yuri



Nome: Graziela de O. Felix
Curso: Pedagogia e Psic.

PIZZA

Tiara de F. Silveira - 5407333



(Augusto de Campos)

Obs.: Veja outros exemplos nos anexos.

Observe como os autores dos textos abaixo utilizaram a forma gráfica:

COMO UM KAMIKAZE

A mosca azul finalmente pousou sobre a gelatina
Gelatinou zonza até os ares, seca
A mosca azul finalmente pousou sobre
Gelatinou zonza até os ares
A mosca azul finalmente pousou
Gelatinou zonza até
A mosca azul finalmente
Gelatinou zonza
A mosca azul
Gelatinou
A mosca
A há quanto tempo quero pousar!
 (Artur Adriano Borges Ferreira — Fiam/78)

Epitáfio para um banqueiro
n e g ó c i o
e g o
ó c i o
c i o
o
(José Paulo Paes)

CIDADE

ATROCADUCAPACAUSTIDUPLIELASTIFELIFEROFUGA
HISTORIOQUALUBRIMENDIMULTIPLIORGANIPERIO-
DIPLASTIPUBLIRAPARECIPROSAGASIMPLITENAVELO-
VERAVIVAUNIVORACIDADE
CITY
CITÉ
(Augusto de Campos)

vai e vem
e e
vem e vai
(J. L. Grünewald)

II – Exploração do significante para criar outros significados

Muitas vezes, para criar um efeito-surpresa, alguns autores conseguem gerar significações novas por meio da montagem/invenção de palavras, a partir de duas ou três já existentes; ou da desmontagem de palavras já existentes, criando outro significado. Veja:

Montagem	Desmontagem
abusufruto (abuso+uso+usufruto)	amor tece dor (amortecedor)
proprietário (proprietário+otário)	ali é nação (alienação)
festivaia (festival+vaia)	carrega a dor (carregador)
tranquilometragem (tranquilidade+quilometragem)	feliz ardo (felizardo)
sertanojo (sertanejo+nojo)	os sós (ossos)

Observe como estes autores forçam a desautomatização de sua percepção (porque se utilizam dos procedimentos acima descritos) para que você consiga realizar a inteligência destes textos:

REALIDADE
É
A
IDA
REAL
DA
IDADE
sem volta
(Fábio L. Silva — Fiam/77)

durassolado	solumano
petrifincado	corpumano
amargamado	pardumano
agrusurado	servumano
capitalienado	gadumano
massamorfado	desumano

(José Lino Grünewald)

(...)

Parafins gatins alphaluz sexonhei la guerrapaz
Ouraxé palávoras driz okê cris expacial
projeitinho imanso ciuortevida vidavid
lambetelho frúturo orgasmaravalha-me Logun
homenina nel paraís de felicidadania:
outras palavras.

(Caetano Veloso)

ETERNAMENTE (fragmento)
eternamente
é ter na mente
ternamente
eternamente
éter na mente (Walter Franco)

De palavra em palavra

SOM

MAR

AMARELANIL

MARÉ

ANILINA

AMARANILANILINALINARAMA

SOM

MAR

SILÊNCIO

NÃO

SOM

(Caetano Veloso)

Agora tente criar um texto em que o significado esteja em busca de novos significantes.

III – Aspectos sonoros

Ouçã:

“Ondulou de mansinho alguns passos denunciados apenas na branda alavanca das ancas.” (Otto Lara Rezende)

“Amor morto motor da saudade” (Caetano Veloso)

“Acho que a chuva ajuda a gente a se ver...” (Caetano Veloso)

“Toda gente homenageia Januária na janela,
Até o mar faz maré cheia pra chegar mais perto dela.” (Chico Buarque)

Pompom com Protex protege o nenê

Sinta a suave sensação de *Nívea Loção*

A onda	
a onda anda	
aonde anda	Clara
a onda?	
a onda ainda	quando a manhã madrugava
ainda onda	calma
ainda anda	alta
aonde?	clara
aonde?	Clara morria de amor
a onda a onda	(Caetano Veloso)
(Manuel Bandeira)	

BALALAICA

Balalaica⁶
(como um balido⁷ abala
a balada do baile
de gala)
(como um balido)
abala (com balido)
(a gala do baile)
louca a bala
laica⁸
(Maiakóvski – trad. Augusto de Campos)

⁶ Balalaica: Instrumento musical de três cordas e forma triangular, muito us. pelos russos na execução de sua música popular.

⁷ Balido: som emitido por ovelha ou por cordeiro.

⁸ Laico: que ou aquele que não pertence ao clero nem a uma ordem religiosa; leigo.

4 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Crie imagens concretas para os seguintes substantivos abstratos. **Não utilize verbos.**

Felicidade:

Dificuldade:

Dúvida:

Apreensão:

Medo:

Coragem:

Amor:

Paz:

Guarde suas imagens para utilizá-las após a leitura destes textos:

RIO-NITERÓI

Apito, guichê, aperto, cotovelo,
 gente, fila, salto e perigo.
 Rostos em tensão. Suor no corrimão.
 Escada pro saguão. Banco,
 cheiro de óleo, urina e peixe.
 Fuligem nos olhos e fumaça.
 Olho no catarro e no estômago...
 Enjoo!
 Verde profundo em gaivota rasa.
 Espuma e poeira.
 Balanço e boia e boto.
 Motor e conversa e rádio de pilha.
 Pequena paz em alerta ao apito, ao povo, à pressa.
 Saída longe dos passos.
 Tinta, corrosão, tonta multidão
 em confusão, tábua solta no assoalho.
 Barca barriguda, aborto social.
 Cordas, amarras, âncoras, armazéns.
 Marinha, porto e chegada.

(Theóphilo Augusto de Barros Neto — Fiam/84)

VIDA VIDINHA

A solteirona e seu pé de begônia
 a solteirona e seu gato cinzento
 a solteirona e seu bolo de amêndoas
 a solteirona e sua renda de bilro
 a solteirona e seu jornal de modas
 a solteirona e seu livro de missa
 a solteirona e seu armário fechado
 a solteirona e sua janela
 a solteirona e seu olhar vazio
 a solteirona e seus bandós grisalhos
 a solteirona e seu bandolim
 a solteirona e seu noivo-retrato
 a solteirona e seu tempo infinito
 a solteirona e seu travesseiro
 ardente, molhado
 de soluços.
 (Carlos Drummond de Andrade)

Após a leitura, volte ao seu material anterior e organize-o num texto poético em que não haja verbos.

TEXTO LITERÁRIO X TEXTO NÃO LITERÁRIO

Texto1:

“Fotossíntese – Da ação da luz sobre os vegetais verdes depende o mais importante de todos os fenômenos vitais, a fotossíntese, à qual estão direta ou indiretamente escravizados todos os seres vivos. Exteriormente, a fotossíntese se manifesta pela troca de gases entre o vegetal e a atmosfera: o vegetal absorve CO₂ e elimina oxigênio. Duas condições são necessárias para que o fenômeno se realize: uma é a presença de clorofila; outra, a presença de luz. O papel da clorofila consiste em absorver uma parte das radiações solares, cuja energia é então aproveitada para reações químicas no interior da planta. Nessa função, as radiações vermelhas são as mais eficazes, vindo depois o alaranjado, o amarelo, e, na outra extremidade do espectro, o violeta. Na faixa correspondente ao verde, o fenômeno é quase nulo. O mais importante, porém, é que, graças à energia solar absorvida, a planta verde decompõe o CO₂ em seus elementos (carbono e oxigênio), devolve o oxigênio à atmosfera, e, unindo o carbono aos materiais da seiva, fabrica substância orgânica. Esta síntese, efetuada sob a ação da luz, é que justifica a denominação de fotossíntese dada ao fenômeno. (ALMEIDA Jr., A. *Biologia Educacional*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965. p. 201.)

Texto2: *Luz do Sol*

*Luz do sol,
Que a folha traga e traduz
Em verde novo, em folha, em graça,
Em vida, em força, em luz.
Céu azul,
Que vem até onde os pés tocam a terra
E a terra expira e exala seus azuis.*

Doura a areia.
Roça a beira,
Reza, reza o rio,
Córrego pro rio,
O rio pro mar.

*Reza a correnteza,
Roça a beira,
Reza, reza o rio,
Córrego pro rio,
O rio pro mar.
Marcha o homem sobre o chão,
Leva no coração uma ferida acesa.
Dono do sim e do não,
Diante da visão da infinita beleza
Finda por ferir com a mão essa delicadeza,
A coisa mais querida:
A glória da vida.*

(Caetano Veloso, Luz do Sol. In: *Meu bem, meu mal*. LP Fontana 826162-1. 1985. L.2, f.1.)

Como você percebeu, o tema do primeiro texto e do segundo (na parte destacada) é o mesmo: a fotossíntese. Mas, por suas intenções e características, cada um deles pode ser classificado como não literário e literário, respectivamente. Vejamos por quê.

No primeiro texto predomina a função referencial. O objetivo do autor é, pura e simplesmente, informar de maneira precisa e objetiva. Para atingir essa meta, ele utilizou a denotação, isto é, valeu-se do sentido próprio ou referencial da palavra. Privilegiou, portanto, o significado, seu valor utilitário, ou seja, o plano do conteúdo. Por isso, pode-se fazer um resumo das ideias do texto e apreender o essencial da informação. O plano da expressão (exploração dos recursos do significante) não é trabalhado nesse texto, isto é, a linguagem é transparente, só veicula conteúdos. Como consequência o texto é univalente: apresenta uma única interpretação⁹.

⁹ O texto jornalístico informativo pertence a essa classe de textos. Embora se possa questionar sua objetividade, uma vez que, no simples ato de selecionar palavras, há a presença da subjetividade do autor.

No segundo texto, ao contrário, predomina a função poética, pois a organização da mensagem privilegia a própria mensagem, o plano da expressão, o trabalho com a parte concreta do signo (significante): o que se destaca é o trabalho com a linguagem. A predominância no texto de Caetano é da linguagem em função estética, conotativa, que permite o aparecimento de um sentido figurado. Observe o uso conotativo, metafórico, dos verbos **tragar** e **traduzir**: houve uma associação por similaridade, em outras palavras, associou-se o ato de fumar e de tragar à ação do vegetal absorvendo a luz e, em seguida, transformando essa luz em substância orgânica. Ou, nas palavras do autor, traduzindo uma informação em outra.

Além dessa utilização de metáforas, percebe-se na seleção desses verbos o trabalho com o significante: a repetição dos fonemas tr (traga e traduz) e a enumeração em verde novo, em folha, em graça, em vida, em força, em luz.

Essas observações referem-se somente à parte destacada do texto, mas, no restante, a presença do trabalho no nível da mensagem repete-se. Na segunda estrofe, a repetição do fonema **r** sugere o movimento das águas e, na terceira estrofe, o uso de metáforas (**ferida acesa, dono do sim e do não**) indica o trabalho com uma linguagem subjetiva. É o domínio da conotação, da interpretação afetiva, do sentido figurado, metafórico. Neste exemplo, vemos claramente como, ao plano do conteúdo, superpõe-se o plano da expressão, resultando daí a plurissignificância do texto.

É importante aqui fazer uma distinção de muita relevância: se o texto não literário é passível de ser resumido porque tem uma função utilitária (informar), porque trabalha basicamente o plano do conteúdo, o mesmo não acontece com o texto literário. Resumir o texto literário é perder o essencial. No ato de resumir pode-se saber o enredo da história, mas perdem-se as sabedorias e minúcias do estilo.

Esquematizando o que foi dito, teremos predominantemente:

Texto Literário (plurissignificante = várias interpretações)	Texto Não Literário (univalente = uma única interpretação)
Subjetivo	Objetivo
Conotativo	Denotativo
Intuitivo/Criativo	Racional
Relevância do plano da expressão	Relevância do plano do conteúdo

O TEXTO NÃO LITERÁRIO

Textos não literários privilegiam a função referencial, portanto *concisão, objetividade, clareza, coerência* e adequação ao nível hierárquico do destinatário são suas principais características.

- **Concisão:** expressar o máximo de informações com o mínimo necessário de palavras.
- **Objetividade:** para que o texto seja objetivo, é preciso determinar com precisão quais são as informações realmente relevantes que dele devem constar.
- **Clareza:** para que o texto seja claro, deve estar conceitualmente bem organizado e redigido em bom português.

- **Coerência:** para que o texto seja coerente, deve ter nexos, lógica, isto é, deve apresentar harmonia entre situações, acontecimentos ou ideias.
- **Linguagem formal:** respeitar as normas gramaticais. O grau de formalidade, maior ou menor, deverá ser adequado à posição hierárquica do destinatário.

O que se deve evitar em qualquer tipo de texto

- ▶ escrita rebuscada e difícil;
- ▶ emprego de construções em desuso, ainda que gramaticalmente corretas;
- ▶ abuso de estrangeirismos;
- ▶ erros gramaticais;
- ▶ utilização de modismos linguísticos;
- ▶ rimas e má ordenação de palavras na frase

Exercício

A partir de uma mesma palavra-moté, crie dois textos: um literário e outro não literário.

5 MODALIDADES E VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

5.1 MODALIDADES LINGÜÍSTICAS

O português, como qualquer outra língua, tem uma modalidade oral e uma modalidade escrita. Trata-se, praticamente, de duas línguas com gramáticas diferentes, o que não impede que certos textos escritos apresentem traços de oralidade ou que determinadas realizações orais se pautem pela gramática normativa a qual rege, na maioria das vezes, a modalidade escrita. Exemplos disso são o rádio-jornal e o telejornal que, apesar de falados, têm como base um texto escrito, que **tenta** aproximar-se da linguagem oral.

A modalidade oral pressupõe o contato direto entre os falantes, o que a torna mais concreta e econômica (porque os elementos a que se refere estão presentes na situação do diálogo e porque gestos e olhares desempenham, ao lado da linguagem verbal, um papel importante). Existe ainda na modalidade oral um jogo de cadências e pausas que dá o ritmo à fala e auxilia na decodificação de mensagem. Essa modalidade caracteriza-se pela fragmentação (hesitações, repetições, correções, truncamentos), pela presença de marcadores conversacionais (né, então, daí, entendeu?) e pelo envolvimento devido à alta taxa de *feedback*. Constituída por jatos cujo comprimento é de aproximadamente sete palavras (quantidade de informação que o falante consegue controlar na memória), conhecidos como *chunks*, a modalidade oral prefere a coordenação (situação em que as unidades de pensamento são independentes).

Ao contrário da modalidade oral, a escrita é um ato de produção solitário, lento, planejado, que possibilita alterações, ou seja, ela é editável. A modalidade escrita caracteriza-se pela integração e pelo distanciamento, preferindo a subordinação. Nesta modalidade, o jogo de cadências e pausas deve ser recriado pela pontuação e pelos caracteres gráficos (maiúsculas, negrito, itálico, etc.). Como tem de recuperar todos esses elementos, a modalidade escrita resulta menos econômica, mas mais precisa que a oral.

Traços distintivos entre a modalidade oral e a modalidade escrita

Modalidade oral	Modalidade escrita
Ocorre num ambiente de interação social, onde existe a co-presença dos enunciadores	Não tem o apoio do ambiente da co-presença dos enunciadores
Altamente dialógica	Ato solitário
Fragmentária	Não fragmentária
Incompleta	Completa
Pouco elaborada, com a presença de marcadores conversacionais (né?, então, daí), expressões coloquiais e gírias	Elaborada
Não planejada	Planejada
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas.	Predominância de frases complexas, subordinação abundante
Não editável	Editável

Exercício:

(Unicamp - SP) O trecho seguinte foi extraído do debate que se seguiu à palestra do poeta Paulo Leminski (“Poesia: a paixão da linguagem”), proferida durante o curso “Os sentidos da paixão” (Funarte, 1986). Observe que nele é possível identificar palavras e construções características da linguagem coloquial oral. Reescreva-o de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

“Estudei durante seis anos muito a vida de um paulista e fiz um filme sobre ele, que é o Mário de Andrade, um puta poeta muito pouco falado pelas ditas vanguardas modernistas. [...] Hoje em dia, felizmente, já existem vários trabalhos, há muita gente reavaliando a poética do Mário, que ela é muito mais importante e profunda do que aparentemente pareceu nestes últimos anos. Estudando o Mário, eu descobri que o Mário foi um exemplo do cara que morreu de amor, mas de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura [...] Um outro cara que também fiz um filme é o Câmara Cascudo. Um cara como o Câmara Cascudo morre, os jornais dão uma notinha desse tamanhinho, escondidinho, um cara que deveria ter estátua em praça pública, deveria ser lido, recitado.” (*Os sentidos da paixão*, p. 301)

5.2 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Em nossa sociedade (como aliás em qualquer outra), existe uma pluralidade de discursos, ou seja, nossa língua não é homogênea: os brasileiros não se expressam todos da mesma forma, apesar de todos falarem português. Cada um de nós – segundo o nível de instrução, idade, sexo, região, situação em que ocorre a comunicação, destinatário da mensagem, etc. – usa a língua de uma determinada forma. Assim, existem variações dialetais, que ocorrem em função dos emissores, e variações de registro, que dependem dos receptores, da mensagem ou da situação¹⁰.

O extinto jornal *Notícias Populares (NP)* de São Paulo, na edição de 11/9/2000, apresentou a seguinte manchete seguida da linha fina (explicação sucinta da manchete):

ROLO NO INSS MELA APOSENTADORIA

NP explica mais essa treta pra você não comer bola

Observe que a seleção de palavras – rolo, mela, treta, comer bola – exemplifica, ao mesmo tempo, uma variante social da linguagem e uma variação de registro (tentativa de adequar-se à linguagem do receptor).

Com certeza, o mesmo fato teria outra manchete em um jornal como *O Estado de S. Paulo* ou *Folha de S. Paulo*, por exemplo, pois seu público é outro. Poderia ser algo como:

SUSPEITA DE FRAUDE NO INSS ADIA CONCESSÃO DE BENEFÍCIO

o que, certamente, seria incompreensível (ou menos legível) para o leitor do *NP*.

¹⁰ A distinção entre variações dialetais e variações de registro, no entanto, é puramente didática, uma vez que no ato de comunicação elas se superpõem.

5.2.1 Variações dialetais

Estas variações presentes na fala ou na escrita revelam muito sobre o emissor da mensagem. É nelas que o preconceito linguístico se manifesta com maior intensidade, porque há certas variantes que desfrutam de maior prestígio social. Elas podem ser:

- ✓ **territoriais ou regionais:** ocorrem entre pessoas de diferentes regiões onde se fala a mesma língua e são determinadas por influências históricas, sociais, econômicas, culturais, políticas. Marcam-se sobretudo na fonética (observe como é diferente o sotaque de um carioca, de um baiano, de um mineiro) e no léxico (a *mandioca* do Sudeste do Brasil é chamada *macaxeira* no Nordeste e *aipim* no Sul);
- ✓ **sociais:** representadas pelos jargões (linguagem técnica, profissional) ou pela gíria;
- ✓ **etárias:** dependem da idade dos interlocutores. Observe que um jovem não fala como uma pessoa de 70 anos;
- ✓ **de sexo:** há palavras permitidas aos homens, mas inadmissíveis na boca de mulheres;
- ✓ **de geração ou históricas:** devidas à evolução do idioma, são mais percebidas na língua escrita. Caetano Veloso, na música *Língua*, em que trata das variantes, conseguiu com mestria sintetizar essa variação neste verso: “Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões” (Atenção que, provocativamente, o autor sugeriu uma conotação sexual ao texto escolhendo no código a palavra *roçar* (tocar de leve, brandamente)).

5.2.2 Variações de registro

Estas variações representam a necessidade de o emissor adaptar-se ao seu interlocutor, à situação ou à mensagem. Assim, obras científicas ou obras literárias clássicas apresentarão um cuidado maior com a linguagem e utilizarão a norma culta, enquanto obras do Modernismo, bate-papos na Internet, revistas para jovens e adolescentes vão aproximar-se do coloquial. A situação vai também determinar o registro a ser usado: um professor não fala da mesma forma em uma palestra e num bate-papo em um barzinho ao lado de uma turma de jovens.

Em qualquer situação sociocomunicativa, o emissor deve estar atento ao *grau de formalismo* (representado pelo cuidado com a linguagem e pela aproximação da língua padrão e culta) e à *sintonia* com seu receptor – neste último item

- ✓ selecionando os recursos de expressão de acordo com o *status* do receptor, variando o volume de informações ou conhecimentos com o que presume que seu leitor / ouvinte tenha;
- ✓ ajustando o nível de cortesia segundo a dignidade que considera adequada a seus interlocutores (que varia da blasfêmia à obscenidade e ao eufemismo, veja como João Gordo (ex-*Ratos do Porão*) trata seus entrevistados);
- ✓ escolhendo o registro a ser utilizado em dado contexto, o que é considerado “bom” para determinada situação.

Assim, em função de diversos fatores, as pessoas falam “línguas diferentes”, o que levou o linguista Evanildo Bechara a dizer que devemos ser políglotas dentro da própria língua, pois o conhecimento das variações e modalidades linguísticas facilita a eficácia da comunicação.

Podem-se delinear três principais níveis de linguagem: a linguagem culta (ou variante-padrão), a linguagem familiar (ou coloquial) e a linguagem popular.

- A linguagem culta é utilizada pelas classes intelectuais da sociedade. É a variante de maior prestígio e aquela ensinada nas escolas. Sua sintaxe é mais complexa, seu vocabulário mais amplo e há, nela, maior obediência à gramática e à língua dos escritores clássicos.
- A linguagem coloquial é utilizada pelas pessoas que fazem uso de um nível menos formal, mais cotidiano. Relativamente à linguagem culta, apresenta limitação vocabular, revelando-se incapaz para a comunicação do conhecimento filosófico, científico etc. Apresenta maior liberdade de expressão, sobretudo no que se refere à gramática normativa.
- A linguagem popular é aquela utilizada por pessoas de pouca ou nenhuma escolaridade. Esse nível raramente aparece na forma escrita e caracteriza-se como um subpadrão linguístico. Nele, o vocabulário é bem mais restrito, com muitas gírias, onomatopeias e formas gramaticalmente incorretas (pobrema, nós vai, nós fumo e não encontremo ninguém, tauba, etc.). Não há, aqui, preocupação com as regras gramaticais.

Como em comunicação a questão não é de certo ou errado, mas de **adequação** ao contexto sociocomunicativo, essas variações nos fazem entender e aceitar construções da linguagem publicitária decalcadas na modalidade oral, como: *A empresa que você fala com o dono*, em lugar da forma gramaticalmente correta: *A empresa **em** que você fala com o dono*. O slogan da Caixa Econômica Federal – *Vem pra Caixa você também, vem* – em lugar de *Venha para a Caixa você também, venha* ou de *Vem para a Caixa tu também, vem*, é outro exemplo dessas variações, pois opta pela mistura de tratamento tu/ você, típica do registro coloquial, para chegar mais próximo de seu público. Por outro lado, as letras das músicas de Adoniran Barbosa só são saborosas e verossímeis¹¹ porque retratam a língua inculta falada por seus personagens.

Ao contrário, este título de outro texto publicitário publicado há cerca de 20 anos numa importante revista semanal não quer com seus erros aproximar-se de seus leitores nem procura criar nenhum efeito de sentido, ele só revela que seu autor não conseguiu adequar a mensagem nem ao seu público nem à situação: “More no Pacaembú como a 60 anos atrás”. Analisando:

- ✓ até um corretor ortográfico do Word indicaria que Pacaembu não tem acento por tratar-se de palavra oxítona terminada em *u*;
- ✓ como se trata de 60 anos passados, o *há* deve ser assim grafado;
- ✓ e, se já se grafou *há 60 anos*, o *atrás* é dispensável (embora, no nível coloquial as pessoas não o omitam).

Não teria sido mais fácil e conciso o redator ter escrito: “More no Pacaembu como há 60 anos”?

¹¹ Verossímil: que parece verdadeiro.

Exercícios

1) Identifique as variações e registros presentes nos seguintes textos:

- a) Ê cara, tô azarando uma mina que é o maior barato.
 b) A única testemunha do crime, encontrada num bar de Ipanema, declarou:
 “Távamos malocados no Vidigal cafungando uma legal, quando embunecamos com a máquina de dois baitolas na viseira. Meu chapa, numa péssima, neurotizou adoidado, levou um caramelo no gorgolejo e meteu lá uma de decúbito sem retorno. Por aí”.
 A polícia já está no encalço de um tradutor. (*Veja*, 21/09/77)

2) (Fuvest - SP) “A princesa Diana já passou por poucas e boas. Tipo quando seu ex-marido Charles teve um love affair com lady Camille revelado para Deus e o mundo.” (*Folha de S.Paulo*, 5/11/93)

No texto acima, há expressões que fogem ao padrão culto da língua escrita.

Identifique-as.

Reescreva-as conforme o padrão culto.

3) “É massa! Dessa vez a Atrevida arrepiou. Foi da hora a matéria NA PONTA DA LÍNGUA, com as gírias maneiras de todos os lugares. É por isso que me amarro cada vez mais nesta revista: descolada, divertida, diferente e trilegal.”

(Mariana Alves Manso, *Atrevida*, set. 1996, p.18)

Reescreva como se a leitora estivesse escrevendo para a revista *Veja*.

4) Frases como estas são comuns em situações informais, porém, num texto escrito formal, são inadequadas. Reescreva-as observando o padrão culto:

- a) A rua que eu moro não é arborizada.
 b) O escritório que trabalho tem ar-condicionado.
 c) O homem que eu telefonei para ele ontem não estava em casa.
 d) A rua que eu gosto de correr é toda arborizada.
 e) O rapaz que a filha ganhou o prêmio é coreano.
 f) Os assessores da rainha Elisabeth queriam saber os assuntos que dona Ruth Cardoso gostava de falar.

5) Segundo o padrão culto, estas frases estão corretas? Explique por quê.

- a) Os congressistas sobre os quais recaem tantas acusações e dos quais tanto se suspeita não vieram se defender.
 b) As notícias de que me valho estão no jornal em que você confia.
 c) O programa a que estou assistindo é aquele de que você gosta.
 d) A corrupção, com que ninguém se conforma mas que poucos denunciam, representa um risco para a democracia.
 e) Essas foram as razões por que parti.

Texto para leitura: Assalto à brasileira

Assaltante mineiro

"Ô sô, prestenção. Issé um assarto, uai. Levantus braçu e fiketin quié mió prucê. Esse trem na minha mão tá chein di bala... Mió passá logo os trocado que eu num to bão hoje. Vai andano, uai ! Tá esperanuquê, sô?!"

Assaltante baiano

"Ô meu rei... (pausa). Isso é um assalto... (longa pausa). Levanta os braços, mas não se avexe não... (outra pausa). Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado Vai passando a grana, bem devagarinho (pausa pra pausa) Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado (pausa maior ainda). Não esquenta, meu irmãozinho (pausa). Vou deixar teus documentos na encruzilhada."

Assaltante carioca

"Aí, perdeu, mermão! Seguiiiinnte, bicho. Isso é um assalto, sacô? Passa a grana e levanta os braço rapá ... Não fica de caô que eu te passo o cerol.... Vai andando e se olhar pra trás vira presunto ..."

Assaltante paulista

"Isto é um assalto! Erga os braços! Passa logo a grana, meu. Mais rápido, mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pru jogo do Curintias, meu ... Pô, agora se manda, meu, vai... vai..."

Assaltante gaúcho

"O guri, ficas atento... isso é um assalto. Levanta os braços e te aquieta, tchê ! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbariidaade, tchê. Passa as pilas prá cá ! Trilegal! Agora, te mandas, senão o quarenta e quatro fala."

Assaltante de Brasília

"Companheiros, estou aqui no horário nobre da TV para dizer que no final do mês, aumentaremos as seguintes tarifas: energia, água, esgoto, gás, passagem de ônibus, imposto de renda, licenciamento de veículos, seguro obrigatório, gasolina, álcool, IPTU, IPVA, IPI, ICMS, PIS, Cofins."

6 FATORES DE TEXTUALIDADE

CONCEITUAÇÃO DE TEXTO

O texto é uma manifestação linguística produzida por alguém, em alguma situação concreta (contexto), com alguma intenção. Independentemente de sua extensão, o texto deve dar a sensação de completude¹², do contrário não será um texto.

Por exemplo, alguém sai correndo de um edifício e grita: “Fogo!” Percebe-se que **nessa circunstância** a palavra “fogo” adquire um significado diferente de uma mera referência a um processo de combustão. A interpretação será de que há um incêndio naquele prédio e a pessoa está querendo alertar outras e, se possível, conseguir ajuda. Logo, nessa situação específica, a palavra “fogo” é um texto.

Além da noção de completude, sete fatores são responsáveis pela textualidade (conjunto de características que fazem de um texto um texto e não um amontoado de frases):

- **fatores pragmáticos**¹³ – intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade – dizem respeito aos fatores contextuais que determinam os usos linguísticos nas situações de comunicação e contribuem para a construção do sentido do texto:
 - *intencionalidade*: é a manifestação da intenção, do objetivo do emissor numa determinada situação sociocomunicativa;
 - *aceitabilidade*: é a expectativa que o leitor manifesta de que o texto com que se defronta seja coerente, coeso, útil, relevante;
 - *situacionalidade*: pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. Ela orienta tanto a produção quanto a recepção de textos;
 - *informatividade*: diz respeito à taxa de informação do texto. Ela depende da situação, do público, das intenções;
 - *intertextualidade*: refere-se ao diálogo entre textos. A produção e compreensão de textos dependem do conhecimento de outros textos.

Exemplificando: *Canção do exílio facilitada*

lá?

ah!

sabiá...

papá...

maná...

sofá...

sinhá...

cá?

bah! (José Paulo Paes)

¹² Caráter do que é, ou está completo.

¹³ Pragmático: Suscetível de aplicações práticas; voltado para a ação; relativo à pragmática (estudo dos fatores contextuais que determinam os usos linguísticos nas situações de comunicação).

Esse texto pode parecer um amontoado de palavras sem sentido se o leitor não perceber as intenções do autor, se não aceitá-lo como um texto coerente. Mas, para isso, ele deve ter em seu repertório a informação de que este texto refere-se a outro (dialoga com outro) do Romantismo brasileiro – *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias – e dirige-se a leitores de um tempo moderno, caracterizado pela pressa, daí seu título.

- **fator semântico conceitual** – dele depende a coerência do texto;
- **fator formal** – diz respeito à coesão textual (corresponde à superfície linguística do texto).

Como você viu, um texto vai além de sua superfície linguística e pressupõe um comunicador atento a todas as suas dimensões. Em seguida, vamos tratar com maior profundidade os dois últimos fatores: o semântico conceitual e o formal.

1. COERÊNCIA (ou fator semântico conceitual)

A coerência é o resultado de processos cognitivos, relações de sentido, conhecimentos partilhados, condições operantes entre os usuários – emissor e destinatário – e não apenas um traço constitutivo dos textos.

Para ser coerente, um texto deve:

- manter o mesmo tema;
- trazer sempre uma informação nova;
- não ser contraditório;
- ter um valor de verdade que possa ser percebido e aceito por sua organização.

A realização da coerência condiciona-se à adequação entre os elementos cognitivos ativados pelas palavras e o universo de referência do texto. Veja este exemplo: *Os leões subiram as montanhas geladas e puseram-se a perseguir a foca. Os esquimós os chamavam por seus nomes. As feras corriam sobre o gelo, protegendo-se com suas garras para não cair. Quando estavam prestes a alcançá-la, a foca alçou voo.* (In: GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990. p. 39)

Se considerarmos o “mundo normal”, a incoerência do texto decorre da incompatibilidade entre aquilo que ele descreve e os fatos da realidade: os leões não habitam territórios gelados, os esquimós não se utilizam desses animais para caçadas, nem as focas voam. No entanto, inserido num contexto ficcional fantástico, o mesmo texto teria a coerência própria (o valor de verdade) desse tipo de contexto. Como se trata do “mundo normal”, teria de haver a consonância entre os referentes textual e externo (situacional) em que repousa a coerência.

A coerência também é representada pela organização linear das sequências e pela ordenação temporal relativa aos fatos descritos. Nas seguintes frases, só a primeira é coerente:

A menina despediu-se da mãe, disse o dia da sua volta, tomou o táxi e partiu.

A menina partiu, despediu-se da mãe, tomou o táxi e disse o dia da sua volta.

1 - Se houver incoerências neste texto, aponte-as:

“João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para o Leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava 30 anos, João, sentado nos degraus da escada à frente de sua casa, olhava o sol poente. E observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para a sua casa. As árvores e a folhagem não lhe permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era manco. Ao olhar mais de perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que havia 20 anos partira para alistar-se no exército, e, em todo esse tempo, não tinha dado sinal de vida. Guilherme, ao ver o pai, desmontou imediatamente, correu até ele, lançando-se nos seus braços e começando a chorar. (In Koch, Ingedore & Travaglia, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990)

2 – Este texto, para você, é incoerente? Por quê?

“Com gemas para financiá-lo, nosso herói desafiou valentemente todos os risos desdenhosos que tentaram dissuadi-lo de seu plano. ‘Os olhos enganam’, disse ele, ‘um ovo e não uma mesa tipificam corretamente este planeta inexplorado’. Então as três irmãs fortes e resolutas saíram à procura de provas, abrindo caminho, às vezes através de imensidões tranquilas, mas amiúde através de picos e vales turbulentos. Os dias se tornaram semanas, enquanto os indecisos espalhavam rumores apavorantes a respeito da beira. Finalmente, sem saber de onde, criaturas aladas e bem-vindas apareceram anunciando um sucesso prodigioso. (In: “Effects of comprehension on retention of prose”, *Journal of experimental Psychogy*, apud Kleiman, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1992. p.21)

3 – Leia o texto seguinte e indique o que, à primeira vista, o torna incoerente e, por isso, causa o efeito de humor.

A vaguidão específica

“As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago-específica.”

(Richard Gehman)

- Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.
- Junto com as outras?
- Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer qualquer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.
- Sim senhora. Olha, o homem está aí.
- Aquele de quando choveu?
- Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
- Que é que você disse a ele?
- Eu disse para ele continuar.
- Ele já começou?
- Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
- É bom?
- Mais ou menos. O outro parece mais capaz.

- Você trouxe tudo para cima?
 - Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
 - Mas traga, traga. Na ocasião, nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.
 - Está bem, vou ver como.
- (Fernandes, Millôr. *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973)

Exercícios

1) A maneira como certos textos são escritos pode produzir efeitos de incoerência, como no exemplo: “Zélia Cardoso de Mello decidiu amanhã oficializar sua união com Chico Anysio”. (*A Tarde*, Salvador, 16/9/94). É o que ocorre no trecho a seguir¹⁴:

“As Forças Armadas brasileiras já estão treinando três mil soldados para atuar no Haiti depois da retirada das tropas americanas. A Organização das Nações Unidas (ONU) solicitou o envio de tropas ao Brasil e a mais quatro países, disse ontem o presidente da Guatemala, Ramiro de León. (*O Estado de S.Paulo*, 24/9/94)

- a) Qual o efeito de incoerência presente nesse texto?
- b) Do ponto de vista sintático, o que provoca esse efeito?
- c) Reescreva o trecho, introduzindo apenas as modificações necessárias para resolver o problema.

2) (Fuvest 99)

O cheque em branco que o eleitor passa ao eleito é alto demais, faz parte da condição mesma de o candidato expor-se ao escrutínio¹⁵ público e abrir mão de uma série de prerrogativas, entre elas a privacidade. (*Folha de S.Paulo*, 3/9/98)

Há algum problema na expressão “alto demais”, dado o contexto linguístico em que ela ocorre? Justifique sua resposta.

3) (Puccamp-SP) Identifique a alternativa em que o pensamento é formulado de forma contraditória:

- 1) O compositor Pestana expirou naquela madrugada, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo.
- 2) Na falta de alternativas, acabou optando pela que lhe pareceu a mais barata: passar as férias com os pais.
- 3) “Nem vem que não tem”, disse-me o menino ressabiado, pensando que eu fosse algum agente do Juizado.
- 4) Há males que vêm para bem: a gripe que me obrigou ao repouso deu-me a oportunidade de descobrir Cervantes.

4) (FGV-SP) A seguir, temos o primeiro período de um texto¹⁶. Os demais períodos estão alinhados sem ordem alguma. Organize-os em uma sequência lógica, de forma a completar o sentido do

¹⁴ A não ser que, da canção de Caetano e Gil, se conclua que o Haiti é mesmo aqui.

¹⁵ Escrutínio: votação em urna.

primeiro. Na resposta indique, por meio de números, a ordem lógica em que devem dispor-se os períodos.

Primeiro período

A costarriquenha Eleonora Odio e o americano George E. Hill fazem parte de um grupo especial de pessoas.

1. Mas eles são mais do que viajantes contumazes.
2. Essa equipe é o embrião da BCP Telecomunicações, futura operadora da telefonia celular na região metropolitana de São Paulo.
3. Eles são membros de uma equipe formada pela americana BellSouth para dar conta de uma missão no Brasil.
4. O que Hill e Eleonora têm em comum é um perfil de *globe-trotter*.
5. No mundo dos negócios, isso significa ter aptidão para comunicar-se de modo eficiente mundo afora, a ponto de treinar equipes num país estranho, com língua diferente da sua.
6. “São profissionais com capacidade para atravessar a barreira do etnocentrismo e serem aceitos”, diz Roberto Péon, presidente da BPC.

2. COESÃO (ou fator formal)

A coesão, efeito da coerência, manifesta-se no plano linguístico e constrói-se por meio de mecanismos gramaticais e lexicais.

- **Mecanismos gramaticais:** o conhecimento da gramática nos auxilia a produzir textos coesos. Entre alguns dos recursos gramaticais que auxiliam a coesão estão os pronomes, conjunções, pontuação, crase, advérbios, a elipse, a concordância, a correlação entre os tempos verbais, a colocação das palavras na frase, a pontuação, etc.
- **Mecanismos lexicais:** a coesão lexical se dá, entre outros processos, pela reiteração, pela substituição e pela expansão lexical.
 - ✓ *reiteração:* repetição do mesmo item lexical;
 - ✓ *substituição:* inclui a sinonímia, a antonímia, a hiponímia e a hiperonímia e os nomes genéricos (*coisa, negócio, gente, pessoa, lugar*);
 - ✓ *expansões lexicais:* trazem para o texto novas informações sobre o termo substituído, marcando também o posicionamento ideológico do enunciador, pois as palavras não são neutras, manifestam intenções. Ex.: João Paulo II esteve em Varsóvia. Na capital da Polônia, o sumo Pontífice disse que a Igreja continua a favor do celibato clerical. // João Paulo II esteve em Varsóvia. Na cidade do odioso queto, o mais recente aliado do capitalismo disse que a Igreja continua a favor dessa excrescência que é o celibato clerical.

O texto abaixo, publicado na primeira página de um jornal de bairro da Zona Sul de São Paulo logo após os resultados do primeiro turno para eleição do prefeito da cidade, em 2000, exemplifica aspectos da coerência e coesão:

¹⁶ Adaptado de texto publicado na revista *Exame*, ed. 658, ano 31, n. 7, 25/3/98, p. 140)

“Os dois mais votados agora procuram adeptos para somarem votos. Na verdade àqueles que votaram no Alckmin e no Tuma, com certeza, vão votar no Maluf, pois pertencem a uma classe que não querem o comunismo ou, pelo menos, que o prefeito seja conduzido pelos princípios que regem as diretrizes do PT. Até na Rússia por terem sofrido barbaridades, impostas pelo sistema do comunismo, massacrante, autoritário, sem qualquer liberdade, o muro da vergonha foi derrubado, demonstrando a insatisfação de um povo sofredor, mas que mesmo assim até hoje sentem os reflexos do sistema.”

Esse texto não apresenta *coerência* porque não trata de um único assunto nem a informação da introdução foi desenvolvida (portanto não houve progressão semântica), houve, também, uma informação que contraria nosso conhecimento do mundo: o Muro da Vergonha ficava em Berlim (Alemanha) e não na Rússia. No plano linguístico, faltou-lhe *coesão*, pois a crase no *àqueles* não remete a nada e não há correlação entre os termos *pertencem/ querem/ classe; terem sofrido/ sentem/ povo*. No segundo período, *terem sofrido* não tem sujeito explícito, portanto *o muro da vergonha* é o sujeito dessa oração reduzida e o *mas* e o *mesmo assim* marcam uma relação que não existe. Conclusão: texto(?) mal-estruturado, que jamais deveria ter sido publicado.

Exercícios

1) Reescreva estes trechos, realizando a coesão seja no nível lexical, seja no gramatical:

- a) A deputada parecia nervosa. A deputada havia sido vítima de um assalto.
- b) O menino entrou depressa no supermercado. O menino parecia estar fugindo de alguém.
- c) A Enterprise partiu da estação espacial com toda a tripulação. A Enterprise faria mais uma viagem intergaláctica.
- d) As revendedoras de automóveis estão equipando cada vez mais os automóveis para vender os automóveis mais caro. O cliente vai à revendedora de automóveis com pouco dinheiro e, se tiver de pagar mais caro pelo automóvel, desiste de comprar o automóvel, e as revendedoras de automóveis têm prejuízo. (in: ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.)
- e) Todos os anos dezenas de baleias encalham nas praias do mundo e até há pouco nenhum oceanógrafo ou biólogo era capaz de explicar por que as baleias encalham nas praias do mundo. Segundo uma hipótese corrente, as baleias se suicidariam ao pressentir a morte, em razão de uma doença grave ou da própria idade, ou seja, as baleias praticariam uma espécie de eutanásia instintiva. Segundo outra hipótese corrente, as baleias se desorientariam por influência de tempestades magnéticas ou de correntes marinhas.
- f) A multimídia é uma tecnologia que combina sons, imagens e textos. No futuro a multimídia apresentará recursos ainda mais sofisticados. Os preços dos equipamentos de multimídia tendem a ficar cada vez menores. Os preços dos equipamentos de multimídia continuarão inacessíveis para a maioria da população brasileira. O poder aquisitivo da maioria da população brasileira é baixo.
- g) A jubarte é uma baleia que mede até 15 metros de comprimento. Ela chega a pesar 45 toneladas. Ela está ameaçada de extinção. Ela passou a ser vista no arquipélago de Abrolhos. O arquipélago de Abrolhos fica ao sul do litoral da Bahia.

2) Corrija os defeitos de coesão que aparecem nestas frases:

- a) Conheci Maria Elvira, onde me amarrei.

- b) Ele sempre foi bom, porém honesto.
- c) Os alunos não entenderam todos os assuntos. Assuntos estes que foram aprofundados.
- d) Todos querem uma vaga na USP, mesmo sabendo que a USP faz exames de seleção rigorosos.
- e) Eles fugiam da polícia. A polícia foi mais rápida e prendeu eles.
- f) Há um grande número de pessoas que não entendem e não se interessam por política.
- g) Lembrou-se que havia um bilhete. Bilhete este que desaparecera entre os velhos papéis da escrivaninha.

3) A expansão lexical, isto é, a substituição de um termo por palavras ou expressões sinônimas, ou quase sinônimas, é um mecanismo de coesão que acumula três funções:

- evita repetições enfadonhas;
- traz informações novas sobre o termo substituído;
- define a orientação argumentativa do texto, isto é, contribui para construir uma imagem positiva ou negativa daquilo de que se fala.

Suponhamos uma notícia jornalística como a que segue:

“O movimento dos sem-terra, na tentativa de pressionar o governador a acelerar o processo de reforma agrária, está convocando os associados para a ocupação de uma área de 800 alqueires situada no extremo oeste do Estado. O chefe do governo orientou a polícia para controlar os participantes do movimento dentro dos limites da lei. O chefe do destacamento prometeu cumprir à risca as determinações da autoridade máxima do Estado.

Transcreva as palavras ou expressões sinônimas usadas ao longo do texto para substituir:

- a) os sem-terra:
- b) o governador:
- c) a polícia:

Pode-se dizer que a escolha desses termos foi feita por um jornal partidário, radical, para exaltar os ânimos das partes em conflito?

Os pronomes demonstrativos são alguns dos elementos que promovem coesão num texto. Preencha os espaços com aquele adequado ao contexto:

Crianças escravizadas

Explorar o trabalho de uma criança é sempre muito ruim. Mesmo assim, existem trabalhos infantis que são considerados piores.

É o caso de crianças que são usadas como escravas junto com suas famílias. Os donos de fazendas e empresas que fazem _____ cobram a comida e o aluguel dos trabalhadores. Mas o dinheiro cobrado pela alimentação e moradia é sempre maior do que o salário que _____ fazendeiros pagam para _____ pessoas. _____ condições, os trabalhadores ficam sempre devendo. Para piorar, os fazendeiros não deixam ninguém ir embora. Quem tenta fugir e não consegue apanha. Do mesmo modo que os antigos senhores de engenho do Brasil tratavam seus escravos. (FOLHINHA, *Folha de S. Paulo*, 28/2/98)

7 GÊNEROS TEXTUAIS

***“Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.”
(Mikhail Bakhtin. Estética da criação verbal)***

Gêneros são entidades sociodiscursivas altamente maleáveis, dinâmicas, plásticas que surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Os gêneros orientam tanto o autor na produção, quanto o leitor na interpretação. Dessa definição do linguista russo Bakhtin, depreende-se que:

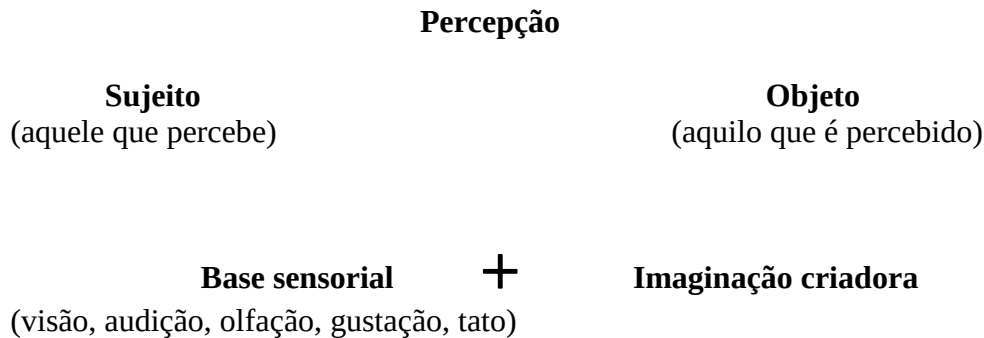
- como estão inseridos no fluxo histórico, os gêneros modificam-se constantemente, morrem e surgem em função, por exemplo, de inovações tecnológicas. Assim, até antes de o computador ser inventado, não havia o gênero *e-mail* ou o gênero infografia;
- os gêneros têm uma função dentro da sociedade e representam uma grande economia, pois são reconhecidos pelos interlocutores por suas características. Por exemplo, qualquer um sabe que uma receita não é um poema, que não é um romance, que não é uma notícia de jornal, que não é um requerimento, que não é um texto publicitário e assim por diante;
- os gêneros têm três dimensões essenciais à sua caracterização: *tema* (conteúdo), *estilo* (configurações específicas das unidades de linguagem) e *composição* (estrutura particular do texto, relaciona-se com a finalidade extralinguística do texto: didática, publicitária, jornalística, etc.)

É importante saber que cada gênero trabalha com a tipologia textual que lhe é mais adequada, assim, por exemplo: uma notícia vai trabalhar sobretudo com a narração e a descrição; um artigo de jornal, com a argumentação; um texto publicitário, com a injunção (ordem); uma conferência, com a exposição...

8 A TIPOLOGIA TEXTUAL: descrição, narração, exposição e argumentação

8.1 Descrição

Descrever é recriar imagens sensoriais na mente do leitor: o enunciador percebe o objeto através de seus cinco sentidos e sua imaginação criadora “traduz” em palavras o objeto com riqueza de detalhes, minuciosa e inventivamente. Observe o esquema:



Exemplos:

“A faca desce macia, cortando sem esforço o pedaço de picanha. Dourada e crocante nas bordas, tenra e úmida no centro. Você põe a carne na boca e mastiga devagar, sentindo o tempero, a maciez, a temperatura. O sumo que escorre dela enche a boca e, com ele, o sabor incomparável. Carne é bom.

Mas que tal assistir à mesma cena de outra perspectiva? No prato jaz um pedaço de músculo, amputado da região pélvica de um animal bem maior que você. Com a faca, você serra os feixes musculares. A seguir, coloca o tecido morto na boca e começa a dilacerá-lo com os dentes. As fibras musculares, células comprimidas – de até 4 centímetros – e resistentes, são picadas em pedaços. Na sua boca, a água (que ocupa até 75% da célula) se espalha, carregando organelas celulares e todas as vitaminas, os minerais e a abundante gordura que tornavam o músculo capaz de realizar suas funções, inclusive a de se contrair. Sim, meu caro, por mais que você odeie pensar que a comida no seu prato tenha sido um animal um dia, você está comendo um cadáver.” (*Superinteressante*, abril de 2002.)

“Fui também recomendado ao Sanches. Achei-o supinamente¹⁷ antipático: cara extensa, olhos rasos, mortos, de um pardo transparente, lábios úmidos, porejando baba, meiguice viscosa de crápula¹⁸ antigo. Primeiro que fosse do coro dos anjos, no meu conceito era a derradeira das criaturas.” (Raul Pompeia)

“Lá vem ele. E ganjento¹⁹, pilantra: roupinha de brim amarelo, vincada a ferro; chapéu tombado de banda, lenço e caneta no bolsinho do jaquetão abotoado; relógio de pulso, pegador de monograma na gravata chumbadinha de vermelho.” (Mário Palmério)

¹⁷ Supinamente: Em alto grau; demasiadamente, excessivamente.

¹⁸ Crápula: Indivíduo devasso, desregrado, libertino.

¹⁹ Ganjento: Vaidoso, presumido, enganjento.

Depois da leitura dos textos, você percebeu que o ato de descrever exige percepção e imaginação criadora. Só existe uma boa descrição a partir da percepção do objeto. É preciso, portanto, desenvolver a acuidade sensorial, ativando sentidos às vezes adormecidos, anestesados por uma civilização predominantemente audiovisual. Somente uma percepção aguçada permite revelar facetas novas do objeto descrito.

8.2 Narração

O texto narrativo conta uma história. A narração é um relato de fatos vividos por personagens e ordenados numa sequência lógica e temporal, por isso ela caracteriza-se pelo emprego de verbos de ação que indicam a movimentação das personagens no tempo e no espaço. A estrutura narrativa compõe-se das seguintes sequências: *apresentação, complicação, clímax, desfecho*.

Se os fatos se apresentarem nessa ordem acima exposta, o enredo será linear; do contrário, será alinear.

Os morangos

A vizinha espiou por cima do muro.

— Bom dia, seu Agenor!

— Bom dia.

— Que lindos estão esses morangos, que maravilha!

.....

— O senhor não colhe, seu Agenor? Estão no ponto.

— Não gosto de morangos.

— Que pena, aqui em casa somos todos loucos por morangos. As crianças, então, nem se diga. Se não colher, vão apodrecer no pé, uma judiação.

— É.

— Se o senhor não se incomodasse eu colhia um pouco, já que o senhor não gosta de morangos.

— Com licença, preciso pegar o ponto na repartição.

— À vontade, seu Agenor, mas... e os morangos?

— Não prestam para comer, têm gosto de terra.

— Pena, tão lindos!

Saiu para a repartição. Voltou à noite. O luar batia em cheio no canteiro de morangos.

Acercou-se em silêncio. Estavam bonitos mesmo. De dar água na boca. Pena que não se pudessem comer. Suspirou fundo.

Mariana, tão linda. Linda como uma flor. Mas tão desleixada, tão preguiçosa. Comida malfeita, roupa por lavar, pratos gordurosos. E aquele gênio! Sempre descontente, exigindo tudo o que não lhe podia dar, espezinhando-o diariamente pelo seu magro ordenado.

Fora realmente uma gentil ideia plantar os morangos depois que a enterrara no jardim.

(Giselda Laporta Nicoletis)

8.3 Exposição

O texto expositivo é de natureza dissertativa. Trata-se da apresentação, explicação ou constatação, de maneira impessoal, sem julgamento de valor e sem o propósito de convencer o leitor.

A formação da mensagem – Muniz Sodré

De um modo geral, a mensagem da televisão – assim como a do rádio – visa a uma universalidade (atingir todo e qualquer receptor indistintamente) que, mal compreendida, pode levar o veículo a uma relação falsa com o grupo social. A tv é levada a tratar como homogêneos fenômenos característicos de apenas alguns setores da sociedade. A busca de um suposto denominador comum, que renda o máximo de aceitação por parte do público, preside à elaboração da mensagem. O êxito de um programa é aferido pelo índice de audiência: quanto maior o público, maior o sucesso.

Essa necessidade de padronizar o conteúdo do veículo segundo um índice *optimum* de aprovação do público condiciona necessariamente a formação da mensagem. Isso é demonstrável na Teoria da Informação: quanto menor é a taxa matemática de informação de uma mensagem (e maior, portanto, a redundância), maior a sua capacidade de comunicação. Comunicação aqui é empregada em seu sentido técnico: não se trata de um ideal de ordem humana ou social, mas da recepção e decodificação da mensagem por um indivíduo qualquer. Quanto mais os signos da mensagem (os elementos culturais de um programa de televisão, por exemplo) forem familiares ao público, por já constarem de seu repertório, maior será o grau de comunicação.

O que aconteceria se um comunicador (a tv, por exemplo) tentasse transmitir uma mensagem a um público amplo e heterogêneo (composto por diferentes classes sociais, níveis de instrução e faixas etárias) sem atentar, na sua formação, para o nível comum de entendimento? Certamente a mensagem só seria decodificada ou aceita pela parte do público que conhecesse o código do comunicador, ou seja, que participasse da mesma estrutura cultural.

Suponhamos que a televisão pretendesse, a título de serviço público, esclarecer o povo sobre os perigos da falta de higiene doméstica e de limpeza urbana para a saúde nacional. Se a tv utilizasse argumentos puramente técnicos (de ordem médico-sanitária, sociológica, etc.), a mensagem seria provavelmente entendida por uma boa parcela da população culta, a detentora do código segundo o qual se organizou a mensagem. Mas os outros setores da população ficariam impermeáveis à campanha.

O comunicador poderia, então, elaborar uma nova mensagem em termos mais acessíveis. A nova mensagem, embora mais efetiva em comunicação, seria certamente mais pobre em informação por omitir dados científicos (difíceis, mas necessários à correta apreciação do problema) desconhecidos da população. Mas figuremos uma terceira hipótese: a mensagem não atingiu a população inteira.

O comunicador poderia criar, agora, um *slogan* (algo como Higiene é Saúde), cujos termos fossem acessíveis até aos analfabetos. Esse *slogan* sintetiza a mensagem original, mas a esvazia de sua força informativa. Já viram o que acontece quando se joga uma pedra num lago? Formam-se círculos concêntricos, cada vez maiores à medida que se espalham. No processo de comunicação, dá-se exatamente o movimento inverso: a mensagem original é um grande círculo que tende a reduzir-se para se espalhar. Na televisão, como a norma geral é atingir o maior público possível, as mensagens são empobrecidas ou reduzidas ao suposto denominador comum.

4 – Argumentação

O texto argumentativo também é de natureza dissertativa. Ele consiste na apresentação, explicação ou constatação de um fato para:

- a) convencer o leitor através de um raciocínio lógico, consistente e baseado na evidência das provas;
- b) persuadir o leitor através da emoção.

APROVEITE EM EXCESSO. FUME COM MODERAÇÃO. Ninguém tem o direito de fazer suas escolhas por você. É isso que chamam de liberdade. O ideal mais importante na vida de qualquer um. Free sempre acreditou nisso, respeitando os mais diversos estilos, opiniões, atitudes. Cada um na sua. Então seja livre para fazer o que quiser: cante, ame, dance, crie, apaixone-se, sonhe, aproveite tudo em excesso. E se você decidiu fumar, por que não com moderação? A decisão é sua. Só não deixe de ser quem você é, seja você quem for.

Uma questão de ser Free.

Maiores informações 0800 888 2233

Não há um nível de consumo sem riscos.

6 mg de alcatrão 0.6 mg de nicotina e 8mg de monóxido de carbono

O Ministério da Saúde adverte FUMAR CAUSA MAU HÁLITO, PERDA DE DENTES E CÂNCER NA BOCA

Encarte encontrado em maços de cigarros Free.

REDAÇÃO: QUADRO-RESUMO

MODALIDADES	DESCRIÇÃO	NARRAÇÃO	DISSERTAÇÃO
Características	Situa seres e objetos no espaço (fotografia)	Situa seres e objetos no espaço (história)	Discute um assunto, apresentando pontos de vista e juízos de valor
Introdução	A perspectiva do observador focaliza o ser ou objeto, distingue seus aspectos gerais e os interpreta.	Apresenta as personagens, localizando-as no tempo e no espaço.	Apresenta a síntese do ponto de vista a ser discutido (tese).
Desenvolvimento	Capta os elementos numa ordem coerente com a disposição em que eles se encontram no espaço, caracterizando-os objetiva e subjetivamente, física e psicologicamente.	Através das ações das personagens, constrói-se a trama e o suspense, que culminam no clímax.	Amplia e explica o parágrafo introdutório. Expõe argumentos que evidenciam posição crítica, analítica, reflexiva, interpretativa, opinativa sobre o assunto.
Conclusão	Não há procedimento específico. Considera-se concluído o texto quando se completa a caracterização	Existem várias maneiras de concluir uma narração. Esclarecer a trama é uma delas	Retoma sinteticamente as reflexões críticas ou aponta as perspectivas de solução para o que foi discutido.
Recursos	Uso dos cinco sentidos, que, combinados, produzem a sinestesia. Adjetivação farta, verbos de estado, comparações.	Verbos de ação, geralmente no tempo passado; narrador personagem, observador ou onisciente; discurso direto, indireto e indireto livre.	Linguagem referencial, objetiva; evidências, exemplos, justificativas e dados.
O que se pede	Sensibilidade para combinar e transmitir sensações físicas – cores, formas, sons, gostos, odores – e psicológicas – impressões subjetivas, comportamentos. Pode ser redigida em um único parágrafo.	Imaginação para compor uma história que entretenha o leitor, provocando expectativa e tensão. Pode ser romântica, dramática, humorística...	Capacidade de organizar ideias (coesão), conteúdo para discussão (cultura geral), linguagem clara, objetiva, vocabulário adequado e diversificado.
Crônica Da descrição, a crônica tem a sensibilidade impressionista; da narração, a imaginação (para o humor ou a tensão); da dissertação, o teor crítico. A crônica pode ser narrativa, narrativo-descritiva, humorística, lírica, reflexiva... Ou combinar essas variantes com as singularidades do assunto. Desenvoltura e intimidade na linguagem aproximam o texto do leitor. É um gênero breve (curta extensão), que não tem estrutura definida. Toda possibilidade de criação é permitida nesse tipo de redação, que corresponde a um flagrante do cotidiano, em seus aspectos pitorescos e inusitados, a uma abordagem humorística, a uma reflexão existencial, a uma passagem lírica ou a um comentário de interesse social.			

9 REDAÇÃO (PREMISSAS²⁰)

Ao elaborar seus textos, lembre-se de que sua comunicação será muito mais eficiente se você observar as seguintes condições:

- conheça com razoável profundidade aquilo sobre o que vai falar (leia, pesquise, discuta...);
- conheça seu receptor, para adequar a ele sua linguagem. Trata-se de saber a posição do outro, usar a linguagem e o nível adequados à hierarquia;
- conheça e domine as possibilidades e as regras do código por meio do qual você vai expressar-se;
- escolha o canal mais eficiente para enviar sua mensagem.

Lembre-se, no entanto, de que ruídos²¹ na comunicação podem comprometer a mensagem. Para combatê-los existe a **redundância**, também conhecida como saber partilhado. Trata-se do fenômeno que não traz informação nova à mensagem, mas garante sua eficácia. Os meios de comunicação de massa, por exemplo, primam pela redundância, pois, para atingir um público amplo e heterogêneo e conquistar o máximo de audiência, evitam soluções originais preferindo trabalhar com elementos previsíveis, que fazem parte do repertório desse público (saber partilhado).

No entanto, quando a redundância é exagerada, ao invés de garantir a eficácia da mensagem, torna o texto prolixo²², repetitivo, sem coesão.

²⁰ Premissa: 1. Lóg. Cada uma das proposições de um silogismo que serve de base à conclusão. 2. P. ext. Fato ou princípio que serve de base à conclusão de um raciocínio.

²¹ Ruído é todo fenômeno que ocasiona perda da informação entre a fonte e o destinatário, ou seja, qualquer perturbação que afete a comunicação e pode ser proveniente do **canal** (letras miúdas demais numa revista), **emissor** ou **receptor** (distração, semialfabetização, pré-julgamentos), **mensagem** (ambiguidade, incoerência, obscuridade), **código** (inadaptação aos seus fins).

²² Prolixo: superabundante, excessivo, demasiado. Antônimo = conciso: sucinto, resumido.

10/11 O TEXTO DESCRITIVO

Descrição de ambiente

1. Tentando ativar a percepção, procure registrar livremente todos os sons e ruídos que estão ocorrendo.
2. Registre, agora, os cheiros que esteja sentindo ou de que possa lembrar-se.
3. ... e os gostos.
4. Descreva, em seguida, as formas que enxerga ao seu redor.
5. Que cores essas formas têm?
6. Que diferentes sensações táteis tais formas apresentam?
7. Organize um texto que seja a descrição de uma feira livre

Textos para leitura

“Vivem dentro, mesquinhamente, vergônteas estioladas²³ de famílias fidalgas, de boa prosápia²⁴ entroncada na nobiliarquia²⁵ lusitana. Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem de pátina²⁶, e cujo estuque, lagarteado de fendas, esboroa a força de goteiras, erra o bafio da morte. Há nas paredes velhos quadros, crayons, moldurando efígies de capitães-mores de barba em colar; há candelabros de dezoito velas, esverdeados em azinavre; mas nem se acendem as velas, nem se guardam mais os nomes enquadrados. E por tudo se agruma o bolor râncido da velhice. São palácios mortos, da cidade morta.”

(Monteiro Lobato)

“De fato, o espetáculo era excepcional.

O céu, dividido entre a noite e o alvorecer, preto-azulado do oeste até o zênite, branco-perolado no Oriente, estava inteiramente tomado pela mais fabulosa arquitetura de nuvens que se podia imaginar. A brisa noturna que construía esse gigantesco canteiro de obras de palácios, colunatas, torres e geleiras tinha-se ido, deixando tudo em desordem, numa imobilidade e num silêncio solenes que serviam de pedestal à aurora. A crista mais alta de um cúmulo descabelado pelo vento já estava sendo tocada por um pincel amarelo, primeiro farol do dia no frontão da noite que terminava, enquanto nas regiões mais baixas as nuvens ainda estavam mergulhadas numa penumbra difusa, perfurada por desfiladeiros, picos, formando fileiras de escarpas e precipícios azuis, campos de neve noturnos, correntes de lava violenta. Todo o céu estava possuído por uma energia contínua, parecia a presa de um caos imóvel, o teatro de um desabamento cristalizado; sobre o mar diáfano e sem rugas, tudo estava em suspenso, à espera do dia.”

²³ Estiolado: enfraquecido, definhado.

²⁴ Prosápia: raça, linhagem.

²⁵ Nobiliarquia: Estudo das origens e tradições das famílias nobres e dos apelidos, armas, brasões, etc., da nobreza.

²⁶ Pátina: oxidação das tintas ou do verniz pela ação do tempo e sua gradual transformação pela ação da luz.

(Simon Leys)

“Maravilha de ruído, encantamento do barulho. Zé Pereira, bumba, bumba. Falsetes azucrinam, zombeteiam. Viola chora e espinoteia. Melopeia negra, melosa, feiticeira, candomblé. Tudo é instrumento, flautas, violões, reco-recos, saxofones, pandeiros, liras, gaitas e trombetas. Instrumentos sem nome inventados subitamente no delírio da improvisação, do ímpeto musical. Tudo é canto. Os sons se sacodem, berram, lutam, arrebentam no ar sonoro dos ventos, vaías, klaxons, aços estrepitosos. Dentro dos sons movem-se cores, vivas, ardentes, pulando, dançando, desfilando sob o verde das árvores, em face do azul da baía no mundo dourado. Dentro dos sons e das cores, movem-se os cheiros, cheiro de negro, cheiro de mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de todas as excitações e de todas as náuseas. Dentro dos cheiros, o movimento dos tatos violentos, brutais, suaves, lubrificados, meigos, alucinantes. Tatos, sons, cores, cheiros se fundem em gostos de gengibre, de mendubim, de castanhas, de bananas, de laranja, de bocas e de mucosas. Libertação dos sentidos envolventes das massas frenéticas, que maxixam, gritam, tresandam, deslumbram, saboreiam, de Madureira à Gávea na unidade do prazer desencadeado.”

(Graça Aranha)

Descrição de tipos

1. A partir de traços específicos, descreva estes tipos:

uma prostituta

uma mendiga

um jogador profissional

uma catadora de papéis

um *rapper*

2. Elabore, agora, um texto que seja um instantâneo de um dos tipos.

3. Textos para leitura

3.1. Brasileiro

Lá está ele: figura arcada pelo trabalho pesado. Seus olhos são fundos, cansados, cercados pela marca do tempo. Suas roupas são simples, surradas, suadas. Tem no bolso um volante da loto, a carteira de trabalho e alguns trocados. Nas mãos, ásperas e grossas, traz uma marmita vazia, outrora cheia de quase-nada. Não se segura a nada, já tão acostumado ao vaivém do trem da sua vida. Ele mal respira, espremido por entre cópias de si próprio. Não se comunica, como se já não tivesse forças sequer para reclamar. Seu olhar é vazio, sinal do cansaço da desesperança de não ter esperança.

Lá está ele, de olhar fixo em lugar algum, sem aparentemente nada pensar, nada almejar. Talvez, vez por outra, pense simplesmente em chegar para se completar mais uma vez o ciclo de sua vida quase sem vida.

Lá está ele, o brasileiro, em mais um trem, em mais uma volta, de olhar vazio, sem nada esperar, a não ser a volta do dia seguinte. (José Ramon)

“Quem prefere os rostos ingênuos de Renoir e as formas perfeitas de Michelangelo, o ser humano como anjo recriado, não aceita a crueza de Lucien Freud. Ele não mais usa o acabamento que dá à pele o frescor rosado. Sua pintura representa a carne passada: busto caído, traseiro murcho, pregas na barriga, coxas flácidas, profusos pêlos púbicos, pernas e braços queimando óleo 60, rostos arruinados por manchas e marcas. Gente castigada pela vida dura. O toque de pigmento oleoso nessas telas é mínimo, deixando cada corpo exhibir sua sensualidade inerente: chega-se a imaginar o odor natural, a transpiração, o anseio animal.”

(Sônia Nolasco, *O Estado de S.Paulo*, 8/12/1993)

Estranhamento

“A familiaridade engendra a indiferença.” (Aldous Huxley)

Além de descrever um objeto, pessoa, ambiente..., você pode trabalhar criativamente fundindo gêneros²⁷ textuais diferentes. Veja o efeito nos textos abaixo.

1. O Despertar do Burocrata

O burocrata acorda e abre a boca, segundo ordena o RIPD (Regras Imediatas para o Despertar). Confere os botões do pijama, vê que está faltando um, anota a quantia deles numa folha ao lado, data, assina e carimba. Tranca-se no banheiro, até que se forma lá fora uma fila imensa (mulher, empregada e cinco filhos) que começa a se agitar. O burocrata dá um sorriso (ele só consegue rir diante de filas insatisfeitas). A mulher grita “escova os dentes” e ele escova, “toma banho” e ele toma (o burocrata adora cumprir ordens). Confere o número de furos do chuveiro, anota, data, assina e carimba. Senta-se à mesa da copa, também chamada de RDPD (Repartição Doméstica do Pão Diário), lê seu jornal predileto (o Diário Oficial) e encaminha um ofício à empregada solicitando um pedaço de pão com manteiga. A manteiga vem estragada e imediatamente é instaurado um inquérito administrativo. Em seguida ele palita os dentes (com o palito confere o número de molares e caninos, anota, data, assina e carimba). Deixa com a esposa o dinheiro — também chamado de previsão orçamentária — do dia: cinco cruzeiros (o burocrata é notoriamente um pão-duro). A mulher quer beijá-lo, mas ele olha o relógio — oito horas — sente muito, o expediente está encerrado, agora só amanhã. Fecha a porta e sai para mais um dia de serviço, lamentando para a esposa: — Chega de diversões e aventuras, querida. O jeito agora é ir para a repartição e aguentar aquela monotonia.

(Procópio, Almanaque Humordaz)

2.

GLAXOBOL

Antagonista seletivo dos receptores da ansiedade.

Composição

Cloreto de polivinil.....0,5g

Indicações

Medicação lazerogênica. Antiestressante exclusivo para uso médico e afins. Plantonite aguda.

Profilaxia contra os efeitos da chefose paroxística. Clientofobia aguda.

Contra-indicações

Parkinsonismo. Tetraplegia. Estados comatosos.

Precauções

Manter afastado de pessoas com tendência à cleptomania.

Interação medicamentosa

Não há. Pode ser usado inclusive em concomitância com familiares.

Posologia

Uma, duas ou três vezes ao dia, ou após cada 3 ou 4 consultas. Ou, ainda, a cada 5 propagandas médicas.

²⁷ Gênero: Realização linguística concreta definida por propriedades sociocomunicativas.

Modo de usar

Vide instruções.

Obs.: Ao contrário dos demais medicamentos, **GLAXOBOL** pode ser usado com segurança no primeiro trimestre de gestação.

GLAXO DO BRASIL S.A. Rua Viúva Cláudio, 300 - RJ

3.**AVÓ****Composição**

Carne, ossos (fracos), dentes (pouco originais), sangue, coração disritmado, cabelos brancos, pele enrugada e pensamentos radicais.

Indicações

Conselhos inúteis, problemas financeiros, fome, carência maternal, remendos urgentes, domingos perdidos.

Precauções

Mantê-la afastada de problemas pessoais, horários, filmes pornográficos, quartos desarrumados e pessoas muito liberadas e escandalosas.

Efeito colateral

Pode levar ao desespero crônico e ao total isolamento familiar.

Contraindicações

Pessoas independentes e impacientes.

Posologia

Duas vezes ao mês. Cuidado com o uso constante.

Modo de usar

Aconselhável telefonar, para não ter contato físico constante.

Obs.: Manter esta bula longe dos olhos de qualquer espécie de avó, pois a leitura acarretará homicídio doloso.

(Adriana Coelho, Alessandra Bucciarelli, Ana Paula Aragão — Fiam/88)

4. Anúncio de lançamento da Overconta Bozano, Simonsen

Overconta. (Neol.)S.f. **1.** Conta bancária que funciona como todas as outras, porém com rendimentos, encontrada exclusivamente nas agências do Banco Bozano, Simonsen. **2.** Conta corrente que rende. **3.** Conta com remuneração. **4.** Conta com rendimentos da noite para o dia. **5.** Despreocupação. **6.** Investimento inteligente: “*Tira da conta e põe no over, tira do over e põe na conta... Tira tudo isso e põe na Overconta Bozano, Simonsen.*”

CONTRIBUIÇÃO DO BANCO BOZANO, SIMONSEN PARA TODOS OS PEQUENOS, MÉDIOS E GRANDES DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Obs.: Veja mais exemplos de estranhamento nos Anexos.

Descrição objetiva

Até este ponto, fornecemos exemplos de descrições subjetivas que incorporaram a visão do observador, transmitindo concomitantemente às características do objeto as impressões causadas no sujeito que descreve. No entanto, a descrição pode centrar-se no objeto, independentemente de quem o sente ou vê. É a chamada descrição objetiva ou técnica, que busca a objetividade absoluta.

A descrição objetiva trabalha com a função referencial, os traços objetivos referem-se ao objeto, independentemente de quem o vê ou sente. O vocabulário é preciso, os pormenores exatos e seu objetivo é esclarecer, informar, comunicar. Ela está presente em manuais de instrução ou de estudos e em relatórios.

Robert Barrass, em seu livro *Os cientistas precisam escrever*, nos fornece indicações úteis de como redigir instruções, que com algumas alterações aqui transcrevemos. As instruções devem ser completas, de modo a explicar a ação requerida e responder a todas as perguntas relevantes. Devem ser claras, concisas, simples e de fácil entendimento. Devem, portanto, ser redigidas por alguém que conheça a tarefa a executar.

1. Considerar o destinatário das instruções.
2. Preceder as instruções de quaisquer explicações indispensáveis.
3. Explicitar precauções relativas à segurança: se preciso, repetir os mesmos informes imediatamente antes da fase em que as precauções devem ser tomadas.
4. Colocar as instruções na ordem em que devem ser executadas.
5. Indicar a ação exigida em cada uma das fases, separadamente.
6. Empregar frases completas, no modo imperativo.
7. Numerar as sucessivas fases, de modo a realçar a ação exigida em cada uma.
8. Havendo desenhos, fotos ou exemplos, colocá-los logo em seguida aos trechos que ilustram.
9. Analisar as instruções.
10. Efetuar um teste preliminar, no mínimo com duas pessoas: uma que tenha experiência da tarefa a executar, e outra sem essa experiência.

A descrição objetiva, também chamada conceitual, pode apresentar-se sob outra forma. Leia o texto do médico Rinaldo De Lamare e perceba como a tônica da descrição é dirigida ao objeto:

Catapora

Catapora, também denominada por alguns de varicela, e por outros de varíola boba, é moléstia infecto-contagiosa de caráter eruptivo. Durante muito tempo, foi considerada por alguns como varíola branda mas a ideia de moléstia autônoma, independente da outra, dominou até os nossos dias. É extremamente contagiosa.

O início da moléstia é discreto, temperatura de 37,5 o a 39,5 o . O doentinho não apresenta sintomas alarmantes; inapetência, pouca disposição, dor de cabeça; de 24 a 48 horas depois, aparecem sobre a pele manchas vermelhas, que se transformam em vesículas, mantendo um halo de inflamação. O líquido desta vesícula acaba por se romper, transformando-se depois numa crosta que se desprende de 15 a 21 dias, podendo deixar ou não cicatriz.

Esses elementos eruptivos não são disciplinados; enquanto uns começam, outros acabam na mesma região, dando o aspecto de céu estrelado. Daí o nome dado por alguns de varíola louca, e por outros de varíola boba, pois o mesmo não se verifica com a terrível varíola.

Veja, no entanto, o que fez o escritor argentino Júlio Cartázar a partir do gênero manual de instruções:

Instruções para chorar

Deixando de lado os motivos, atenhamo-nos à maneira correta de chorar, entendendo por isso um choro que não penetre no escândalo e que não insulte o sorriso com sua semelhança desajeitada e paralela.

O choro médio ou comum consiste numa contração geral do rosto e um som espasmódico acompanhado de lágrimas e muco, este ao final, pois o choro acaba no momento em que a gente se assoa energicamente.

Para chorar, dirija a imaginação a você mesmo, mas se isso lhe for impossível por ter adquirido o hábito de acreditar no mundo exterior, pense num pato coberto de formigas e nesses golfos do Estrito de Magalhães nos quais não entra ninguém, nunca.

Quando o choro chegar, você cobrirá o rosto com delicadeza, usando ambas as mãos com a palma para dentro. As crianças chorarão esfregando a manga do casaco na cara, e de preferência num canto do quarto. Duração média do choro, três minutos.

(CORTÁZAR, Júlio. *Histórias de cronópios e famas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1973)

Agora, elabore um manual de instruções para executar um ato cotidiano e automático.

Como se fosse a primeira vez

Despojando-se de todo conhecimento que você tem de um objeto de uso habitual, descreva-o como se o estivesse vendo pela primeira vez.

Texto de apoio

1. Fascínio

No centro, os dois pequenos buracos se abrindo num promontório, embaixo do qual outro buraco, um pouco maior, no sentido horizontal, ao abrir, mostra o brilho ocasional de retângulos de esmalte claro, quase branco. Em cima duas contas brilhantes, cor verde-cinza, capazes de um movimento rápido e inesperado. Riscos em volta, uns mais profundos, outros menos, sinais do código do tempo representando número de anos. Cada risco um determinado número de anos. Olho, fascinado. Todo dia olho, fascinado. Colados à direita e à esquerda do círculo em que se incrustam os buracos e as contas brilhantes acima, dois pedaços mais ou menos semicirculares do mesmo material da estrutura geral servem para captar sons, como conchas de um aparelho acústico. Pontos negros, marcas, cicatrizes de acontecimentos de outra forma esquecidos. Eis minha cara.

Olho-a sempre e muito. Tenho mesmo a impressão de que jamais olhei tanto tempo, tantos anos, todo dia, uma mesma coisa. Gosto dela? Não gosto? Qual a minha opção? Só a de não olhá-la. Mas que outra se ofereceria assim, com tal intimidade, entra ano sai ano? Tenho de olhá-la para sempre e um dia. Ela me representa mais do que qualquer outra coisa, meu reflexo e minha delação, as pessoas me julgam por ela, me acusam por ela, me amam por ela e por ela me detestam. Na minúcia de seus poros, porém, só eu a conheço. E, se não a amo, não posso abandoná-la. O único afastamento que me permito é do próprio espelho, eu caminhando de costas, sem tirar os olhos dela, até que ela desapareça numa curva do quarto e eu possa ter a impressão de que nunca mais vou vê-la. Pura ilusão, porque o fascínio meu por ela é apenas igual ao dela por mim. E, ao me sentar, sozinho, para tomar um uísque no bar vazio e enquanto espero alguém, a primeira coisa que vejo é ela, ali no espelho à minha frente, esperando, melancólica, por um uísque igual ao meu, servido do mesmo jeito, ao mesmo tempo, pelo mesmo garçom.

(Millôr Fernandes, *Veja*, 11 novembro 1976)

12/13 O TEXTO NARRATIVO

Contar e ouvir histórias é uma atividade atávica, isto é, que remonta aos nossos antepassados mais distantes. Desde que o mundo é mundo, o ato de narrar fascina o homem e o de ouvir histórias o hipnotiza. Xerazade, a protagonista das *Mil e uma noites*, para evitar que o sultão, seu marido, a matasse, o entreteve com 1.001 histórias ao final das quais o soberano, além de não mandar matá-la, apaixonou-se por ela.

Narrar é o ato de relatar acontecimentos factuais ou fictícios por meio de palavras em textos orais ou escritos. Baseado na sequência temporal de fatos, o texto narrativo caracteriza-se por verbos de ação e marcadores temporais, como os advérbios.

O mais simples dos roteiros em que se pode inserir um fato a ser narrado consiste na fórmula do *lead*: 3Q+O+P+C.

Quem? apresenta as personagens geradoras da ação;

Quê? trata do enredo, o inventário dos fatos;

Quando? responde à situação dos fatos narrados no tempo;

Onde? responde à situação dos fatos narrados no espaço;

Por quê? indica as causas dos acontecimentos, sua origem;

Como? trata das singularidades do fato narrado, da maneira como se desenvolvem.

Esse é o roteiro prototípico das narrativas jornalísticas e serve de base para narrativas literárias, bem mais complexas quanto a sua estrutura. O que diferencia a narrativa literária de outros tipos de narrativa é seu caráter ficcional²⁸; sua natureza essencialmente linguística, geradora de uma supra-realidade²⁹, uma realidade paralela, complementar ao "real" das coisas e dos fatos do mundo e o fato de provocar uma experiência estética definida como *prazer estético*³⁰, que conjuga sentimento e razão³¹.

Assim, a função primordial do texto literário é levar o leitor a vivenciar a percepção da beleza e não de informá-lo sobre o real, sobre os fatos do mundo, ou seja, o texto literário tem a capacidade de levar-nos ao encantamento com a linguagem, com a beleza do arranjo de palavras, ideias, sons da língua, "a palavra é, pois, o elemento material intrínseco do homem para realizar sua natureza e alcançar seu objetivo artístico" (Alceu de Amoroso Lima). Quase sempre a organização expressiva das palavras no texto literário está ligada à conotação, isto é, não só estabelece relações novas, originais entre som e sentido (*tradutori traditori*), fenômeno denominado paronomásia, como também trabalha com figuras de linguagem como a metáfora³², a metonímia³³, a prosopopeia³⁴, a hipérbole³⁵, etc.

²⁸ Já disse o poeta Fernando Pessoa: "O poeta é um fingidor/ finge tão completamente/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente."

²⁹ A arte imita a vida.

³⁰ Estética: parte do conhecimento que estuda as manifestações artísticas.

³¹ "O que em mim sente está pensando", diz Fernando Pessoa.

³² Metáfora: consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado. Ex.: A Elaine é uma cobra.

Os elementos da narrativa são: *personagem, ação, tempo, espaço, narrador*.

Quanto às personagens, há o *protagonista* (personagem principal), o *antagonista* (personagem que tenta impedir que o protagonista realize sua tarefa) e os *coadjuvantes* (personagens secundárias). Essas personagens podem ser apresentadas de forma direta pela descrição física ou psicológica, ou a partir de dados esparsos no texto, como comportamento e fala.

O tempo, na narrativa, pode ser cronológico ou psicológico.

Para contar a história, é fundamental a presença do narrador. Ele é o intermediário entre a ação narrada e o leitor. O narrador (ou foco narrativo) pode ser de três tipos:

1. 3ª pessoa:

1.1 discurso de um narrador objetivo, não-personagem, que narra só o que vê sem opinar, fotografa apenas;

1.2 discurso de um narrador não-personagem que narra objetiva e subjetivamente, pois dá opinião.

1.3 discurso de um narrador não-personagem que penetra no interior da personagem, sabe o que ela pensa (onisciente) e está onde ela está (onipresente);

2. 1ª pessoa:

2.1 discurso de um narrador-testemunha, personagem secundária;

2.2 discurso de um narrador-protagonista, personagem central;

3. monologado: a história vem direta, através da mente da personagem (monólogo interior).

Conto Cruel (Manuel Bandeira)

A uremia não o deixava dormir.

A filha deu uma injeção de sedol.

— Papai verá que vai dormir.

O pai aquietou-se e esperou. Dez minutos...

Quinze minutos... Vinte minutos...

Quem disse que o sono chegava? Então, ele **Complicação** implorou chorando:

— Meu Jesus-Cristinho!

Mas Jesus-Cristinho nem se incomodou. **Desfecho**

Apresentação

Clímax

A narrativa ficcional compreende, tradicionalmente, gêneros distintos como a fábula (hoje pouco frequente), o conto, a novela e o romance.

³³ Metonímia: consiste em designar um objeto por palavra designativa doutro objeto que tem com o primeiro uma relação de causa e efeito (trabalho, por obra), de continente e conteúdo (copo, por bebida), lugar e produto (porto, por vinho do Porto), matéria e objeto (bronze, por estatueta de bronze), abstrato e concreto (bandeira, por pátria), autor e obra (um Camões, por um livro de Camões), a parte pelo todo (asa, por avião), etc.

³⁴ Prosopopeia: figura pela qual se dá vida e, pois, ação, movimento e voz, a coisas inanimadas, e se empresta voz a pessoas ausentes ou mortas e a animais; personificação.

³⁵ Hipérbole: figura que engrandece ou diminui exageradamente a verdade das coisas; exageração. Ex.: Chorou um rio de lágrimas.

Fábula: narrativa curta, inverossímil, com fundo didático, cujo objetivo é transmitir um ensinamento moral. Suas personagens são animais e seres inanimados (menos frequente). No caso destes últimos, a fábula recebe o nome de apólogo. O grego Esopo, o francês La Fontaine e o brasileiro Monteiro Lobato escreveram fábulas, Machado de Assis é autor de *Um apólogo*.

Conto: narrativa curta que apresenta unidade de enredo – há apenas um núcleo de ação com um único clímax. Há contos, no entanto, que não têm no enredo seu aspecto mais importante, centrando-se no interior da personagem, como faz Clarice Lispector.

Novela: texto de tamanho intermediário entre o conto e o romance. Nela há vários episódios entrelaçados pelas personagens e cada um desses episódios possui um pequeno conflito com clímax próprio. Geralmente suas personagens são simples, não têm densidade psicológica.

Romance: narração de um fato complexo, com seus antecedentes e desdobramentos. O romance abarca situações mais complexas e mais densas do que a novela e suas personagens tendem a ser mais trabalhadas. De acordo com o destaque ou a importância de cada um dos elementos da narrativa, o romance pode classificar-se como policial, psicológico, regionalista, romântico, etc.

PRODUÇÃO DE TEXTO

(Fuvest)

Uma indignação, uma raiva cheia de desprezo crescia dentro do peito de Vicente Lemes à proporção que ia lendo os autos³⁶. Um homem rico como Clemente Chapadense e sua viúva apresentando a inventário tão-somente a casinha do povoado! Veja se tinha cabimento! E as duzentas e tantas cabeças de gado, gente? E os dois sítios no município onde ficaram, onde ficaram? Ora bolas! Todo mundo sabia da existência desses trens que estavam sendo ocultados. Ainda se fossem bens de pequeno valor, vá lá, que inventário nunca arrola³⁷ tudo. Tem muita coisa que fica por fora. Mas naquele caso, não. Eram dois sítios, duzentas e tantas reses, cuja existência andava no conhecimento dos habitantes da região. A vila inteira, embora ninguém nada dissesse claramente, estava de olhos abertos assuntando se tais bens entrariam ou não entrariam no inventário. Lugar pequeno, ah, lugar pequeno, em que cada um vive vigiando o outro. Pela segunda vez Vicente Lemes lavrou o seu despacho, exigindo que o inventariante completasse o rol³⁸ de bens, sob pena de a Coletoria Estadual o fazer. Aí, como quem tira um peso da consciência, levantou-se do tamborete e chegou à janela que dava para o Largo, lançando uma olhadela para a casa onde funcionava o Cartório. Calma, a vila constituída pelo conjunto de casas do Largo. (Bernardo Élis, *O tronco*)

Imagine os possíveis desfechos da situação apresentada no texto de Bernardo Élis. Componha então duas breves redações que consistam respectivamente em:

- a) um desfecho trágico (limite: 10 linhas)
- b) um desfecho cômico (limite: 10 linhas)

³⁶ Auto: registro escrito e autenticado de qualquer ato.

³⁷ Arrolar: fazer relação de; inventariar.

³⁸ Rol: lista.

14 ROTEIRO BÁSICO PARA ANÁLISE DE NARRATIVAS LITERÁRIAS, DE ACORDO COM SAMIRA YOUSSEF CAMPEDELLI³⁹

Uma Vela para Dario (Dalton Trevisan)

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

Ele reclinou-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo tinha apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem respirar. Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca.

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram despertadas e de pijama acudiram à janela. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado á parede - não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delicias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade; sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes.

³⁹ ABDALA JUNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. 4ªed. São Paulo: Ática, 1994.)

O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo — os bolsos vazios. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio quando vivo - só podia destacar umedecida com sabonete. Ficou decidido que o caso era com o rabecão.

A última boca repetiu — Ele morreu, ele morreu. A gente começou a se dispersar. Dario levava duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim. Agora, aos que podiam vê-lo, tinha todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma tinha desaparecido. Apenas um homem morto e a multidão se espalhou, as mesas do café ficaram vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois, lá estava Dario à espera do rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó, e o dedo sem a aliança. A vela tinha queimado até a metade e apagou-se às primeiras gotas da chuva, que voltava a cair.

1. Deve-se começar toda análise de narrativa pela reconstituição do *enredo*, para conhecer melhor o objeto. Três etapas devem ser cumpridas:

a) Resumo:

Dario, um transeunte que portava um guarda-chuva e fumava cachimbo, passou mal na rua ao dobrar uma esquina. Encostou-se numa parede, escorregou e sentou na calçada, deixando seu cachimbo e o guarda-chuva no chão. Acudido, afrouxaram-lhe a gravata e a calça. Alguém opinou que estava tendo um ataque. Muitos passantes opinaram a respeito. Aos poucos, seus pertences foram sumindo: o cachimbo, o guarda-chuva, o relógio de pulso, o alfinete de pérola da gravata, os sapatos. Estirado no chão, Dario vai morrendo, o corpo exposto às moscas. Gente veio e gente se foi. Após horas, a polícia veio e constatou sua morte. Um menino acendeu uma vela que ardeu até a metade, até se apagar, horas depois, com a chuva, sem que o corpo de Dario tivesse sido removido.

b) Organização do relato

O relato organiza-se a partir de um início abrupto, de chofre, sem introdução. Este conto tem apenas clímax e desenlace de um só episódio que se encerra em si mesmo, sem uma continuação necessária.

c) Ritmo do relato

A narrativa é tensa e rápida. Há economia de meios, característica mais marcante do estilo de Dalton Trevisan.

2. A segunda parte da análise deve deter-se no elemento *tempo*, respondendo às questões: quando se passa a história?, o tempo é cronológico ou psicológico?, é possível determinar início, meio e fim da história?

Percebe-se que o tempo de *Uma vela para Dario*, ainda que não marcado por datas, é contemporâneo. Dario é um cidadão comum, que passa mal numa rua qualquer e morre. O tempo é cronológico, compreende um determinado período de um dia. Não há digressões psicológicas. Podemos determinar a duração da história, embora não possamos determinar os

horários em que se iniciou e terminou o fato principal. Vejamos: Dario levou duas horas para morrer; transeuntes apreciavam o corpo estendido no chão, à noite, enquanto comiam e bebiam no café; três horas depois (e uma vela queimada até a metade), o corpo ainda estava estirado na porta da peixaria. Conclui-se que a história dura do comecinho da noite até cerca das vinte e duas horas.

3. O terceiro passo é o enfoque do *espaço*. Devemos saber: onde acontece a história?, o cenário é descrito minuciosamente?, pode-se dizer que o espaço físico é importante para a história?

Em *Uma vela para Dario*, os fatos têm lugar em plena rua, num espaço urbano, numa grande cidade (há muitos transeuntes, um café, uma peixaria, o movimento é intenso). O cenário não é minuciosamente descrito, mas isso é favorável à caracterização do anonimato das personagens e do fato: havia chovido; a rua estava tomada de gente; há uma ideia de trânsito intenso. O lugar é importante para a história do ponto de vista de sua ambiência social, isto é, as personagens no espaço aberto, impessoal, anônimo da rua, não se envolvem com fatos particulares, mesmo diante de um fato grave como a morte.

4. O quarto passo é a análise das *personagens*: há personagens protagonistas e coadjuvantes (ou secundárias)?; elas são redondas, planas, tipos, caricaturais?

No texto analisado, há apenas uma personagem principal, Dario: em torno dele giram os acontecimentos, embora ele permaneça passivo, alheio aos fatos, afinal, está morrendo. Mesmo assim, é o elemento gerador do conflito do texto, um conflito social – a indiferença e o oportunismo diante da morte alheia. Dario é uma personagem plana, nada sabemos dele; o narrador diz-nos apenas seu nome, o que é suficiente para colocar o leitor numa posição próxima, solidária a essa personagem. As outras personagens são tipos humanos que não têm nome, apenas designadas por uma característica qualquer: dois ou três passantes, um moço de bigode, uma velhinha de cabeça grisalha, o motorista de táxi, um menino de cor e outras. Todas são tipos anônimos.

5. O quinto momento da análise deve ser o estudo do *foco narrativo*: quem conta a história?, existe onisciência narrativa?, há diálogo com o leitor?, há imparcialidade no relato?

Quem conta a história é um narrador em terceira pessoa, que não participa dos fatos e é onisciente, conhece cada momento do ocorrido. O narrador não se dirige ao leitor em nenhuma parte do texto, que é narrado com imparcialidade, sem que sejam emitidas reflexões ou opiniões sobre os fatos contados.

6. O sexto ponto a ser abordado é a linguagem o *estilo* do texto: como é feita a narração?, qual o tipo de discurso predominante?, qual é o "tom" da narrativa?

No texto, a narração é simples, esquematizada. Há uma grande economia de palavras, de informações: o leitor recebe exatamente o necessário para penetrar na dramaticidade do relato, nada mais, não há prolixidade. O discurso indireto foi o único utilizado, não há diálogos nem fluxo de consciência, ou discurso indireto livre. O "tom" da linguagem é seco, incisivo, correto, sóbrio, não há tentativa de despertar emoções fáceis.

7. O último passo é elaborar uma *síntese* ou *conclusão* que deve, ao menos, responder aos seguintes quesitos: qual o tipo de mensagem que o relato transmitiu?, quais os temas presentes no relato?, existe crítica social?, o que você, como leitor, pensa desse texto?

Uma vela para Dario tem como mensagem principal a ideia de desumanização e automatismo que impregna as grandes cidades. Há crítica social implícita, porque o narrador evidencia a indiferença e o oportunismo das pessoas, anônimas, em relação ao morto, tão anônimo quanto elas. Cada uma das personagens-tipos está preocupada apenas com satisfazer as próprias necessidades, o próprio ego, não há solidariedade num momento tão grave como esse. Dario levou duas horas para morrer; quem sabe, se, auxiliado verdadeiramente, não teria sobrevivido? Os temas presentes são a brevidade da vida, a robotização do homem, a alienação⁴⁰, o descaso com o semelhante, o oportunismo.

1) Agora, proceda à análise do conto a seguir:

TENTAÇÃO (Clarice Lispector)

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor – a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um *basset* lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um *basset* ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente da sua dona, arrastando o seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmados. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo. Os pêlos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se, com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

⁴⁰ Alienação: estado resultante do abandono ou privação de um direito natural. No *hegelianismo*, processo em que a consciência se torna estranha a si mesma, afastada de sua real natureza, exterior a sua dimensão espiritual, colocando-se como uma coisa, uma realidade material, um objeto da natureza.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos – lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes do Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.

A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O *basset* ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-lo dobrar a outra esquina.

Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

(LISPECTOR, Clarice. in *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.)

2) Imagine um outro final para o conto.

15 O TEXTO DISSERTATIVO

Dissertar é um ato praticado pelas pessoas todos os dias. Elas procuram justificativas para a elevação dos preços, para o aumento da violência nas cidades, para a repressão dos pais. Todos se preocupam com a AIDS, a solidão, a poluição. Muitas vezes, em casos de divergência de opiniões, cada um defende seus pontos de vista em relação ao futebol, ao cinema, à música.

A vida cotidiana traz constantemente a necessidade de exposição de ideias pessoais, opiniões e pontos de vista. Em alguns casos, é preciso persuadir os outros a adotarem ou aceitarem uma forma de pensar diferente. Em todas essas situações e em muitas outras, utiliza-se a linguagem para dissertar, ou seja, organizam-se palavras, frases, textos, a fim de – por meio da apresentação de ideias, dados e conceitos – chegar a conclusões.

Dissertação implica discussão de ideias, argumentação, organização do pensamento, defesa de pontos de vista, descoberta de soluções. Para elaborar um texto dissertativo é necessário conhecimento do assunto que se vai abordar, aliado a uma tomada de posição diante dele. É o tipo de texto que analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos, ou seja, a referência ao mundo real se faz por meio de conceitos amplos, de modelos genéricos. Na dissertação não existe uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, premissa e conclusão, etc.).

A dissertação expositiva tem como propósito principal expor ou explanar, explicar ou interpretar ideias. A dissertação argumentativa visa sobretudo convencer ou persuadir o leitor, apresentando pontos de vista e juízos de valor.

A linguagem utilizada nesse tipo de texto é referencial, clara, objetiva, com vocabulário adequado e diversificado.

Padre Antônio Vieira, representante máximo da vertente conceptista do Barroco brasileiro, assim define o sermão e, por extensão, a argumentação:

(...) O sermão há de ser de uma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la

para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar nela.

("Sermão da sexagésima", Pe. Antônio Vieira)

Para ser persuasivo, segundo Vieira, o texto deve ter:

- ✓ **unidade:** tratar de um só objeto, de uma só matéria – eleger seu objeto central.
- ✓ **comprovação das teses defendidas com outros textos autorizados:** no texto, Vieira usa as Sagradas Escrituras, que, para ele, são a fonte legítima da verdade.
- ✓ **raciocínio:** para estabelecer correlações lógicas entre as partes do texto.
- ✓ **confirmar suas afirmações com exemplos adequados:** uma ideia abstrata ganha mais confiabilidade quando acompanhada de exemplos concretos adequados.
- ✓ **refutação de argumentos contrários.**

Além desses recursos, há outros que aumentam o poder de persuasão de um texto:

- ✓ **apoio na consensualidade:** há enunciados que não exigem demonstração nem provas porque seu conteúdo de verdade é aceito como válido por consenso. Ex.: As condições de saúde são mais precárias em países subdesenvolvidos.
- ✓ **comprovação pela experiência ou observação:** o conteúdo de verdade pode ser fundamentado por documentação com dados que comprovem sua validade.
- ✓ **fundamentação lógica:** a argumentação pode basear-se em operações de raciocínio lógico, como implicações de causa e consequência.

Estrutura textual

Tema: Proposição que vai ser tratada ou demonstrada.

Assunto: Delimitação do tema.

É importante delimitar um aspecto acerca do tema proposto para uma boa abordagem do assunto. Não se poderá fazer uma análise aprofundada se o tema for amplo, por isso especifica-se o assunto a ser tratado. A escolha do aspecto, entretanto, não pode restringir demais o tema ou correr-se o risco da falta de ideias.

Essa delimitação deve ser feita na introdução e, a partir daí, o leitor sabe que aquele aspecto será explorado no decorrer do texto e a conclusão fará menção direta a ele.

Exemplos:

- ✓ **televisão** – a violência na televisão / a televisão e a opinião pública
- ✓ **a vida nas grandes cidades** – a vida social dos jovens nas grandes cidades / os problemas das grandes cidades
- ✓ **preconceitos** – preconceitos raciais / causas do preconceito racial
- ✓ **progresso** – vantagens e desvantagens sociais do progresso / progresso e evolução humana

Parágrafos

São blocos de texto, cuja primeira linha inicia-se em margem especial, maior do que a margem normal do texto. Concentram sempre uma ideia-núcleo relacionada diretamente ao tema da redação.

Não há moldes rígidos para a construção de um parágrafo. O ideal é que em cada parágrafo haja dois ou três períodos, usando pontos continuativos (na mesma linha) intermediários.

A divisão em parágrafos é indicativa de que o leitor encontrará, em cada um deles, um tópico do que o autor pretende transmitir. Essa delimitação deve estar esquematizada desde antes do rascunho, no momento do planejamento estrutural, assim a redação apresentará mais coerência.

Qualidades do parágrafo

- **unidade:** cada parágrafo deve conter um tópico frasal, isto é, explorar uma só ideia.
- **coerência:** cada parágrafo deve apresentar de forma clara o que é essencial e o que é secundário e não contradizer-se.
- **concisão:** períodos longos, com muitas intercalações, devem ser evitados.
- **clareza:** o vocabulário deve adequar-se ao assunto e ao interlocutor. O uso de ordem indireta, palavras polissêmicas e expressões ambíguas pode tornar o parágrafo confuso, pouco legível.

Partes de uma dissertação

1) Introdução

Constitui o parágrafo inicial do texto e deve ter, em média, cinco linhas. É composta por uma sinopse⁴¹ do assunto a ser tratado no texto. Não se pode, entretanto, começar as explicações antes do tempo. Todas as ideias devem ser apresentadas de forma sintética, pois é no desenvolvimento que serão detalhadas. Esta é a parte em que se apresenta a ideia principal, a tese, a qual deverá ser desenvolvida progressivamente no decorrer do texto. A ideia principal é o ponto de partida do raciocínio. A elaboração dessa etapa inicial exige boa capacidade de síntese, pois a clareza alcançada na exposição da ideia constitui uma das formas de obtermos a adesão do leitor ao texto; não que o leitor de imediato concorde com nosso primeiro argumento – a tese –, mas, se oferecermos a ele um contato direto com a matéria que encaminhará nossa argumentação, o texto ganhará maior objetividade e rigor.

2) Desenvolvimento

Esta segunda parte, também chamada de argumentação, representa o corpo do texto. Aqui serão desenvolvidas as ideias propostas na introdução. É o momento em que se defende o ponto de vista acerca do tema proposto. Deve-se tomar cuidado para não deixar de abordar nenhum item proposto na introdução. É evidente que a variedade de conexões entre os argumentos depende da riqueza do repertório de quem escreve e da possibilidade de constituir-se com eles uma rede de sentidos; a quantidade de informações por si só não assegura a qualidade da argumentação, já que esta, como

⁴¹ Sinopse: Resumo, geralmente escrito, de uma obra (sinopse do filme); síntese.

uma operação lógica, decorre do domínio sobre o material linguístico (estruturação da frase, pontuação, uso de conectivos etc.) e da adequação dos argumentos ao contexto, antecedida do exame da veracidade de cada um deles.

3) Conclusão

Representa o fecho do texto e deve conter, assim como a introdução, em torno de cinco linhas, pode ser uma reafirmação do tema e dar-lhe um fecho ou apresentar possíveis soluções para o problema apresentado.

Qualidades de uma dissertação

O texto deve ser sempre bem claro, conciso e objetivo. A coerência é um aspecto de grande importância para a eficiência de uma dissertação, pois não deve haver pormenores excessivos ou explicações desnecessárias. Todas as ideias apresentadas devem ser relevantes para o tema proposto e relacionadas diretamente a ele.

A originalidade demonstra sua segurança; não se pode, entretanto, abandonar o tema proposto.

Toda redação deve ter início, meio e fim, que são designados por introdução, desenvolvimento e conclusão. As ideias distribuem-se de forma lógica, sem haver fragmentação da mesma ideia em vários parágrafos.

Elementos de coesão

Algumas palavras e expressões facilitam a ligação entre as ideias, estejam elas num mesmo parágrafo ou não. Não é obrigatório, entretanto, o emprego destas expressões para que um texto tenha qualidade. Seguem algumas sugestões e suas respectivas relações:

assim, desse modo – têm valor exemplificativo e complementar. A sequência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar e complementar o que se disse anteriormente.

ainda – serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão; ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto de ideias qualquer.

aliás, além do mais, além de tudo, além disso – introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo. Pode ser usado para dar um "golpe final" num argumento contrário.

mas, porém, todavia, contudo, entretanto... (conj. adversativas) – marcam oposição entre dois enunciados.

embora, ainda que, mesmo que – servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento, diminuir sua importância. Trata-se de um recurso dissertativo muito bom, pois sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.

este, esse e aquele – são chamados termos anafóricos e podem fazer referência a termos anteriormente expressos, inclusive para estabelecer semelhanças e/ou diferenças entre eles.

Argumentação

A base de uma dissertação é a fundamentação de seu ponto de vista, sua opinião sobre o assunto. Para tanto, deve-se atentar para as relações de causa-consequência e pontos favoráveis e desfavoráveis, muito usadas nesse processo.

Algumas expressões indicadoras de causa e consequência:

causa: por causa de, graças a, em virtude de, em vista de, devido a

consequência: conseqüentemente, em decorrência, como resultado/ efeito de.

Algumas expressões que podem ser usadas para abordar temas com divergência de opiniões: em contrapartida, se por um lado... / por outro... , xxx é um fenômeno ambíguo, enquanto uns afirmam... / outros dizem que...

Exemplo de argumentação para a tese de que as abelhas são insetos extraordinários:

porque tem instinto muito apurado

porque são organizadas em repúblicas disciplinadas

porque fornecem ao homem cera e mel

apesar de seus ferrões e de sua força quando constituem um enxame

Mesmo quando se destacam características positivas, é bom utilizar ponto negativo. Neste caso, destaca-se que a importância dos pontos positivos minimizam a negatividade do outro argumento.

Exemplo de texto dissertativo:

Aquilo por que vivi

Três paixões, simples, mas irresistivelmente fortes, governaram-me a vida: o anseio de amor, a busca do conhecimento e a dolorosa piedade pelo sofrimento da humanidade. Tais paixões, como grandes vendavais, impeliram-me para aqui e acolá, em curso, instável, por sobre o profundo oceano de angústia, chegando às raias do desespero.

Busquei, primeiro, o amor, porque ele produz êxtase – um êxtase tão grande que, não raro, eu sacrificava todo o resto da minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Ambicionava-o, ainda, porque o amor nos liberta da solidão – essa solidão terrível através da qual nossa trêmula percepção observa, além dos limites do mundo, esse abismo frio e exânime. Busquei-o, finalmente, porque vi na união do amor, numa miniatura mística, algo que prefigurava a visão que os santos e os poetas imaginavam. Eis o que busquei e, embora isso possa parecer demasiado bom para a vida humana, foi isso que – afinal – encontrei.

Com paixão igual, busquei o conhecimento. Eu queria compreender o coração dos homens. Gostaria de saber por que cintilam as estrelas. E procurei apreender a força pitagórica pela qual o número permanece acima do fluxo dos acontecimentos. Um pouco disto, mas não muito, eu o consegui.

Amor e conhecimento, até ao ponto em que são possíveis, conduzem para o alto, rumo ao céu. Mas a piedade sempre me trazia de volta à terra. Ecos de gritos de dor ecoavam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desvalidos a construir um fardo para seus filhos, e todo o mundo de solidão, pobreza e sofrimentos, convertem numa irrisão o que deveria ser a vida humana. Anseio por avaliar o mal, mas não posso, e também sofro.

Eis o que tem sido a minha vida. Tenho-a considerado digna de ser vivida e, de bom grado, tornaria a vivê-la, se me fosse dada tal oportunidade.

(Russel, Bertrand. *Autobiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.)

TIPOS DE DESENVOLVIMENTO

Desenvolvimento corresponde ao desdobramento da tese, da ideia central contida na introdução. Algumas possíveis formas de organização: causa e consequência, tempo e espaço, comparação e contraste, enumeração, exemplificação.

✓ Causa e consequência

"O aumento da natalidade parece resultar, em certas sociedades, de transformações psicossociológicas.

Havia antigamente, no esquema tradicional, certo número de costumes cujo efeito, voluntário ou não, era a natalidade: interdição do casamento das viúvas, importância do celibato religioso, poliandria, interdição das relações sexuais em certos períodos, interdição da exogamia.

Esses fatores, que de algum modo limitavam a natalidade, hoje estão sensivelmente esfumados. Há, por vezes, a vontade mais ou menos consciente de expansão demográfica nas populações minoritárias ou nos povos que veem no crescimento de seus efetivos um aumento das forças que podem opor a seus adversários (é, por exemplo, o caso do Paquistão diante da Índia).

Porém, no essencial, o aumento da natalidade resulta das melhorias sanitárias que foram realizadas nos países subdesenvolvidos, os antibióticos fazem recuar as causas de esterilidade devidas a moléstias infecciosas." (Yves Lacoste, *Os países subdesenvolvidos*)

Exercício

1) Organize um texto dissertativo a partir dos seguintes elementos:

Tema: leitura

Tese: Os jovens, em geral, leem cada vez menos

Causas: ✓ falta de incentivo à leitura desde a infância;
 ✓ inadequação das leituras pedidas na escola;
 ✓ influência dos meios de comunicação de massa;
 ✓ falta de identificação dos jovens com os livros lidos;
 ✓ ...

2) Dadas a introdução e a conclusão, elabore o desenvolvimento, organizando suas ideias em termos de causa e consequência:

Placas quebradas, orelhões mudos, monumentos pichadas. Até quando persistirão os atos de vandalismo contra o patrimônio público?

Portanto, medidas que visem à educação e à melhoria dos serviços públicos fazem-se urgentes, sob o risco de ficarmos um dia sem nossa casa, isto é, nossa cidade.

✓ Tempo e espaço

"O café chegou ao Brasil pouco depois de sua introdução no Novo mundo, na segunda metade do século XVIII, levada a efeito pelos holandeses, na colônia de Suriname, em 1718, e pelos franceses, na ilha de Martinica, em 1723.

No Brasil, o café entrou em 1727, em Belém do Pará, trazido por Francisco de Melo Palheta.

Na Amazônia não encontrou condições favoráveis para desenvolver-se devido ao clima superúmido e aos solos facilmente esgotáveis, limitando-se seu cultivo a pequenas chácaras e quintais.

Foi no início do século XIX, quando da estada da família real portuguesa no Brasil, que se plantaram os primeiros cafeeiros com fins comerciais, nas encostas de morros da Baixada Fluminense.

Entre 1825 e 1850, toda a porção ocidental da província fluminense se tornaria o centro por excelência da cafeicultura, com suas fazendas se multiplicando pelo Vale do Paraíba, atingindo as encostas da Mantiqueira e as contra-encostas da serra do Mar.

As terras fluminenses já estavam ocupadas e a penetração do café seguia por áreas da Zona da Mata mineira, do Vale do Paraíba paulista e Campinas.

Por volta de 1860, a região de Campinas transformou-se na mais importante área cafeeira paulista, expandindo-se pelas manchas de terra roxa da depressão periférica paulista.

A partir daí, começou a expansão do café pelo interior do Estado de São Paulo, atingindo as áreas de Ribeirão Preto, zona Mojiana e Jaú, expandindo-se para o oeste paulista, invadindo o Mato Grosso e o norte do Paraná."

(Marcos Coelho e Nilce Soncin, *Geografia do Brasil*)

Exercício

Escreva sua autobiografia. Atenção às referências a datas e a lugares.

✓ Comparação e contraste

"De acordo com a comunidade linguística, a oposição linguagem do homem/ linguagem da mulher pode determinar diferenças sensíveis, em especial no campo do vocabulário, devido a certos tabus morais (que geram os tabus linguísticos). Essa oposição, no entanto, vem perdendo, gradativamente, sua significação, em especial nas grandes cidades, onde os meios de comunicação de massa (também o teatro em proporção menor) e a transformação dos costumes e padrões morais (atividades exercidas pela mulher fora do lar, novas profissões, condições culturais mais recentes, como colégios mistos, os movimentos feministas, etc.) têm exercido um papel nivelador importante.

Apesar disso, o problema dos tabus linguísticos é bastante sensível no campo da linguagem obscena, cuja incidência é muito maior no homem do que na mulher."

(Dino Preti, *Os níveis da fala*)

"Posição de pobre

Proprietários e mendigos: duas categorias que se opõem a qualquer mudança, a qualquer desordem renovadora. Colocados nos dois extremos da escala social, temem toda modificação para bem ou para mal: estão igualmente estabelecidos, uns na opulência, os outros na miséria. Entre eles situam-se – suor anônimo, fundamento da sociedade – os que se agitam, penam, perseveram e cultivam o absurdo de esperar. O Estado nutre-se de sua anemia; ideia de cidadão não teria conteúdo nem realidade sem eles, tampouco o luxo e a esmola: os ricos e os mendigos são os parasitas do pobre.

Há mil remédios para a miséria, mas nenhum para a pobreza. Como socorrer os que insistem em não morrer de fome? Nem Deus poderia corrigir sua sorte. Entre os favorecidos da fortuna e os esfarrapados, circulam esses esfomeados honoráveis, explorados pelo fausto e pelos andrajos, saqueados por aqueles que, tendo horror ao trabalho, instalam-se, segundo sua sorte ou vocação, no salão ou na rua. E assim avança a humanidade: com alguns ricos, com alguns mendigos e com todos seus pobres..."

(E. M. Cioran, *Breviário de decomposição*)

Exercício

A partir destas informações, elabore um texto em que as ideias se organizem em termos de comparação e contraste. Os dados sustentam o desenvolvimento, você deve elaborar a introdução e a conclusão de seu texto.

Características do dialeto culto	Características do dialeto popular
Indicação precisa de gênero, número e pessoa: <i>Essas pessoas não fazem nada.</i>	Economia nas marcas de gênero, número e pessoa: <i>Essas pessoas não faz nada.</i>
Correlação verbal entre tempos e modos: <i>Se a encontrasse agora, contaria tudo.</i>	Falta de correlação verbal: <i>Se encontrasse ela agora, contava tudo.</i>
Largo uso da coordenação e da subordinação: <i>Não sei se já lhe disse que, quando terminei o curso, fui trabalhar, porque não tinha mais dinheiro.</i>	Redução do processo de subordinação, em benefício da frase simples e da coordenação: <i>Já disse pra você, não disse? Quando eu acabei o curso, não tinha mais dinheiro. Aí, então, fui trabalhar.</i>
Maior utilização da voz passiva: <i>Foi atropelada por um carro.</i>	Maior emprego da voz ativa: <i>Um carro atropelou ela.</i>

✓ Enumeração

"Como a ocorrência dos mitos acontece no espaço geográfico, obviamente estão relacionados com a ecologia.

Em síntese, o mito é tido como algo real e fantástico que germinou na fértil imaginação do povo e vive no seio das gerações atravessando séculos. O mito é uma personagem constante em torno da qual são contadas lendárias narrativas. No mito pode detectar-se anseio, paixão e até temor.

A mítica brasileira procede de três fontes étnicas: influência negra, abrangendo a área da cana-de-açúcar, da mineração e grande parte da cafeeira; influência indígena, envolvendo o extremo norte e o oeste, isto é, a Amazônia Legal; e influência branca, predominantemente no sul do país. Note a presença da ecologia humana.

Todos sabem que a penetração dos pioneiros desbravadores foi executada por dois movimentos demográficos: o das entradas e bandeiras, que conquistaram o centro-sul, e o dos criadores de gado, que ocuparam grande parte do nordeste. O primeiro partiu do Planalto Paulista e o do pastoreio saiu da área do São Francisco. Portanto, dois sistemas diferentes seguindo núcleos ecológicos díspares. Aquele visava, a princípio, à escravidão dos índios e, posteriormente, à mineração. O outro, à criação de gado no sertão. Ambos geraram mitos que retratam a mentalidade dos pioneiros povoadores do interior."

(José C. Rossato, Revista *Pau-Brasil*)

Exercício

Elabore um texto que seja desenvolvido pela enumeração dos elementos abaixo relacionados:

Os antibióticos podem:

- destruir a flora intestinal;
- atacar os rins;
- perturbar o fígado, o aparelho digestivo e a composição do sangue;
- em crianças, costumam enfraquecer os ossos e manchar o esmalte dentário;
- em gestantes, podem provocar má-formação dos embriões.

✓ Exemplificação

Muita gente, pouco emprego Os megaproblemas das grandes cidades

A população das megacidades cresce muito mais depressa do que sua capacidade de promover empregos e fornecer serviços decentes a seus novos moradores. O fenômeno, detectado no relatório da ONU sobre a população, é tanto mais grave porque atinge em cheio justamente os países mais pobres. Das dez megacidades do ano 2000, sete estarão fincadas no Terceiro Mundo. As pessoas saem do campo para as cidades por uma razão tão antiga quanto a Revolução Industrial: querem melhorar de vida. Mesmo apinhadas em periferias e favelas, suas chances de prosperar são maiores do que na área rural. As cidades, escreveu o historiador Lewis Mumford, são “o lugar certo para multiplicar oportunidades”.

A típica explosão urbana é registrada em várias cidades da África e da Índia, que dobram de população a cada doze anos e não dão conta de demanda por emprego, educação e saneamento. Karachi, no Paquistão, com 8,4 milhões de habitantes, quase nada investe em sua rede de esgotos desde 1962. Mesmo as que crescem a uma taxa menos selvagem, como a Cidade do México, têm pela frente seus megaproblemas. A poluição produzida pelos milhões de veículos e 35 000 fábricas da capital mexicana, por exemplo, pode chegar, como em fevereiro passado, a um nível quatro vezes além do ponto em que o ar é considerado seguro em países desenvolvidos.

Ainda que todos os prognósticos sejam pessimistas, não se deve desprezar a capacidade de as megacidades encontrarem soluções até para seus piores desastres. A mobilização da população da capital mexicana em 1985 para reconstruir partes da cidade arrasadas por um violentíssimo terremoto evitou o pior – e mostrou que as mobilizações coletivas podem driblar o apocalipse anunciado para as megalópoles.

(Veja, 14 jul. 1993)

APOIO FUNCIONAL

Acentuação
Ortografia
Uso dos pronomes
Pessoais
Indefinidos
De tratamento
Demonstrativos
Relativos

De olho na gramática

Gramática é um pé no saco, né?

Lembra aquelas lições de casa em que você tinha de lidar com voz ativa e voz passiva, orações subordinadas, predicativo do objeto, regência verbal e mais uma infinidade de coisas igualmente terríveis e assustadoras?

Pior era a garotada brincando lá fora, jogando futebol... e você em casa, sentado, conjugando verbos no indicativo, no subjuntivo, na maior decoreba do mundo, sem entender patavina, até levantar-se indignado da cadeira para tropeçar inevitavelmente num incômodo verbo defectivo deixado fora do lugar e, mesmo com o dedão do pé dolorido, chutar irritado, porta afora, um sonoro presente do indicativo, primeira pessoa do singular: “eu adequo!” Ó, horrores gramaticais!

Sinceramente, eu também sempre considerei a gramática um porre, não aqueles deliciosos porres de caipirinha e cerveja, que soltam a língua da gente pra gente ter coragem de sair cantando a mulherada. Não, nada disso, *my brother*: porre, porre mesmo! A ressaca, o bode, aquela sensação de angustia de carão fustigando a alma (que poético) num inenarrável apocalipse interior!

Sempre me esforcei por esquecer tudo isso. Bem, e lá fui eu, livre, leve e solto pela vida, nem lembrando de gramática porra nenhuma, até que chegou o dia do inevitável, em que me vi na obrigação de enfrentar a fera, de puxar o bicho-gramático-papão pelo rabo (ué, eu não queria ser redator publicitário?). Chegara finalmente a hora do confronto final!

Sabe o que eu descobri? Que o leão não só é manso, mas também é muito simpático. Que só o temi a vida toda por uma dessas inacreditáveis falhas que nosso sistema de ensino está atulhado: a exigência de decorar pelo decorar, sem, como acontece muitas vezes, o cuidado de demonstrar a aplicação prática daquelas regras todas e o quanto conhecê-las poderá trazer de bons resultados para o estudante.

Descobri que a gramática é como engenharia, por sua lógica própria; e que também como é arte, por sua expressão de beleza.

Se o bom engenheiro tem no cálculo estrutural, por exemplo, uma de suas certezas de que o prédio vai parar em pé, de que o viaduto não vai cair, o redator competente tem na gramática a tranquilidade de saber-se proprietário de um conjunto de informações que lhe garantirão boa parte de seu sucesso profissional. Creia-me, leitor, embora não se espere erudição profunda do redator publicitário, não se suporta que este peque repetidamente por desconhecimento de regras gramaticais básicas, pois isso também coloca em risco o investimento do anunciante e a reputação da agência de Propaganda (acabo de ver o anúncio de grande fábrica de automóveis, em que o redator, no título, fez uma mistura inacreditável de tempos verbais, misturando conjugações do indicativo e do subjuntivo – para piorar, de um verbo irregular –, o que resultou num pequeno e imperdoável horror).

O redator publicitário não tem obrigação de ser um catedrático na matéria. O benefício de estudar alguma gramática está, principalmente, em desenvolver o desconfiômetro, para precaver-se daqueles inúmeros casos em que as pegadinhas idiomáticas possam derrubar seu texto.

Believe me, baby, estudar uma gramaticazinha de vez em quando é importante pacas.

(MARTINS, Zeca. *Redação publicitária: a prática na prática*. São Paulo: Atlas, 2003.)

1 ACENTUAÇÃO

a) Acentuam-se os **monossílabos tônicos** terminados em: -a(s), e(s), o(s)

já, vás, fé, crês, dó, só

b) Acentuam-se as **oxítonas** terminadas em: -a(s), e(s), o(s), em, ens

jabá, sofás, café, português, jiló, ilhós, armazém, parabéns

c) **Não** se acentuam as **paroxítonas** terminadas em: -a(s), e(s), o(s), em, ens

inflável, júri, hífen, ônus, revólver, ônix, órfã, órfãos, bíceps

Obs.: Acentuam-se as **paroxítonas** terminadas em **ditongo crescente**: *história, ópio, cárie, precípua, vácuo, tênue, páreo, aérea*

d) Acentuam-se todas as **proparoxítonas**

fósforo, médico, flácido, bêbado

e) Acentuam-se os **ditongos abertos** *éi(s), ói(s)* e *éu(s)* das **oxítonas** e **monossílabos tônicos**

réis, fiéis, rói, caracóis, chapéu, céus

Obs.: Antes do Acordo Ortográfico, os ditongos abertos *ei* e *oi* das paroxítonas eram acentuados: *jiboia (jibóia), Coreia (Coréia)*

f) Acentuam-se o **i** e o **u** dos hiatos

Anhangabaú, Havaí, baús, jataís

Obs.: Não são mais acentuadas o **i** e o **u** tônicos em **paroxítonas** quando precedidos de **ditongo**. Ex.: *baiuca, feiura*.

g) Não se acentuam os hiatos *oo* e *ee*

creem, veem, enjoo

h) Os únicos acentos diferenciais são: *pôde (pode), pôr (por), têm (tem), vêm (vem)* [e seus compostos *provêm, retêm, por exemplo*], *fôrma* (facultativo)

i) Não é mais acentuada a letra **u** nas formas verbais arrizotônicas⁴² quando precedida de ou **q**: *argui, apazigue, averigue, obliques*.

j) Não há mais trema.

⁴² Arrizotônico: Diz-se das formas verbais em que o acento tônico **não** recai na raiz: *jogará, venderei*.

2 ORTOGRAFIA

◆ USO DO HÍFEN

Com os principais prefixos e elementos prefixo-radicais relacionados a seguir, **SÓ** haverá hífen:

- se a palavra que a eles se junta começar por vogal idêntica a eles.

anti-inflamatório, micro-ônibus

Obs.: Com vogais diferentes, não haverá hífen: *autoestrada, aeroespacial, extraescolar, intrauterino, semiaberto, infraestrutura, contraindicação*

- se eles forem terminados por **r** e a palavra que a eles se junta começar também por **r**.
inter-regional, hiper-requintado, super-resistente

- se a palavra que a eles se junta começar por **h**.
neo-helênico, geo-história, sub-hepático

Ab	aceto	acro	ad	adeno	aero
Agro	alo	alvi	ambi	amino	andro
Anemo	anfi	angio	ângulo	aniso	ante
Anti	antropo	arqueio	arqui	arterio	artro
Astro	audio	auri	auto		
Bacterio	bi	bio	bradi	braqui	bronco
Caco	cardio	cefalo	centro	cerebro	ciclo
Cine	cino	circum	cis	cisto	cito
Cloro	co	com	contra	crânio	cripto
Cromo	crono				
De	des	di	dis	dorso	
Eco	ecto	ego	eletro	endo	entre
Epi	equi	esfero	espleno	estafilo	estereo
Estilo	etno	extra			
Faringo	fibro	filo	fisio	foto	fronto
Gastro	geo	glosso	grafo		
Hagio	halo	hemo	hetero	hiper	hipo
Homeo	homo				
Ideo	infra	inter	intra	intro	
Lábio	laringo	leuco	linguo	linfo	lito
Macro	mal	maxi	médio	megalo	meso
Meta	micro	midi	midi	mio	mono
Morfo	moto	multi			
Narco	naso	necro	neo	neuro	nitro
Nosso	novi				
Octo	od	odonto	oftalmo	oligo	omo
Oni	organo	ornito	orto	osteo	oto
Oxi					
Pan	para	penta	peri	pilo	piro
Plano	plati	pleuro	pluri	pneumo	poli
Proto	pseudo	psico			
Quadri					
Radio	retro	rino			
Sacro	sarco	semi	sidero	sob	sobre
Sócio	sub	super	supra		
Tecno	tele	termo	tetra	traqueo	tri
Turbo					
Ultra	uro				
Vaso	vídeo				
Xanto	xilo				
Zoo					

- ▶ Com o prefixo **co**, **NÃO** haverá hífen mesmo que a outra palavra seja iniciada com a vogal **o**: *coobrigação, coocupante*.
- ▶ O hífen permanecerá em palavras formadas pelos prefixos **circum** e **pan** + palavras iniciadas em **vogal**, **m** e **n**: *circum-adjacente, circum-hospitalar, circum-navegação, pan-americano, pan-mixia, pan-negritude*.
- ▶ Com o prefixo **sub**, haverá hífen se a palavra seguinte iniciar-se por **b** ou **r**: *subraça, sub-bibliotecário*.
- ▶ Palavras compostas com o verbo **para** não terão mais hífen: *paraquedas, paraquedismo*
Exceções: *para-lamas, para-choque, para-brisa, para-raios*.

- ▶ O hífen permanecerá com os seguintes prefixos:

além *além-mar, além-linha*

aquém: *aquém-fronteiras, aquém-oceano*

ex: *ex-aluno, ex-presidente, ex-mulher*

pós: *pós-graduação, pós-traumático*

pré: *pré-natal, pré-nupcial*

pró: *pró-desarmamento, pró-soviético*

recém: *recém-nascido, recém-adquirida*

sem: *sem-teto, sem-vergonha, sem-número* (número indeterminado; grande número)

sota: *sota-almirante, sota-capitão*

soto: *soto-soberania, soto-ministro*

vice: *vice-campeão, vice-governador*

- ▶ Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: **açu**, **guaçu** e **mirim**.
amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu
- ▶ Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares
ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

Para saber mais sobre acentuação e uso do hífen, acesse o *Game* do Acordo Ortográfico em <http://fmu.br/game/home.asp>

◆ USO DOS PORQUÊS

1

POR QUE:

- preposição + pronome interrogativo: usa-se nas interrogações diretas e indiretas. Equivale a *por que motivo/ por qual motivo*.

Por que isso o perturba?

(Por que motivo isso...)

Diga-me por que isso o perturba.

(por que motivo isso...)

- preposição + pronome relativo: equivale a *pelo(a) qual, pelos (as) quais*.

- Todos sabem a razão por que estou aqui.// Este foi o caminho por que chegamos.

(pela qual)

(pelo qual)

2

POR QUÊ: equivale a *por que* motivo; *por qual* motivo

- usa-se ao final de interrogativas diretas ou indiretas e antes de pausa forte (antes de um sinal de pontuação).

– Você não veio por quê? Ele nos repreendeu e perguntamos por quê.
 – Por quê, meus senhores?

3

PORQUE:

conjunção causal ou explicativa. Equivale a *pois*.

Saiu porque não estava bem. Saiu porque não estava bem?
 (pois) (pois)

4

O PORQUÊ:

substantivo. Equivale a *causa*, *razão*.

O sociólogo explicou o porquê da violência.
 (a causa, a razão)

Exercício**Complete com os vários porquês:**

- | | |
|---|----------------------------------|
| 1) O rapaz tem um bom vocabulário | lê muito. |
| 2) Não lhe telefonei | não tive tempo. |
| 3) Você se atrasou | os ônibus não circularam hoje. |
| 4) Você se atrasou | os ônibus não circularam hoje? |
| 5) Ele irritou-se | foi despedido? |
| 6) Não entendo | o seu vocabulário é tão pobre. |
| 7) _____ | você não me telefonou? |
| 8) Diga-me _____ | você não o suporta. |
| 9) Agora já se sabe _____ | os ônibus não circularam. |
| 10) São estes os jornais _____ | tenho preferência. |
| 11) Nem lhe conto os apuros _____ | passei. |
| 12) Diga-me o _____ | de tanto mistério. |
| 13) Havia muitos _____ | para poucas respostas. |
| 14) A situação haveria de mudar _____ | ? |
| 15) Muitos protestavam, mas não havia _____ | . |
| 16) Veja _____ | seu dinheiro está valendo menos. |

◆ USO DE HÁ / A / HAVIA

- **HÁ:** marca tempo passado, sinônimo de *fazer*.

O colégio foi fundado há dezenove anos.

(faz)

Obs.: quando o verbo que acompanha o *haver* está no imperfeito ou no mais-que-perfeito, deve-se usar *havia* (*fazia*) e não *há*.

Ele estava lá *havia* três horas./ Ele estivera ali *havia* muito tempo.)
(*fazia*) (*fazia*)

O colégio fora fundado *havia* dezenove anos.
(*fazia*)

- **A:** marca tempo futuro ou distância.

Chegarei daqui *a* dois dias.// O gol foi marcado *a* dois minutos do final da partida.// Estamos *a* dez quilômetros de Salvador.

Exercício

Complete com há, a e havia:

- 1) Ele chegou pouco tempo.
- 2) Esta duplicata foi descontada dois dias.
- 3) Estamos aqui duas horas.
- 4) O secretário chegará daqui pouco.
- 5) Daqui alguns dias serão retomados os trabalhos no túnel embargado duas semanas.
- 6) Estamos alguns dias da posse do novo presidente.
- 7) A frase não lhe saía da cabeça várias semanas.
- 8) Ele doara sangue ao filho poucos meses.
- 9) Reencontrou o amigo com quem não conversava anos.
- 10) Não sei quanto tempo não vou a Niterói.
- 11) Em 1886, estávamos dois anos da Abolição da Escravatura.
- 12) Pelé fez o gol dois minutos do final da partida.

♦ USO DE ONDE⁴³ E AONDE

- **ONDE:** usa-se com verbos que exigem a preposição **em**.
Onde você mora? (quem mora, mora **em**.)
- **AONDE:** usa-se com verbos exigem a preposição **a**.
Aonde você vai? (quem vai, vai **a** algum lugar.)

Exercícios

Complete com ONDE ou AONDE

- 1) estão os impressos?
- 2) fica a rua Augusta?

⁴³ O pronome relativo *onde* só se refere a lugar. Por isso é errado seu uso para estabelecer qualquer outra relação lógica que não seja de lugar (ver Pronomes Relativos).

- 3) O lugar se localiza o clube é ermo.
 4) vão eles com tanta pressa?
 5) você quer chegar?
 6) me espetam, fico.
 7) habitam vocês?
 8) Não sei esqueci o guarda-chuva.
 9) Vou você for.
 10) A cidade ele vai amanhã fica a apenas duas horas daqui.

♦ SE NÃO X SENÃO

- **SE NÃO:** o se é uma conjunção condicional, equivale a *caso não*

Se não houver água, não poderemos tomar banho. (*caso não haja...*)

- **SENÃO** (exceto; a não ser, do contrário; mas, mas sim, mas também; defeito, erro):

Não fazia coisa alguma **senão** reclamar. (exceto, a não ser)
 Corra, **senão** o bicho pega. (do contrário)
 A solução não cabe a mim, **senão** aos pais. (mas)
 O único **senão** na sua prova é letra ilegível. (defeito)

Exercício

Complete com SE NÃO ou SENÃO:

- 1) Ficarei feliz for despedido.
 2) Venha todos reclamarão.
 3) Ela não pensava em comida.
 4) houver aula, viajarei.
 5) Não se demore, perderá o espetáculo.
 6) Há apenas um no seu trabalho: a entrega fora do prazo.

♦ MAL (≠ BEM) X MAU (≠ BOM)

Exercício

Complete com MAL ou MAU:

- 1) Há alunos que vão em Matemática.
 2) O câncer é um que, ainda, quase não tem cura.
 3) Se você procede, terá resultado.
 4) chegou, já brigou com todos.
 5) O bem e o às vezes dividem o mesmo espaço.
 7) Era um homem muito .

♦ MAS (CONJUNÇÃO QUE INDICA CONTRASTE, CONTRÁRIO) X MAIS (ADVÉRBIO INDICATIVO DE INTENSIDADE OU ADIÇÃO)

- Mas (conjunção que indica contraste, contrário)
 - Mais (advérbio indicativo de intensidade ou adição)
- 1) A escola de samba apresentou muito luxo, ficou devendo.

- 2) A escola que _____ agradou, foi a _____ criativa.
 3) Quanto _____ penso nos problema, _____ me desespero.
 4) Fez uma bonita apresentação, _____ não levou o prêmio.
 5) O Brasil é muito rico, _____ nele há pessoas que morrem de fome.
 6) O trabalho _____ interessante foi o que tratou de ecologia.

♦ Complete as lacunas com o que se pede nos parênteses:

- 1) **O automóvel desgovernado foi _____ árvore. (ao encontro de/ de encontro a)**
 2) Vou _____ amigo que aguardo há tanto tempo. (ao encontro de/ de encontro a)
 3) A supervalorização da beleza vai _____ interesses publicitários. (ao encontro de/ de encontro a)
 4) **Procurava livros na _____ de revistas. (seção/ sessão/ cessão)**
 5) A comunidade espera pela _____ de mais áreas para a construção de praças. (seção/ sessão/ cessão)
 6) Gosto de ir ao cinema na _____ das dez. (seção/ sessão/ cessão)
 7) _____ de um ano não nos vemos. (há cerca de/ acerca de/ a cerca de)
 8) Parou _____ de dois metros do acidente (há cerca de/ acerca de/ a cerca de)
 9) Gostamos de discorrer _____ de partidas de futebol dos áureos tempos. (há cerca de/ acerca de/ a cerca de)

3. USO DOS PRONOMES

3.1 PRONOMES PESSOAIS

- **para mim/ para eu**

Trouxe os livros para mim.

Trouxe os livros para eu ler.

- **entre mim e ti** (é errado dizer entre eu e tu, porque os dois pronomes são regidos por preposição. Assim, só se podem usar os pronomes oblíquos).

Entre mim e ti não pode haver ressentimentos. / Entre eles e mim não pode haver mais acordo.

- **conosco e convosco**: são utilizados na forma sintética, exceto se vierem seguidos de outros, todos, mesmos.

Queriam falar conosco.

Queriam falar com nós mesmos.

EXERCÍCIOS

1) Escolha a alternativa correta:

Se é para _____ dizer o que penso, creio que a escolha se dará entre _____ e _____.

- | | |
|------------------|-----------------|
| a) mim/ eu e tu | c) eu/ mim e ti |
| b) mim/ mim e ti | d) eu/ eu e ti |

2) Use eu ou mim:

- É difícil para _____, esquecer tantas injustiças.
- Se é para _____ pagar, desista: não tenho dinheiro.
- Vim embora, pois lá não havia nada para _____ fazer.
- Apresentaram-me as contas para _____ conferir.
- Para _____, conferir contas é um trabalho penoso.
- Será difícil, para _____, passar no exame.
- Eles enviaram o documento para _____ guardar.

3) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal está empregado corretamente:

- Este é um problema para mim resolver.
- Entre eu e tu não há mais nada.
- A questão deve ser resolvida por eu e você.
- Para mim, viajar de avião é um suplício.
- Quando voltei a si, não sabia onde me encontrava.

3.2 PRONOMES INDEFINIDOS

- **todo/ todo o**

todo = qualquer: Todo cidadão deve respeitar a lei.

Todo o = inteiro: Todo o país comoveu-se com a tragédia.

- **todos: sempre** exige o artigo os: Todos os manifestantes foram presos.

Exercícios

1) Explique a diferença de sentido entre:

Toda a cidade se enfeita para a grande festa.

Toda cidade se enfeita para as grandes festas.

2) Qual das duas frases do exercício anterior tem o mesmo sentido de:

A cidade toda se enfeita para a grande festa?

3.3 PRONOMES POSSESSIVOS

- **seu X dele**

Para neutralizar a ambiguidade que pode instalar-se em frases como: Ele não aceitou **sua** nomeação. (sua de quem?), usa-se **dele** quando se quer indicar a pessoa de quem se fala: Ele não aceitou a nomeação **dela**.

- Às vezes os pronomes pessoais *me, te, nos, vos, lhe, lhes* podem ter o valor de um pronome possessivo. Ex.: Rasgaram-*me* a camisa. (= Rasgaram a *minha* camisa).

- É facultativo o uso do artigo antes do pronome possessivo; assim, ambas as frases estão corretas: Meu carro está sem gasolina.// O meu carro está sem gasolina

3.4 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

PESSOAS VERBAIS	PRONOMES DEMONSTRATIVOS (função dêitica ⁴⁴)	TEMPO	DISCURSO (o demonstrativo não está em situação de dêixis (apontando para algo extralinguístico), mas refere-se a algo que está no próprio texto.
Eu (a pessoa que fala)	Este (aqui) que está perto de mim) – (estes, esta, estas, isto, e suas contrações: neste, nestas, nisto, deste disto etc.) Ex.: Neste (aqui) quarto em que estou ouve-se muito barulho. Estas anotações (aqui) são valiosas.	Presente e Futuro Ex.: Neste ano (em que estamos), pretendo comprar uma casa. Nestas próximas semanas, visitarei o Rio.	Catáforico⁴⁵ : indica tudo o que se anuncia num texto. Ex.: Estas (ainda vou dizer quais foram) as palavras do rapaz: “Pretendo estudar nos Estados Unidos”.
Tu, você (a pessoa com quem se fala)	Esse (aí) que está com você) (esses, essa, essas, isso, e suas contrações: nesse, nessas, nisso, desse, disso etc.) Ex.: Nesse (aí) quarto em que você está ouve-se muito barulho. Essas anotações (aí) são valiosas.	Passado Ex.: Em 1998 o rapaz formou-se em arquitetura. Nesse ano, participou da Bienal.	Anafórico⁴⁶ : retoma tudo o que já foi dito no texto. Ex.: “Pretendo estudar nos Estados Unidos.” Essas (que acabei de dizer) foram as palavras do rapaz. Veja um exemplo fora do quadro.
Ele (a pessoa de quem se fala)	Aquele (lá, ali) que está lá longe) (aqueles, aquela, aquelas, aquilo e suas contrações: naquele, naquela, naquilo, daquele, daquilo etc.) Ex.: Naquele quarto (lá) em que você estava, ouvia-se muito barulho. Aquelas anotações (que estão lá, no caderno do pesquisador) são valiosas.	Passado remoto Ex.: Em 1879 meu avô nascia na Itália. Naquele ano seu pai decidiu emigrar para o Brasil. (Nada impede, porém, que seja usado esse).	
A explicação a seguir só se aplica a períodos em cuja primeira há dois termos. Ex.: Franceses e alemães gostam de beber. Estes preferem cerveja; aqueles, vinho. Este: indica, numa oração, o termo mais próximo: Conversei com Eduarda e Carlos; este (Carlos) parecia nervoso, aquela, tranquila. Aquele: identifica, numa oração, o termo mais distante: Prenderam Gaspar e Marieta: esta (Marieta) é fluminense; aquele (Gaspar), baiano.			

Complete as frases com um pronome demonstrativo:

- 1) _____ livro que você está lendo é bom?
- 2) Sim, _____ livro é muito bom.
- 3) Vá buscar _____ livros lá.
- 4) Veja _____ papeis que estão aqui sobre a mesa.
- 5) O que dizer _____ opiniões que você acaba de expor?

⁴⁴ Dêitico: que serve para apontar algo que está presente no contexto da fala.

⁴⁵ Catáfora: Unidade linguística que se refere a outra, enunciada mais adiante.

⁴⁶ Anáfora: Elemento linguístico cuja referência é ligada a um termo antecedente.

- 6) A entrevistada exigia que a repórter retificasse notícias que o jornal veiculara um dia antes.
- 7) Em 1944 ainda havia guerra. época traumatizou a humanidade.
- 8) O professor convidou Patrícia e Marcos para irem ao cinema; aceitou apressado, recusou séria.
- 9) vida ninguém leva nada e ninguém sabe o que irá encontrar.
- 10) Há dois tipos de contribuintes, que paga seus tributos em dia e o que sonega de tudo quanto é forma. Enquanto continua livre de qualquer punição, é vítima de impostos cada vez maiores.
- 11) A mulher é mais tolhida socialmente do que o homem. A se permitem direitos que se negam.
- 12) vida nos reserva surpresas.
- 13) Olhe para estrela lá no céu. Não parece um cometa?
- 14) Um dia fui ao Maracanã.
- 15) Qualquer dia irei à sua casa.
- 16) Estamos no mês de maio, e mês faço aniversário.
- 17) Eu não gostava vida que levava lá na fazenda.
- 18) Você gosta vida que leva aí na fazenda?
- 19) Não gosto vida que levo aqui.
- 20) quarto em que estou ouve-se muito barulho.
- 21) ano que passou não foi bom, mas que começa promete ser bem razoável.
- 22) O anfitrião recebeu-nos com frase: “A casa é de vocês”.
- 23) “A casa é de vocês.” O anfitrião recebeu-nos com frase.
- 24) Em 1893 o Brasil faliu foi um momento difícil para o nosso povo.

MESMO X IGUAL

Se um departamento apresenta o mesmo problema da última auditoria, significa que só há um problema e que ele não foi resolvido. Se um departamento apresenta um problema igual (semelhante) ao da última auditoria, significa que há um outro problema com as mesmas características do problema anterior.

Comer um pão igual ao de ontem...
é diferente de
Comer o mesmo pão de ontem...

Indique se estas frases estão corretas quanto ao uso de mesmo:

- 1) De hoje até terça-feira, podem matricular-se as crianças com irmãos na mesma escola.
- 2) Soldados russos vestiam, nas comemorações da Revolução, ocorridas na semana passada, os mesmos uniformes de 1750.
- 3) As condições não se alteraram: continuam as mesmas.
- 4) Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo está parado no andar.

3.5 PRONOMES DE TRATAMENTO

Pronomes de tratamento são aqueles com os quais nos dirigimos às pessoas de maneira cerimoniosa. Embora sejam expressos na segunda pessoa (singular ou plural: Vossa/ Vossas), a concordância verbal será feita na **terceira** pessoa. Os pronomes usados (pessoais e possessivos) também serão de terceira pessoa.

Ex.: Peço que Vossa Senhoria **se** digne enviar **seu** relatório.

Obs.: Quando se fala **da/sobre** a autoridade, deve-se usar **Sua** Excelência, **Sua** Majestade... Ex.: Leve estes documentos para Sua Excelência. Ele acabou de pedi-los.// O presidente Luís Inácio Lula da Silva viajou a Cuba. Lá Sua Excelência conversou com Fidel Castro.

Vossa Excelência (V. Ex.^a) – pronome usado para dirigir-se às seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo:

Presidente da República, Vice-Presidente da República, Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior da Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, Chefe do Gabinete Pessoal do Presidente da República, Secretários da Presidência da República, Procurador-Geral da República, Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal, Chefes de Estado-Maior das Três Armas, Embaixadores, Secretário Executivo e Secretário Nacional de Ministérios, Secretários de Estado dos Governos Estaduais, Prefeitos Municipais.

b) do Poder Legislativo:

Presidente, Vice-Presidente e Membros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, Presidente e Membros do Tribunal de Contas da União e dos Tribunais de Contas Estaduais, Presidentes e Membros das Assembleias Legislativas Estaduais, Presidentes das Câmaras Municipais.

c) do Poder Judiciário

Presidente e Membros do Supremo Tribunal Federal, do Superior Tribunal de Justiça, do Tribunal Superior Eleitoral, do Tribunal Superior do Trabalho, dos Tribunais de Justiça, dos Tribunais Regionais Federais, dos Tribunais Regionais Eleitorais, dos Tribunais Regionais do Trabalho, Juízes e Desembargadores, Auditores da Justiça Militar.

O vocativo para os Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo: Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado, Excelentíssimo Senhor Presidente do Tribunal Superior do Trabalho. Para as demais autoridades, usa-se o vocativo *Senhor*, seguido do cargo: Senhor Prefeito, Senhor Deputado, Senhor Juiz.

Vossa Senhoria (V. S.^a) deve ser empregado para as demais autoridades e para os particulares. O vocativo é Senhor, seguido do cargo: Senhor Diretor.

Vossa Magnificência (V. Mag.^a) é empregado para reitores de universidades.

Vossa Santidade (V. S.) é usado para o Papa. O vocativo é Santíssimo Padre.

Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima (V. Em^a ou V. Em^a Revm^a) empregam-se para cardeais. O vocativo é Excelentíssimo Senhor Cardeal ou Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal

Vossa Excelência Reverendíssima (V. Ex^a Revm^a) usa-se para arcebispos e bispos.

Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima (V. Revm^a ou V. S^a Revm^a) para monsenhores, cônegos e superiores religiosos.

Vossa Reverência (V. Rev^a) é usado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

Exercícios

1) Complete as frases:

- 1) Se v. Ex^a consentir, indicaremos _____ nome para paraninfo da turma. (vosso – seu)
- 2) (falando-se a um rei) Vossa Majestade _____ . (sois bondoso – é bondoso – sois bondosa – é bondosa)
- 3) Vossa Majestade _____ em relação a _____ povo. (se engana/ seu – vos enganais/ vosso)
- 4) Senhor Ministro, gostaria de _____ fazer uma pergunta: ‘ _____ Excelência _____ acredita realmente que _____ Majestade, o rei, acreditará nessas denúncias?’
Em que situação se diria *Sua Excelência não compareceu?*

2) Em que período o pronome possessivo destacado está mal empregado?

- a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar *seu* apoio.
- b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar *teu* apoio.
- c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar *vosso* apoio.
- d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar *seu* apoio.
- e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar *vosso* apoio.

3.6 PRONOMES RELATIVOS

I - QUE / QUEM (o, a / qual; os, as / quais)

Já li o livro que comprei.
Esta é a mulher a quem prestei assistência.
O livro de que mais gostei foi Quincas Borba.
O filme a que assisti durou duas horas.
O rio Tietê, que corta a cidade de São Paulo, está poluídíssimo.

II - ONDE (em que; no, na / qual; nos, nas / quais) - estabelece uma relação de lugar, somente:

Chutou no canto onde estava o goleiro.
A rua em que moro ainda não foi asfaltada.

III - CUJO (cujos, cuja, cujas) - estabelece uma relação de posse (equivale ao possessivo seu/sua/seus/suas):

Este é o livro cuja leitura o professor recomendou.

São estes os autores a cujas obras me referi.

Tirei o colete em cujo bolso encontrei moedas.

As nações do terceiro mundo, cujas economias são instáveis, deveriam solidarizar-se.

Obs.: Os pronomes relativos virão precedidos de preposição se a regência assim determinar:

	Preposição exigida pelo verbo	Pronome relativo	Termo regente
Havia condições	<u>a (às)</u>	que (quais)	nos opúnhamos. (opor-se <u>a</u>)
Havia condições	<u>com</u>	que (as quais)	não concordávamos. (concordar <u>com</u>)
Havia condições	<u>de (das)</u>	que (quais)	desconfiávamos. (desconfiar <u>de</u>)
Havia condições	Ø	que	nos prejudicavam. (= sujeito)
Havia condições	<u>em (nas)</u>	que (quais)	insistíamos. (insistir <u>em</u>)
Havia condições	<u>de</u>	cuja	veracidade desconfiávamos (desconfiar <u>de</u>)

Exercícios

I - Complete os espaços com um pronome relativo :

- Decoraram todas as fórmulas o livro continha.
- Era o único nadador não interrompia os treinos no inverno.
- A pessoa a se dirigiu era francesa.
- Os artistas de falo são ativistas ecológicos.
- O trecho da estrada se encontravam era mal-iluminado.
- Li um romance final era inesperado.
- Os correntistas cheques não tiverem fundos terão suas contas encerradas.
- O córrego Aclimação será canalizado pela Prefeitura , em seguida, construirá no local uma avenida canteiro de obras está sendo montado em local o córrego, em 1974, sofreu obras de saneamento e canalização.

II - Ligue as duas orações num só período, fazendo uso de um pronome relativo. Observe, porém, se antes do relativo há necessidade de alguma preposição:

- Conheço o rapaz. O rapaz mora no 314.

- 2) A rua não é arborizada. Moro nessa rua.
- 3) Há aranhas. O veneno delas é fatal.
- 4) Estes são atos. Desses atos podemos nos orgulhar.
- 5) O autor deixara o carro na esquina. A menina esperava o ônibus na esquina.
- 6) A água é um elemento. O ser humano vai sempre depender desse elemento.
- 7) O conferencista apresentou ideias. Discordamos frontalmente de suas ideias.

III - Troque o verbo grifado pelos indicados:

- 1) Este é o filme que todos viram. (assistir/acreditar)
 - a)
 - b)
- 2) São posições a que me oponho. (desconfiar/crer)
 - a)
 - b)

IV - Corrija as frases que apresentem problemas com o pronome relativo:

- 1) Na época onde vivemos, a TV chega a ser prejudicial.
- 2) O conjunto definiu uma formação onde todos cantavam.
- 3) A delegacia atende pessoas necessitadas onde a renda familiar é de R\$ 300,00.
- 4) O local que ocorreu a tragédia fica próximo ao Shopping Center Eldorado.
- 5) A reportagem é uma matéria onde o jornalista relata um fato.
- 6) Esta é a estratégia de Napoleão que todos devemos respeitar.
- 7) Visitei uma amiga dos candidatos que era preciso trazer para cá.
- 8) Conheço muitos jornalistas que as matérias são impublicáveis.
- 9) Não conseguia ver nada onde estava sentado atrás de uma coluna.
- 10) Evite a periodontite severa onde as consequências para o animal são mais perigosas.

V) Restabeleça a coesão da frase usando pronomes relativos, precedidos ou não de preposição:

O arrocho salarial	certos governos tanto insistem	leva o trabalhador ao desespero.
Além disso, os juros	os comerciantes tanto se queixam	anulam as vias de crédito.

Esse perverso quadro econômico indefinidamente.

vivenciamos há anos não pode continuar

ANEXOS

1.

« [FIAP 2004: Grand Prix para o zoológico da Audi](#) [Um legítimo Tarantino](#) »

FIAP 2004: GRAND PRIX BRASILEIRO

Tuesday, 27 de Abril de 2004 | 7:53 am

- 38 Comentários |
- [View blog reactions](#)

Como eu disse no post passado, a **AlmapBBDO** foi eleita a agência do ano no **Festival Iberoamericano de Publicidade (FIAP 2004)**. O único **Grand Prix** brasileiro também foi para a agência de Marcello Serpa, que levou ainda mais seis **Ouros**, sete **Prata** e sete **Bronzes**.

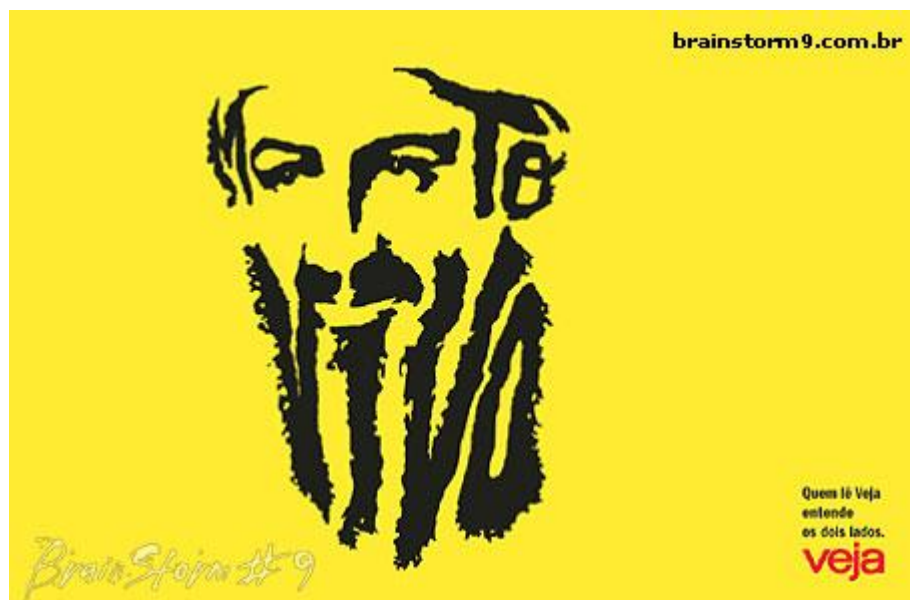
O Grand Prix foi dado a campanha institucional criada para a revista **Veja**, que ficou bastante conhecida do grande público. Mesmo assim, muita gente ainda não conhece e vale a pena relembrar.

Os anúncios trazem minuciosas ilustrações reproduzindo os rostos de personalidades famosas, como **George W. Bush**, **Osama Bin Laden** e **Saddam Hussein**.

Ao olhar a peça, tem-se a impressão de que se trata apenas de um rosto, mas com uma observação mais atenta percebe-se que as faces são formadas por palavras cuidadosamente desenhadas. São termos antagônicos que tem a ver com atitudes ou fatos relacionados aos personagens.

A assinatura da campanha diz: “**Quem lê Veja entende os dois lados.**”





2. (Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/humor/0112h005.htm>)

Esta é a repassada em 10/12/2001 pelo internauta Sérgio Struffaldi, com as imagens:

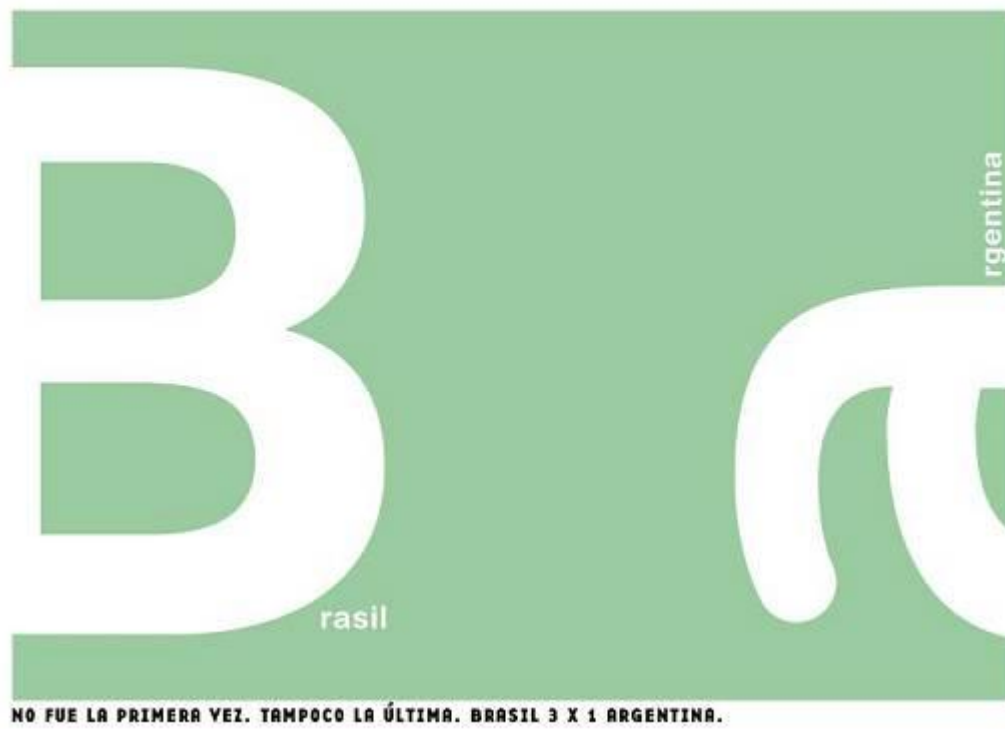
Subject: Viva a publicidade brasileira!

Três fotos de outdoors.

A primeira saiu na Argentina, anunciando camisinha e sacaneando com os brasileiros.

As outras são respostas de publicitários brasileiros... Viva a publicidade brasileira!

(N.E.: "outdoor" é o que em inglês se conhece como *billboard* e em português como *painel publicitário*...)





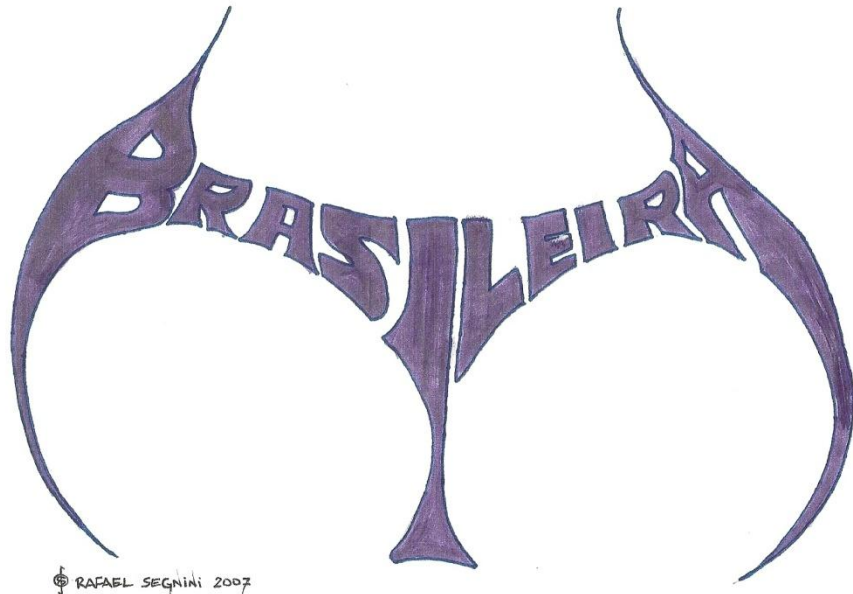
3.



GOL Linhas Aéreas

A campanha mostrada na foto divulga a companhia aérea que voa para oito destinos internacionais na América Latina.

4.



5.

O “certo” e o “errado” no idioma

1. “Ta na cara que eles não teve peito de encarar os ladrão.”
2. “Obviamente faltou-lhes coragem para enfrentar os ladrões.”

Se lhe perguntassem qual delas é **gramaticalmente** correta, certamente você não teria dúvidas: a correta é a frase 2.

Mas... se tanto a frase 2 como a frase 1 dizem a mesma coisa, se qualquer pessoa que seja falante de nosso idioma pode compreendê-las perfeitamente,

Por que se considera correta a frase 2 e errada a frase 1? Ou seja: que critérios são usados para determinar o que é certo e o que é errado em um mesmo idioma?

De modo geral, os falantes de um idioma são levados a aceitar como “correto” o modo de falar desse grupo social passa a servir de **padrão**, enquanto as demais variedades linguísticas, faladas por grupos sociais menos prestigiados, passam a ser consideradas “erradas”.

É importante estar ciente de que, em princípio, não existe uma forma melhor (“mais certa”) ou pior (“mais errada”) de falar. Trata-se apenas de uma diferenciação que se estabelece com base em critérios sociais e em situações de uso efetivo da língua.

Assim, dizemos que a frase “Eles não teve peito de encarar os ladrão” esta **linguisticamente correta**, já que podemos compreender as ideias que expressa, mas está **gramaticalmente incorreta**, pois não obedece aos padrões definidos pela gramática normativa.

Uma das funções da escola é, pelo ensino de língua portuguesa, oferecer ao estudante condições de dominar as estruturas (regras) da **língua padrão**, a fim de que, quando necessário, ele tenha condições de utilizá-la de maneira adequada e eficiente.

Língua culta e língua coloquial

Vimos que, **convencionalmente**, considera-se “certa”, ou “modelar”, a variedade linguística utilizada pelos falantes que integram o grupo de maior prestígio social. Essa é a chamada **língua culta**, falada e escrita em situações mais formais, pelas pessoas de maior instrução. A língua culta é difundida principalmente pela ação da escola e dos meios de comunicação.

A **língua coloquial**, por sua vez, é uma variante mais espontânea, utilizada nas relações informais entre os falantes. É a língua do cotidiano, sem muita preocupação com as normas. O falante, ao utilizá-la, comete deslizos gramaticais com frequência considerável. Outra característica da língua coloquial é o uso constante de expressões populares, frases feitas, gírias etc.

Comparando a **língua culta** com a **língua coloquial**, é possível constatar que seus limites não são tão claros, ficando difícil definir uma “fronteira” entre o que é culto e o que é coloquial.

No quadro a seguir estão resumidas, de forma bem simplificada, as diferenças mais facilmente observáveis entre a língua coloquial e a culta.

Fique atento!

Empregar a língua culta não significa, necessariamente, “falar difícil”, usando palavras e expressões raras. Usar a língua culta significa falar (ou escrever) obedecendo às regras da gramática normativa.

Variações linguísticas

* O ambiente (não se fala do mesmo jeito em um templo religioso e em um churrasco com amigos).

* A relação falante-ouvinte (não se fala da mesma maneira com um amigo e com um estranho; ou em uma relação social informal e em uma relação formal).

Em um ato de comunicação, a influência desses e de outros fatores resulta num maior ou menor grau de **formalidade** ou **informalidade** na linguagem.

Leia a crônica a seguir, na qual o autor contrapõe a língua culta formal à língua coloquial e explora a inadequação linguística para criar um efeito de humor.

Aí, galera

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo “estereotipação”? e, no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.

– Como é?

– Aí, galera.

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

– Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

– Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

– Pode.

– Uma saudação para a minha progenitora.

– Como é?

– Alô, mamãe!

– Estou vendo que você é um, um...

– Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?

– Estereoquê?

– Um chato?

– Isso.

Exercícios:

1. Em cada situação a seguir, indique se a linguagem utilizada pelo falante está **adequada ou inadequada**.

- a) Um advogado, num tribunal de júri, diz: “Tá na cara que a testemunha tá enrolando”.
- b) Um advogado, num tribunal de júri, diz: “É evidente que a testemunha está faltando com a verdade”.
- c) Um advogado, batendo um papo com um amigo, diz-lhe, a respeito de um julgamento: “Tava na cara que a testemunha tava enrolando”.
- d) Num velório, uma pessoa, ao cumprimentar a viúva, diz: “É extremamente doloroso, para mim, saber que seu marido bateu as botas”.
- e) Um amigo diz ao outro, que costuma dirigir o carro em alta velocidade: “Cuidado, a qualquer hora, você bate as botas”.

6.

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

O modo de falar do brasileiro

Alfredina Nery*

Toda língua possui variações linguísticas. Elas podem ser entendidas por meio de sua história no tempo (variação histórica) e no espaço (variação regional). As variações linguísticas podem ser compreendidas a partir de três diferentes fenômenos:

- 1) em sociedades complexas convivem variedades linguísticas diferentes, usadas por diferentes grupos sociais, com diferentes acessos à educação formal; note que as diferenças tendem a ser maiores na língua falada que na língua escrita;
- 2) pessoas de mesmo grupo social expressam-se com falas diferentes de acordo com as diferentes situações de uso, sejam situações formais, informais ou de outro tipo;
- 3) há falares específicos para grupos específicos, como profissionais de uma mesma área (médicos, policiais, profissionais de informática, metalúrgicos, alfaiates, por exemplo), jovens, grupos marginalizados e outros. São as gírias e jargões.

Assim, além do português padrão, há outras variedades de usos da língua cujos traços mais comuns podem ser evidenciados abaixo.

Uso de “r” pelo “l” em final de sílaba e nos grupos consonantais: pranta/planta; broco/bloco.

Alternância de “lh” e “l”: muiê/mulher; veio/velho.

Tendência a tornar paroxítonas as palavras proparoxítonas: arve/árvore; figo/figado.

Redução dos ditongos: caxa/caixa; pexe/peixe.

Simplificação da concordância: as menina/as meninas.

Ausência de concordância verbal quando o sujeito vem depois do verbo: “Chegou” duas moças.

Uso do pronome pessoal tônico em função de objeto (e não só de sujeito): Nós pegamos “ele” na hora.

Assimilação do “ndo” em “no”(falano/falando) ou do “mb” em “m”(tamém/também).

Desnasalização das vogais postônicas: home/homem.

Redução do “e” ou “o” átonos: ovu/ovo; bebi/bebe.

Redução do “r” do infinitivo ou de substantivos em “or”: amá/amar; amô/amor.

Simplificação da conjugação verbal: eu amo, você ama, nós ama, eles ama.

Variações regionais: os sotaques

Se você fizer um levantamento dos nomes que as pessoas usam para a palavra "diabo", talvez se surpreenda. Muita gente não gosta de falar tal palavra, pois acredita que há o perigo de evocá-lo, isto é, de que o demônio apareça. Alguns desses nomes aparecem em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, que traz uma linguagem muito característica do sertão centro-oeste do Brasil:

“Demo, Demônio, Que-Diga, Capiroto, Satanazim, Diabo, Cujo, Tinhoso, Maligno, Tal, Arrenegado, Cão, Cramunhão, O Indivíduo, O Galhardo, O pé-de-pato, O Sujo, O Homem, O Tisnado, O Coxo, O Temba, O Azarape, O Coisa-ruim, O Mafarro, O Pé-preto, O Canho, O Duba-dubá, O Rapaz, O Tristonho, O Não-sei-que-diga, O Que-nunca-se-ri, O sem gracejos, Pai do Mal, Terdeiro, Quem que não existe, O Solto-Ele, O Ele, Carfano, Rabudo”.

Drummond de Andrade, grande escritor brasileiro, que elabora seu texto a partir de uma variação linguística relacionada ao vocabulário usado em uma determinada época no Brasil.

Antigamente

“Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio.”

Como escreveríamos o texto acima em um português de hoje, do século 21? Toda língua muda com o tempo. Basta lembrarmos que do latim, já transformado, veio o português, que, por sua vez, hoje é muito diferente daquele que era usado na época medieval.

Língua e status

Nem todas as variações linguísticas têm o mesmo prestígio social no Brasil. Basta lembrar de algumas variações usadas por pessoas de determinadas classes sociais ou regiões, para perceber que há preconceito em relação a elas. Veja este texto de Patativa do Assaré, um grande poeta popular nordestino, que fala do assunto:

O Poeta da Roça

Sou fio das mata, canto da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mío.
Sou poeta das brenha, não faço o pape
De argun menestré, ou errante canto
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.
Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.
Meu verso rastero, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.
(...)

Você acredita que a forma de falar e de escrever comprometeu a emoção transmitida por essa poesia? Patativa do Assaré era analfabeto (sua filha é quem escrevia o que ele ditava), mas sua obra atravessou o oceano e se tornou conhecida mesmo na Europa.

Leia agora, um poema de um intelectual e poeta brasileiro, Oswald de Andrade, que, já em 1922, enfatizou a busca por uma “língua brasileira”.

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

Uma certa tradição cultural nega a existência de determinadas variedades linguísticas dentro do país, o que acaba por rejeitar algumas manifestações linguísticas por considerá-las deficiências do usuário. Nesse sentido, vários mitos são construídos, a partir do preconceito linguístico.

***Alfredina Nery** Professora universitária, consultora pedagógica e docente de cursos de formação continuada para professores na área de língua/linguagem/leitura.

7.

O PAPEL SOCIAL DA LÍNGUA: O PODER DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

Carmen Elena das Chagas (UFF/UNESA)

carmenelena@bol.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua, na concepção da sociolinguística, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, mutante, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. É uma atividade social, um trabalho coletivo, produzido por todos os seus falantes, cada vez que eles se interagem por meio da fala ou da escrita.

A língua, “sistema de sons vocais por que se processa numa comunidade humana o uso da linguagem” (CÂMARA JR., 1968, p. 223), é renovação, pois expressa a vida. Se ela para, pode-se dizer que ela está morta, porque a história de uma língua é a história de um povo.

Nenhuma língua permanece uniforme em todo o seu domínio e ainda num só local apresenta um sem-número de diferenciações de maior ou menor amplitude. Porém estas variedades não prejudicam a unidade da língua ou a consciência daqueles que a utilizam como instrumento de comunicação ou emoção.

Existem tantas variedades linguísticas quantos grupos sociais que compõem uma comunidade de fala. Essa variação pode acontecer de formas diferentes, até mesmo dentro de um único grupo social. Porém, ela não é aleatória⁴⁷, fortuita ou caótica⁴⁸, pelo contrário, apresenta-se organizada e condicionada por diferentes fatores. Essa heterogeneidade ordenada tem a ver com a característica própria da língua: o fato de ela ser altamente estruturada e, sobretudo, um sistema que possibilita a expressão de um mesmo conteúdo informacional por meio de regras diversas, todas, igualmente, lógicas e com coerência funcional. É um sistema que proporciona aos falantes todos os elementos necessários para a sua plena interação sociocultural.

A variedade de uma língua que um indivíduo usa é determinada por quem ele é. Todo falante aprendeu, tanto a sua língua materna como uma particular variedade da língua de sua comunidade linguística e essa variedade pode ser diferente em algum ou em todos os níveis de outras variedades da mesma língua, aprendidas por outro falante dessa mesma língua. Tal variedade, identificada segundo essa dimensão, chama-se dialeto.

Nenhuma língua permanece estática. Ela apresenta variedades geográficas, sociais e individuais, já que o falante procura utilizar o sistema idiomático da melhor forma que convém. Com essas diferenciações não há prejuízo na unidade da língua, o que existe é a comunicação.

Na comunicação existe algo comum para o emissor e o receptor que lhes facilita a compreensão. Esse elemento é a norma linguística que ambos os interlocutores adquirem da comunidade. A norma é instável, pois está presa à estrutura político-social e pode mudar no curso do tempo se o indivíduo mudar de um grupo social. A fala é a imagem de uma norma e varia de usuário para usuário. Dessa forma, é uma ilusão acreditar que a língua possa um dia parar, pois ela é a imagem e a voz de um povo.

VARIEDADES LINGUÍSTICAS

A história da língua portuguesa mostra muitas variedades linguísticas dentro do grande território brasileiro. Do norte ao sul se fazem presentes o falar amazônico, o nordestino, o baiano, o mineiro, o fluminense, o sulista entre outros que se subdividem, formando uma vasta diversidade.

Há duas línguas no Brasil: Há duas línguas no Brasil: uma que se escreve (e que recebe o nome de “português”); e outra que se fala (e que é tão desprezada que nem tem nome). E é esta última que é a língua materna dos brasileiros; a outra (“o português”) tem de ser aprendida na escola, e a maior parte da população nunca chega a dominá-la dequedamente. (PERINI, 2001)

Na realidade não existe sistema escrito capaz de reproduzir fielmente a riqueza da língua falada. O que acontece é que existem graus de diferença nesta distância entre as duas formas da língua. As diferenças entre essas formas se acentuam dentro de um *continuum* tipológico (BIBER, 1988) que vai do nível mais informal ao mais formal, passando

⁴⁷ Aleatório: Que depende das circunstâncias, do acaso, de fatores incertos, ou que ocorre por acaso ou por acidente; FORTUITO; CASUAL.

⁴⁸ Caótico: Em estado ou situação de caos; totalmente confuso e desordenado (trânsito caótico).

por graus intermediários. A informalidade consiste em apenas uma das possibilidades de realização, não só da língua falada, como também da língua escrita.

A civilização tem dado uma importância extraordinária à escrita e, muitas vezes, quando nos referimos à linguagem, só pensamos nesse seu aspecto. É preciso não perder de vista, porém, que lhe há ao lado, mais básica, uma expressão oral, porque “o homem é apenas metade de si mesmo; a outra metade é a sua expressão” (CÂMARA JR., 2001, p. 164).

O nacionalismo busca as origens sem perder a visão crítica da realidade brasileira. É uma forma de repensar a literatura, a valorização do falar cotidiano, numa busca do que seria a língua brasileira “como falamos e como somos”. É uma análise crítica da sociedade burguesa capitalista, consciente e de denúncia, porque, na realidade, não é a elite que muda a linguagem e, sim o povo, pois necessita da mudança, a elite apenas a aceita.

A linguagem é uma atividade de interação social, ou seja, é uma manifestação de competência comunicativa, definida como capacidade de manter a interação social mediante a produção e o entendimento de textos que funcionam comunicativamente.

Essa linguagem possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas também comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais, anteriormente, inexistentes.

Essas diversas dimensões da linguagem não se excluem. Não é possível dizer algo a alguém sem ter o que dizer. E ter o que dizer, por sua vez, só é possível a partir das representações construídas sobre o mundo.

A comunicação com as pessoas permite, conseqüentemente, a construção de novos modos de compreender o mundo e de novas representações sobre ele. Mas se um dos interlocutores ouve a fala do outro e, não compreende inteiramente, isto é, não percebe suas “intenções”, a comunicação não se dá de forma plena. Para uma pessoa se comunicar por meio da língua, além de conhecer seu vocabulário e suas leis combinatórias, ela necessita, também, perceber a situação em que se dá a comunicação, isto é, ter consciência do seu “contexto”.

O contexto é parte da representação mental que envolve uma gama muito grande de conhecimentos e informações. São a nossa visão de mundo e a organização mental como situações estereotipadas e sem ordenação que decidem se as condições necessárias à adequação dos atos de fala foram, realmente, preenchidas ou não. Esses atos de fala referem-se a atitudes passadas ou futuras do falante/ouvinte, pois funcionam como princípios através dos quais as atitudes são controladas e comentadas ou podem até ser usados com o objetivo de fornecer informações sobre essas atitudes.

Fica óbvio que quando o indivíduo passa a ter contato com outras pessoas, percebe que nem todos falam como eles ou como seus parentes mais diretos. Existem pessoas que falam diferente por serem de outras famílias, de outras cidades ou de outras regiões do país. Essas modalidades de nossa língua são chamadas de variantes linguísticas que apresentam mudanças em razão das condições etárias, sociais, culturais e regionais dos indivíduos que a compõem.

Todas as variedades linguísticas são eficazes na comunicação verbal e possuem valor nas comunidades em que são faladas. Por isso, não existe um jeito certo de falar, nem um dialeto superior a outro. “Quando se fala do exemplar correto, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto” (BECHARA, 1991, p. 51).

Assim sendo, a linguagem é um fator de discriminação social, pois as diversidades linguísticas provocam preconceitos dos falantes de uma variante mais elitizada aos falantes de uma variante menos favorecida, ocasionando dificuldades por estes últimos.

Bernstein reafirma: Numa sociedade dividida em classes, pode-se identificar a existência de duas variedades linguísticas, dois “códigos”, determinados pela forma social: o “código elaborado” e o “código restrito”. Estes diferentes códigos resultariam da diferença entre os processos de socialização que ocorrem nas várias classes sociais (BERNSTEIN, 1971, p. 83). Segundo o autor, há a existência de diferentes tipos de linguagem, determinados pela origem social, assim o uso da linguagem é função do sistema de relações sociais. A consequência é que diferentes “códigos” linguísticos criam para o falante, diferentes ordens de relevância e de organização da realidade, isto é, a estrutura social que determina o comportamento linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a língua é considerada reflexo da cultura e determinante de formas de pensamento, o código linguístico não apenas reflete a estrutura de relações sociais, mas também a regula. O homem aprende a ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala. Se a consciência é constituída a partir dos discursos assimilados por cada membro de um grupo social e se o homem é limitado por relações sociais, não há uma individualidade de espírito nem uma individualidade discursiva absoluta. A organização que os interlocutores

associam a um determinado discurso é um reflexo da forma pela qual o conteúdo é visto como coeso pelo ouvinte, ficando, assim, armazenado em sua mente.

Outros fatores que contribuem para a representação mental que os ouvintes têm do discurso são os conhecimentos prévios de como as coisas acontecem no mundo real, juntamente, com as suas expectativas sobre o que o falante pretende dizer. As representações mentais não ficam limitadas apenas à compreensão do discurso, mas são instrumentos mais gerais e fundamentais à cognição⁴⁹ humana.

Discurso, aqui, é o modo de “criar representações comparáveis àquelas que derivamos da nossa percepção direta do mundo” (JOHNSON-LAIRD, 1983, p. 397). O enunciador é o suporte dessas relações, vale dizer, de discursos que constituem a matéria-prima com que elabora a sua fala. Seu dizer é a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social. Não é livre para dizer, mas coagido, dessa forma, a dizer o que seu grupo diz. “O discurso é, pois, o lugar das coerções sociais” (FIORIN, 1988, p. 42). O indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele fale. Assim a posição do falante no mercado linguístico só modifica quando o seu discurso lhe conferir autoridade, poder e dominação.

O sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa. A sua fala revela mais do que o pensamento do falante, revela, também, o seu nível cultural, a sua posição social, a sua capacidade de adaptação a certas situações, sua timidez, enfim, a sua forma de ser e ver o mundo.

Dessa forma, falar mesmo, dizer o mundo, suas vidas, seus desejos e prazeres, dizer coisas para transformar, dizer o seu sofrimento e suas lutas para fazer, mudar e vencer, é tarefa, ou melhor, é pré-requisito para uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática*. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 1991.
- BERNSTEIN, Basil. Comunicação verbal e socialização. In. COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1971.
- BIBBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PERINI, Mario A. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 2001.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- JOHNSON-LAIRD, P. N. *Mental model*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

⁴⁹ Cognição: 1. Ação ou resultado de ter ou adquirir conhecimento. 2. Capacidade ou processo de adquirir e assimilar percepções, conhecimentos etc.

8.

A Família de

LUCY MEIRELLES VILLELA

comunica seu falecimento, dia 15.06 e convida para a missa de sétimo dia que será realizada, 2ª feira, dia 21.06 às 19,00 horas, na Capela da PUC, Rua Monte Alegre, nº 948.

FSP 20/06/2010

que tomba, por decisão do espiritual americano Prenti- no que há dentro da gente.

INFORME PUBLICITÁRIO

A família SOS Mata Atlântica,
com profundo pesar, comunica o iminente falecimento do

SEU FUTURO

a ocorrer nos próximos dias, nas reuniões da Comissão Especial sobre o Código Florestal. O velório acontece no Congresso Nacional e a vítima é toda a população deste País, que corre o risco de entregar sua imensa riqueza natural e a garantia de bens essenciais como a água a interesses econômicos de alguns poucos setores da sociedade.

Registre suas condolências no site www.conexaososma.org.br

FSP 20/06/2010

10. Usuário arrependido

Prezado Técnico,

Há um ano e meio troquei o programa [Noiva 1.0] pelo [Esposa 1.0] e verifiquei que o programa gerou um aplicativo inesperado chamado [Bebê.exe] que ocupa muito espaço no HD.

Por outro lado, o [Esposa 1.0] se autoinstala em todos os outros programas e é carregado automaticamente assim que eu abro qualquer aplicativo. Aplicativos como [Cerveja_Com_A_Turma 10.3], [Noite_De_Farra 2.5] ou [Domingo_De_Futebol 2.8] não funcionam mais, e o sistema trava assim que eu tento carregá-los novamente.

Além disso, de tempos em tempos um executável oculto (vírus) chamado [Sogra 1.0] aparece, encerrando abruptamente a execução de um comando. Não consigo desinstalar este programa. Também não consigo diminuir o espaço ocupado pelo [Esposa 1.0] quando estou rodando meus aplicativos preferidos. Eu gostaria de voltar ao programa que eu usava antes, o [Noiva 1.0], mas o comando [Uninstall.exe] não funciona adequadamente.

Poderia ajudar-me? Por favor!

Ass: Usuário Arrependido

Resposta:

Prezado Usuário,

Sua queixa é muito comum entre os usuários, mas é devido, na maioria das vezes, a um erro básico de conceito.

Muitos usuários migram de qualquer versão [Noiva x.0] para [Esposa 1.0] com a falsa ideia de que se trata de um aplicativo de entretenimento e utilitário. Entretanto, o [Esposa 1.0] é muito mais do que isso: é um sistema operacional completo, criado para controlar todo o sistema. É quase impossível desinstalar [Esposa 1.0] e voltar para uma versão [Noiva x.0], porque há aplicativos criados pelo [Esposa 1.0], como o [Filhos.com], que não poderiam ser deletados, ocupam também muito espaço e não rodam sem o [Esposa 1.0]. É impossível desinstalar, deletar ou esvaziar os arquivos dos programas depois de instalados. Você não pode voltar ao [Noiva x.0] porque [Esposa 1.0] não foi programado para isso.

Alguns usuários tentaram formatar todo o sistema para em seguida instalar a [Noiva Plus] ou o [Esposa 2.0], mas passaram a ter mais problemas do que antes (leia o capítulo "Cuidados Gerais" referente a "Pensões Alimentícias" e "Guarda das crianças" do software [CASAMENTO]).

Uma das melhores soluções é o comando (DESCULPAR.EXE/flores/all] assim que aparecer o menor problema ou se o micro travar. Evite o uso excessivo da tecla [ESC] (escapar). Para melhorar a rentabilidade do [Esposa1.0], aconselho o uso de [Flores 5.0], [Férias_No_Caribe 3.2] ou [Jóias 3.3]. Os resultados são bem interessantes. Mas nunca instale [Secretária_De_Minissaia 3.3], [Namoradinha 1.2] ou [Turma_Do_Chopp 4.6], pois não funcionam depois de ter sido instalado o [Esposa 1.0] e podem causar problemas irreparáveis no sistema. Se você tivesse procurado o suporte técnico antes de instalar o [Esposa 1.0], a orientação seria: NUNCA INSTALE O [ESPOSA 1.0].

Agora... Boa sorte!

Suporte Técnico

11.

Bula do homem

Indicações:

Homem é recomendado para mulheres portadoras de SMS (Síndrome da Mulher Sozinha). Homem é eficaz no controle do desânimo, da ansiedade, irritabilidade, mau humor, insônia, etc.

Posologia e Modo de Usar:

Homem deve ser usado três vezes por semana. Não desaparecendo os sintomas, aumente a dosagem ou procure outro.

Homem é apropriado para uso externo ou interno, dependendo da necessidade da mulher.

Precauções:

Mantenha longe do alcance de amigas (vizinhas solitárias, loiras e/ou morenas sorridentes, etc.). Manuseie com cuidado, pois Homem explode sob pressão, principalmente quando associado a álcool etílico. É desaconselhável o uso imediatamente após as refeições.

Apresentação:

Mini, Max, Super, Mega, Plus ou Super Mega Max Plus.

Conduta na Overdose:

O uso excessivo de Homem pode produzir dores abdominais, entorses, contraturas lombares, assim como ardor na região pélvica.

Recomenda-se banho de assento, repouso e contar vantagem para a melhor amiga!

Efeitos Colaterais:

O uso inadequado de Homem pode acarretar gravidez e acessos de ciúmes. O uso concomitante de produtos da mesma espécie pode causar enjoo e fadiga crônica.

Prazo de Validade:

O número do lote e a data de fabricação encontram-se na cédula de identidade e no cartão de crédito.

Composição:

Água, tecidos orgânicos, ferro e vitaminas do Complexo P.

Atenção:

Homem não contém SEMANCOL. Cuidado! Existem no mercado algumas marcas falsificadas, a embalagem é de excelente qualidade, mas, quando desembulhado, verifica-se que não fará efeito nenhum, muito pelo contrário, o efeito é totalmente oposto, ou seja, além de não serem eficazes no tratamento podem agravar os sintomas.

Instruções para o Perfeito Funcionamento:

1. Ao abrir a embalagem, faça uma cara neutra, não se mostre muito empolgada com o produto. Se ficar muito seguro de si, Homem não funciona muito bem, vive dando defeito.
2. Guarde em lugar fresco (fedorento não dá) e seguro (pois é frágil).
3. Deixe fora do alcance de amigas.
4. Para ligar, bastam uns beijinhos no pescoço pela manhã; para desligar, basta uma noite de sexo, ele dorme como uma pedra e nem dá boa noite (falta de educação é defeito de fábrica).
5. Programe-o para assinar talões de cheque sem reclamar.
6. Carregue as baterias três vezes por dia: café, almoço e jantar (Mais que isso provoca pneuzinhos indesejáveis).
7. Em caso de defeito, algumas táticas costumam dar certo: esconda o controle remoto da televisão. Se a falha insistir, corte o futebol com os amigos no final de semana e o chopp. Se o problema persistir, a única maneira é fazer greve de SEXO.

Para finalizar:

Homem não tem garantia de fábrica e todas as espécies são sujeitas a defeitos. A solução é ir trocando até que ache o modelo ideal, contudo recentes pesquisas informam que este não foi inventado ainda.



M. C. Escher – *Délivrance* (1955)